



Comissário
Santinhos:

**Generais
continuam
a dirigir
a PSP**

pag. 8

Assalto frustrado a banco em Portimão

Polícia perseguiu e apanhou dois elementos das FP-25

Onze elementos da PSP de Portimão prenderam ontem à tarde os quatro elementos que instantes antes tinham assaltado com êxito a agência do BNU na Praia da Rocha, tendo dois deles ficado feridos durante a operação e a troca de tiros que se travou entre polícias e la-

drões. Dois dos atacantes foram identificados pela PJ como membros das FP-25: trata-se de Aldino Francisco Mendes Pinto e Manuel Maria Couto Ferreira. Os três indivíduos que de cara descoberta entraram no banco e chegaram a alvejar o caixa, António Trindade, saí-

ram das instalações com vinte mil contos que a PSP recuperou. Dois dos assaltantes foram feridos durante a perseguição policial, um deles com bastante gravidade, se bem que esteja livre de perigo no Hospital de Portimão.

Pág. 7

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 760

Quinta-feira, 16 de Maio de 1985

Preço 40\$00

Lemos Ferreira em entrevista ao "DL"

Ser-se candidato para quê?

Lemos Ferreira, 55 aos, chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas. Em alguns círculos políticos, tem-se acenado com a hipótese da sua candidatura à Presidência da República. Em entrevista ao «Diário de Lisboa», Lemos Ferreira evita uma resposta directa a esta possibilidade. Fica apenas claro que não será candidato «numa perspectiva de promoção social e de ambição pessoal». Mas um projecto nacional, em torno de uma candidatura, poderá mobilizar Lemos Ferreira? «São mais importantes, indispensáveis e urgentes os projectos do que as pessoas». Mas é «evidente que um determinado tipo de projecto requer um determinado tipo de pessoas». E qual poderá ser este projecto? «Um possível caminho democrático no sentido de uma profunda melhoria das estruturas (...) carecidas de reformulação, bem como a correcção de alguns processos condenáveis que marcam a nossa vida colectiva, entre eles a corrupção». Porta aberta para Belém ou simples reafirmação de que a «instituição militar não é indiferente aos grandes actos nacionais?»

Págs. 4 e 5



Um potencial candidato?

Lei do arrendamento também tem contratos a prazo

Terminou ontem à noite a discussão na comissão parlamentar especializada da Lei das Rendas que acabou por consagrar uma proposta do Governo que contempla a possibilidade de introduzir contratos a prazo no arrendamento para a habitação.

Inicialmente, a proposta do Executivo apontava para um prazo mínimo de arrendamento de sete anos, altura a partir da qual o senhorio podia denunciar o contrato, ficando o locatário sem direito a qualquer indemnização. No entanto, na Comissão este prazo foi diminuído para cinco anos.

A instituição dos contratos a prazo no arrendamento são explicados pela existência de um «mercado de conjuntura» e para incentivar o aluguer «dos prédios urbanos que estejam aptos a ser habitados através da competente licença de habitabilidade e que nunca tenham sido objecto de arrendamento».

Esta manhã, perto de Campolide

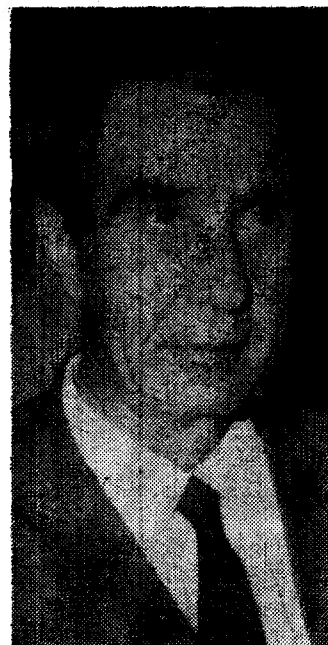
Choque de comboios dá 70 feridos



Uma das carruagens ficou impossibilitada de circular, os mais afectados foram imediatamente retirados por pessoal da CP

O choque de comboios verificado pouco depois das 8 horas da manhã de hoje, entre as estações da Cruz da Pedra e de Campolide, em Lisboa, saldou-se por quatro ou cinco feridos de certa gravidade, mas cujo estado não inspira cuidados. No total, quase setenta passageiros passaram pelos hospitais de São José e Santa Maria, mas a grande maioria deles sofria apenas de ligeiras escoriações e crises de nervos, pelo que lhes foi dada alta. Entretanto, a nossa reportagem no local pode verificar a existência de graves lacunas no encaminhamento de socorros para o local que, apesar de difícil acesso, se encontra apenas a trezentos metros da estação de Campolide. A circulação foi restabelecida na linha de Sintra cerca das 10h00 e as causas do acidente estão ainda por determinar oficialmente.

Pág. 11



DL Ler/Escrever

**Luís Veiga
Leitão**

**— 70 anos
de poesia**

Na Faculdade de Letras

Homenagem ao professor Mello Moser

A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Clássica) promoveu uma homenagem ao professor doutor Fernando de Mello Moser que presidiu no seu Conselho Científico e faleceu quando exercia o cargo de presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Na homenagem, presidida pelo Reitor da Universidade Clássica, professor doutor Toscano Rico, usaram da palavra os professores doutores Malaca Casteleiro, Maria Helena Prieto, João Flor, Pina Martins, Fernando Cristóvão. A professora doutora Maria Helena Mira Mateus, presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras, leu o texto que reproduzimos.

Senhor Reitor
Caros Colegas e Estudantes,
Senhoras e Senhores

Neste dia que escolhemos para homenagear Fernando de Mello Moser, na recordação ainda recente e já distante da sua morte; neste dia em que fazemos juntos uma reflexão sobre as razões por que ele nos lembra, ocorrem-me outras homenagens em que participei, igualmente vividas com emoção. E pergunto-me se é verdade a popular afirmação de que são os melhores que desaparecem mais cedo, ou se, não o sendo, eles se transfiguram na nossa memória, ou se, afinal, as instituições a que pertencemos e aqui representamos, sabem reconhecer aquele verdadeiro valor humano que, no estar com os outros, distingue os homens entre si. E porque a sociedade ainda não inventou forma de subsistir dispensando as instituições — que a definem e nela se definem —, acredito que estas, mais tarde ou mais cedo, encontram o momento próprio de justamente louvarem os que a elas se dedicaram. Será talvez optimismo iludido, mas de outro modo não posso

entender a homenagem que hoje prestamos a Fernando de Mello Moser.

Ao referir os aspectos mais notórios da actividade profissional do professor Moser, forçoso é reconhecer que, no funcionamento regular da Faculdade de Letras, muitos professores, como ele, trabalharam e trabalham no âmbito da Literatura Inglesa, investigando e ensinando; alguns, pelos outros escolhidos, têm sido, como ele, presidentes do Conselho Científico. E no domínio mais vasto do espaço cultural português, o lugar de presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa que ele ocupou, será ainda preenchido por muitas outras pessoas, esperando nós que perdure essa importante instituição.

O que distinguia, então, a forma de estar de Fernando Moser, o que fazia com que o reconhecessemos, agindo com uma inalterável coerência, nas funções prestigiantes de que foi investido, e em que felizmente, ainda durante o seu exercício, todo o mérito lhe foi reconhecido?

Uma tranquila e leal relação com os outros, qualidade rara e nele evidente. Uma ainda

mais rara procura de agir com equidade e justiça, decorrente do respeito que lhe mereciam todos aqueles por quem era responsável — independentemente de desacordos profissionais, sociais ou ideológicos, na única e constante exigência, para si e para os outros, de uma atitude marcada pela seriedade e pela honestidade.

O investigador rigoroso e seguro que foi Fernando Moser consolidou a acção pedagógica do professor — e quantos dos que ficaram para continuar ensinamentos hoje se reclamam, ou caladamente se reconhecem, como seus discípulos!

Para além da marca estimulante que deixou na Universidade portuguesa, é-nos grato lembrar ainda que fora de Portugal também o seu prestígio foi reconhecido, o que nem sempre estão em relação directa com o real valor daqueles que no nosso país são admirados.

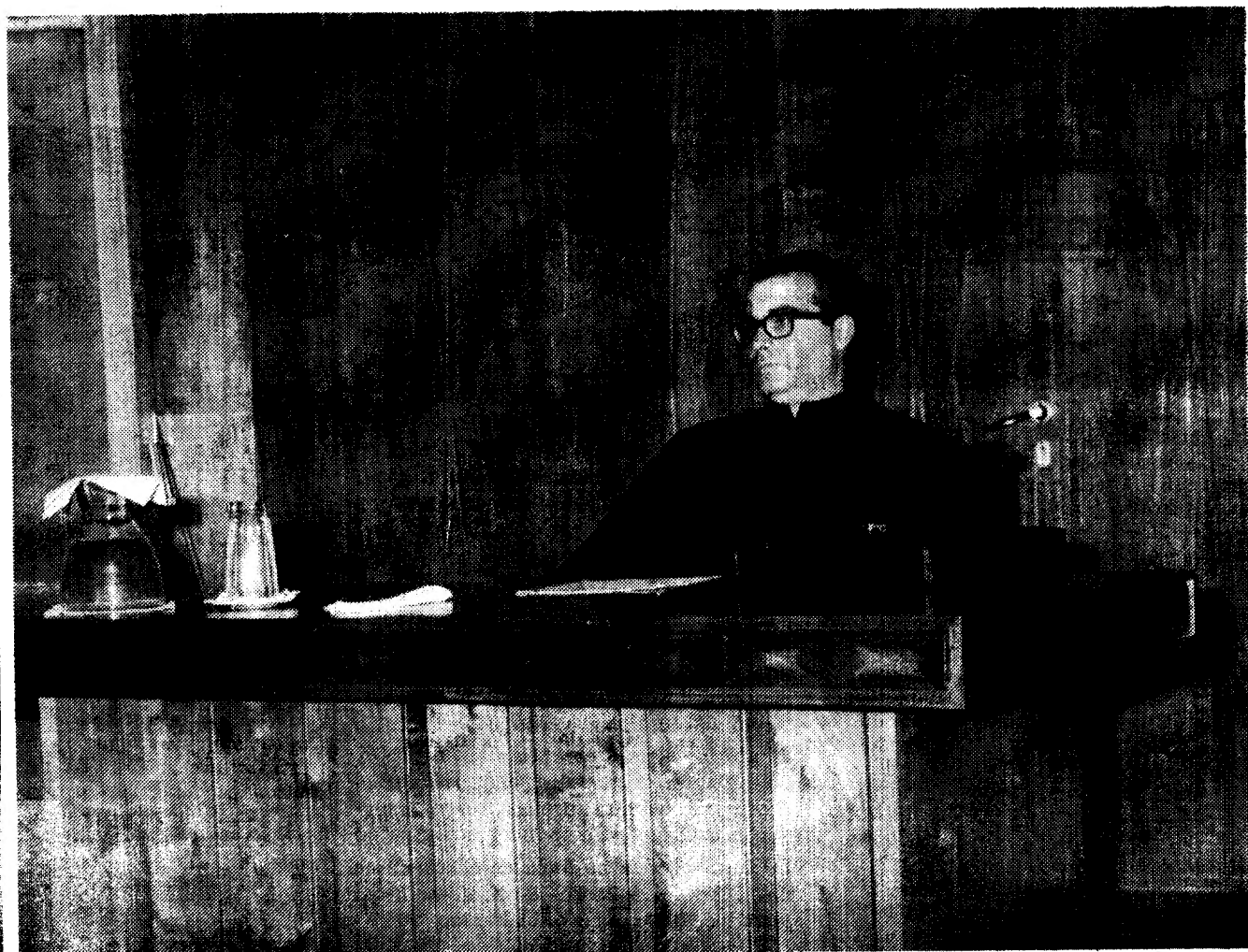
Muitos momentos difíceis, confusos e cheios de emoção vivemos juntos, nós os que habitamos esta Escola há mais de 10 anos, radicalizando-nos nas nossas posições que convictamente julgávamos as únicas

correctas, dramaticamente decisivas. Nesse contexto em turbilhão Fernando Moser soube sempre conservar uma calma coerência de actuação, convivendo no respeito por uns e outros, sem se demitir de ser, sem necessitar de se iludir, de nos iludir.

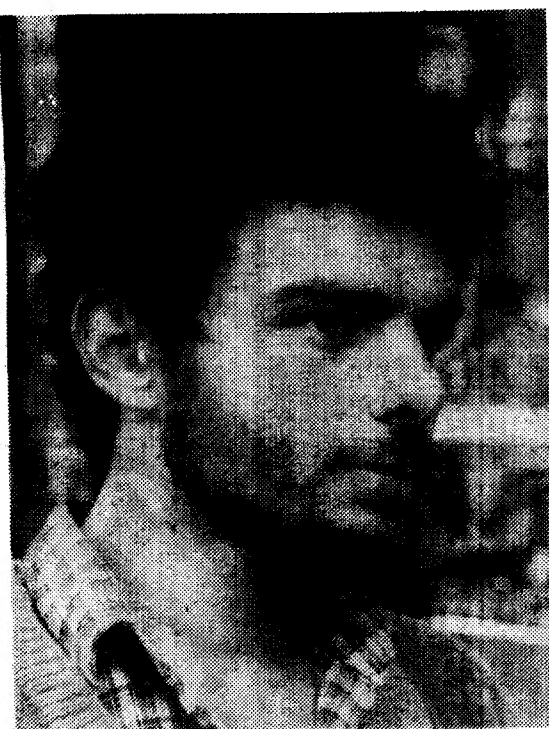
Muitas vezes o recorde na hora em que os pequenos/grandes conflitos emergem, emocionalmente confundidos, pois estou certa de que a sua inteligente presença serena os colocaria no seu lugar relativo, com uma preocupação, que acima de tudo me é grata, da actuação justa e da defesa dos que menos podem.

Como presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras, como elemento integrante de uma instituição que considero merecer a minha luta e a minha dedicação, sinto que hoje ela se euriqueceu com a homenagem que presta ao seu professor. E isto porque, se algo justifica a vida de uma instituição cuja acção parte dos homens e para eles se dirige, esse algo é justamente o facto de a instituição saber escolher aqueles que publicamente homenageia, aqueles que, como Fernando de Mello Moser, a valorizaram no campo científico e, mais importante porque mais raro, no exemplo do respeito que homens e mulheres de devem uns aos outros.

Maria Helena Mira Mateus



Prof. Fernando de Mello Moser



José Carlos, 22 anos, estudante

“A arquitectura influencia o bem-estar das pessoas”

— O que estuda?
— Estou no 3.º ano de Arquitectura.
— Porque escolheu esse curso?
— Acho que foi uma questão de educação, pois desde pequeno que fui motivado para as artes.
— Qual a sua opinião sobre a arquitectura de Lisboa?

— Penso que tem pontos fracos e pontos bons. Certas zonas estão degradadas e por conseguinte deviam ser restauradas. No entanto outras há que o foram, mas mal, como é o caso da Avenida da República, onde se deitaram abaixo prémios Valmor para construir prédios que nem estão integrados na paisagem. Acho que ainda há muito por fazer e devia-se assentar em projectos feitos por arquitectos e não por pessoas não capazes, como é o caso de desenhadores e engenheiros.

— Como estudante de Arquitectura, qual seria o projecto ideal para Lisboa?

— Penso que seria aquele que deixasse a cidade crescer, mas de forma a dar vazão ao tráfego e à vida das pessoas, de forma a que elas se sentissem felizes e em harmonia com o espaço, isto de um ponto de vista geral. Do ponto de vista particular, as obras deviam ter em si uma razão constante de integração na paisagem, de modo a que qualquer prédio se integre no sítio para onde foi projectado, pois isto é que é arquitectura.

— Acha que esses princípios têm sido respeitados?

— Penso que não e a meu ver o problema é que 90% dos projectos em Portugal são realizados por pessoas que não são entendidas no assunto e fazem coisas menos válidas para a arquitectura portuguesa. Mas pode ser que com a entrada na CEE, e já que se tenta pôr Portugal ao nível dos restantes países da Europa, isso deixe de acontecer.

— Concorda com a nossa entrada na CEE?

— Acho que é uma aposta que se faz, e à partida estou confiante. Podiamos ter virado para outros pontos do globo, como por exemplo para África, mas já que escolhemos a Europa vamos ver se conseguimos atingir o nível de desenvolvimento dos outros países. Em suma, concordo.

— Se pudesse governar o que começava por mudar?

— Acima de tudo a arquitectura, pois ela influencia o bem-estar das pessoas.

— Como faria?

— A primeira coisa, o ponto mais lógico, era provocar a obrigatoriedade dos projectos serem feitos por arquitectos. Depois procurava fazer o levantamento da arquitectura portuguesa, talvez por zonas, o que teria uma função didáctica para os alunos da ESBAL, para que não saíssem de lá arquitectos que só sabem funcionar em termos de cidade. Eu próprio sinto o problema de acabar o meu curso, querer ir para a minha terra que é perto de Viseu e ver que vou ter dificuldades para fazer as minhas obras dialogarem com o que as envolve.

— É uma falha dos cursos de Arquitectura em Portugal?

— Sim, a meu ver é um dos pontos que o curso toca ao de leve e que devia ser aprofundado.

A ineficácia e incapacidade do actual governo

Ernesto Cartaxo (*)

Os salários em atraso constituem um dos mais graves, senão o mais grave problema que afectou os trabalhadores portugueses e, de um modo geral, toda a população. Problema que se arrasta desde 1983 e se mantém extremamente actual tendo atingido a sua maior intensidade no ano passado.

A degradação das condições de vida dos portugueses naquele ano, de que se deve destacar uma taxa de inflação de 30% e uma quebra dos salários reais de 13%, encontra, em larga medida, a sua manifestação mais gritante no não pagamento generalizado das retribuições do trabalho. Foram largos milhares de famílias que angustiadamente viam chegar o final dos meses e não viam chegar o salário.

Um breve balanço desta situação demonstra que mais de 200 000 trabalhadores em cerca de 1000 empresas tiveram salários em atraso.

Este breve balanço reproduz apenas parcialmente a realidade, já que esta apresenta traços de maior gravidade. Aliás, os números referidos não dão conta da totalidade do território nacional, pois dizem respeito apenas a 16 distritos do continente e não se consideram as regiões autónomas, onde o problema da falta de salários se vem apresentando em progressiva generalização.

A verdade é que em todas as regiões do País os trabalhadores se confrontam com esta situação e, à excepção da banca e seguros, em todos os ramos de actividade, incluindo a Administração Pública, ela existe. Vejamos o quadro seguinte:

Variação do n.º de trabalhadores e de empresas c/salários em atraso em 1984

DISTRITOS	N.º EMP.	N.º TRAB.
AVEIRO	14 - 50	2 500 - 4 500
BEJA	3 - 10	400 - 1 000
BRAGA	70 - 150	7 000 - 11 000
CASTELO BRANCO	15 - 30	1 500 - 4 500
COIMBRA	28 - 40	2 500 - 3 500
ÉVORA	3 - 30	1 000 - 2 000
FARO	11 - 15	1 000 - 2 500
LEIRIA	35 - 45	4 000 - 8 500
LISBOA	137 - 170	22 000 - 40 000
PORTALEGRE	1 - 15	100 - 1 500
PORTO	79 - 110	18 000 - 30 000
SANTARÉM	25 - 80	5 000 - 8 000
SETÚBAL	54 - 120	20 000 - 40 000
VIANA CASTELO	1 - 2	100 - 500
VILA REAL	0 - 10	0 - 1 000
VISEU	0 - 10	0 - 1 000

O atraso no pagamento dos salários é muito variável, oscilando entre os 15 dias e os 24 meses; porém cerca de 70% dos trabalhadores tinham no final do ano um atraso inferior a 3 meses.

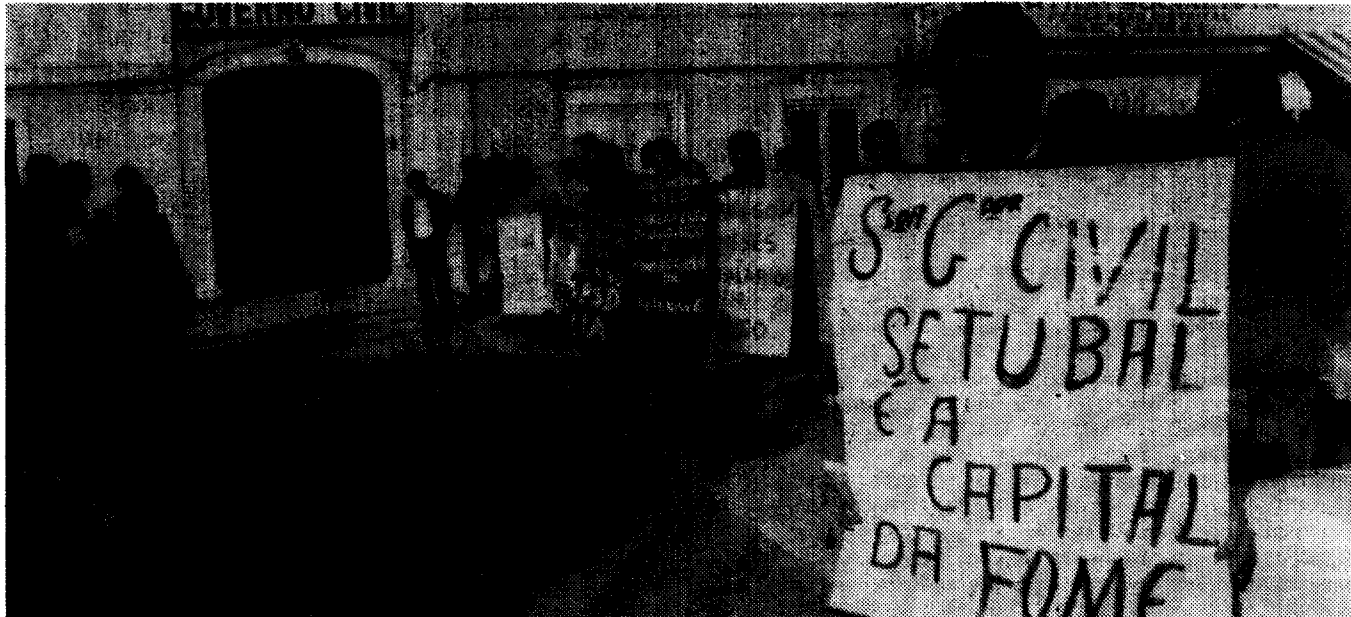
A dívida acumulada

Diversas vezes, a CGTP-IN afirmou que não pagar salários é a alternativa eficaz e menos onerosa — na óptica empresarial — de autofinanciamento e acumulação de capital. Na verdade, só nos distritos de Lisboa, Porto, Setúbal e Santarém, que representam cerca de 70% do total de trabalhadores sem salários, a dívida acumulada representava, no final de 1984, 9 700 000 contos o que, para os 73 000 trabalhadores em causa representava uma dívida média por trabalhador de 191 contos em Lisboa; 84 contos no Porto; 120 em Setúbal e 125 em Santarém. O mesmo é dizer que, em média, cada trabalhador tinha em atraso: Lisboa-7 meses; Porto-4; Setúbal-5; Santarém-6.

Deve acrescentar-se que, entre Janeiro e Outubro daquele ano, a dívida acumulou: 110% em Lisboa, passando de 2 milhões para 4,2 milhões; + 87% no Porto, de 0,8 milhões para 1,5 milhões; + 50% em Setúbal, de 2 milhões para 3 milhões; + 100% em Santarém, de 0,5 milhões para 1 milhão.

Considerando apenas estes valores o patronato teria arrecadado mais de 3 milhões de contos de juros pelas remunerações não pagas.

Se ao não pagamento das re-



Setúbal tem sido o distrito mais flagelado pelos salários em atraso: esta foto, de arquivo, regista uma manifestação de trabalhadores da Setenave e da Lisnave junto ao Governo Civil

munerações acrescentarmos os inúmeros subsídios atribuídos às empresas para manutenção dos postos de trabalho e pagamento dos salários em atraso, bem como as contribuições devidas à Segurança Social (100 milhões de contos) não é difícil verificarmos quanto o patronato tem lucrado com esta situação!

A este propósito, e como se encontra em curso um inquérito à Secretaria de Estado do Emprego e Formação Profissional por irregularidades cometidas na atribuição destes subsídios, convém assinalar que o secretismo com que se efectuam a generalidade de tais operações impedem um conhecimento mais profundo da sua dimensão. Contudo, o secretário de Estado do Trabalho, Vítor Ramalho, reconhecia publicamente, em Abril do ano passado que, 113 empresas com um total de 32 000 trabalhadores, tinham sido subsidiadas pela Secretaria de Estado do Emprego em mais de 3,2 milhões de contos, mas que se mantinha uma dívida de 2,2 milhões.

As responsabilidades do Governo

Insistentemente a CGTP-IN afirmou que o primeiro e verdadeiro responsável por esta calamidade é o Governo.

Na nossa opinião, esta responsabilidade move-se em dois planos. Por um lado, a que decorre da ausência de medidas eficazes tendentes a erradicar este cancro da sociedade portuguesa; por outro lado, o não pagamento dos salários nas empresas do sector empresarial do Estado.

No que toca ao primeiro aspecto haverá que referir três questões de valor e conteúdo diverso: por um lado, o Despacho Normativo 35/84 e o Fundo de Garantia Salarial; por outro, o Plano de Emergência para o distrito de Setúbal e a pretensa melhoria dos meios de intervenção da fiscalização do trabalho.

Em relação ao Despacho

Normativo 35/84 de equiparação à situação de desemprego involuntário dos trabalhadores com salários em atraso nas empresas paralisadas, e ao Fundo de Garantia Salarial, revelaram-se ambos perfeitamente ineficazes, por exemplo, só um escasso número de empresas recorreu ao Despacho 35/84, não abrangendo mais de 2% dos trabalhadores sem salário.

Acerca do Plano de Emergência para o distrito de Setúbal, num total de 25 000 trabalhadores sem salário apenas 200, ou seja 1%, foi «beneficiado» — se benefício se pode falar, já que tal plano traduziu-se no seguinte: as crianças, filhas dos trabalhadores sem salários, tinham como dieta uma carcaça com duas rodela de tomate e uma fatia de fiambre...

Finalmente no que se refere à Inspeção do Trabalho (I.T.) é falso que da sua acção tenha havido situação alguma resolvida. Contrariamente, foi a oposição que os trabalhadores desenvolveram contra esta situação que aqui e além impôs a legalidade. Basta referir que cerca de 30% dos conflitos colectivos de trabalho verificados em 1984 tiveram na sua origem a falta de pagamento dos salários.

A contrariar as constantes afirmações de responsáveis do Governo de que são múltiplos os esforços para melhorar os meios da I.T. está por exemplo, um quadro previsional de quadros da I.T. no Algarve, que estabelece 35 elementos mas existem apenas 4 para todo o distrito; ou em Setúbal, onde de 142 pedidos de intervenção formulados por uma organização sindical, não houve intervenção em 105 e, dos 37 em que houve, não foram resolvidos 20; ou ainda no Porto, onde por vezes a falta de dinheiro para a gasolina deixa os conflitos «pendentes»...

É o próprio conselho de administração da OIT que reconhece, a propósito de queixa formulada pela CGTP-IN, a ineficácia da intervenção da

I.T. Porém, a responsabilidade do Governo, como anteriormente assinalámos, vai ainda mais longe quando é ele o primeiro a não pagar salários nas empresas do Sector Empresarial do Estado.

Na queixa apresentada à OIT, a CGTP-IN enuncia um conjunto de casos de não pagamento de salários nestas empresas. O Governo não negou mas também não confirmou que a CP, Monpor, Sorefame, ANOP, EPNC, Equimetal, Lisnave, Setenave, CPP, Gelmar, Messa, Cometna, nos quais é único, maioritário ou principal accionista, tiveram e algumas ainda têm salários em atraso.

Algumas manifestações sociais da falta de salário

É sobretudo ao nível das famílias e das regiões que a situação manifesta traços por vezes verdadeiramente alarmantes.

Se tivermos em conta que a dimensão média das famílias portuguesas, segundo os dados do recenseamento da população — INE, 1981, é de 3,33 indivíduos, e que uma elevada taxa de desemprego determina que apenas 1 ou 2 elementos do agregado familiar auferem rendimentos de trabalho, concluímos que a parte do salário terá afectado mais de 500 mil pessoas, inibindo-as de qualquer fonte de subsistência. Assim se explica o número infidél de suicídios cujo recorde foi atingido em 1984; o elevado índice de desescolarização de insucesso escolar; a subalimentação e fome autênticas; as falências sucessivas e generalizadas do pequeno comércio local, etc...

Os salários em atraso potenciam o desemprego e a precariedade de emprego

Os trabalhadores sem salários tornam-se, como é evidente, mais vulneráveis a aceitar condições que lhes sejam des-

favoráveis. Em muitos casos é o próprio posto de trabalho que se aceita alienar em troca de indemnização, ou da reforma antecipada.

A título de exemplo, uma amostra de 23 empresas com um volume total de emprego de 34 mil postos de trabalho, com salários em atraso, efectuada no ano passado demonstrou que só no decurso daquele ano tinham sido reduzidos 5400 p.t. ou seja — 16% do emprego inicial. São os casos típicos da Setenave — 19,3%; da Sorefame — 16%; da Cifa — 19,3%; na D. Ferreira — 11,5%; da Lisnave — 4%; etc.

Intimamente ligado a esta situação está o crescimento desmedido do aluguer de mão-de-obra que ao certo já ninguém sabe quantos são, e da contratação a prazo, que já atinge mais de meio milhão de trabalhadores.

A chantagem sobre a acção reivindicativa

Se é certo que, nalguns casos, o não pagamento das remunerações evidencia situações de dificuldade das empresas, é sobretudo verdade que na generalidade dos casos o que se pretende é atingir os trabalhadores, a sua organização e a sua acção colectiva.

Pretende-se criar o juízo nos trabalhadores de que não vale a pena reivindicar quando os salários não são assegurados, de que o exercício dos direitos sindicais só prejudicam a estabilidade das empresas etc...

No entanto, hoje tornou-se claro que os salários em atraso só se entendem no quadro de uma política de recuperação capitalista, de empobrecimento generalizado, em que os interesses do País são preteridos a favor do imperialismo.

É contra esta política que os trabalhadores portugueses, e cada vez mais sectores das populações, se lamentam engrossando visivelmente o caudal de oposição à política do Governo PS/PSD e o clamor nacional pela sua urgente demissão.

(*) Da Comissão Executiva da CGTP-IN

Na noite de quinta-feira, dia 23 de Maio, a engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo será a convidada do jantar promovido no Clube dos Empresários pelo Clube de Reflexão Política (C.R.P.). A engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo versará o tema «Mitos, factos e perspectivas da Democracia em Portugal». Dada a conjuntura política e a qualidade de eventual candidata à Presidência da República da engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo, a sua comunicação que, como é habitual nas reuniões do C.R.P., será seguida de debate, está a despertar grande interesse.



O representante da Organização de Libertação da Palestina (OLP) em Lisboa, Issam Beseiso, considerou que «falharam as tentativas de Israel para obstruir o acesso de Portugal e Espanha à CEE». Falando num colóquio subordinado ao tema «A causa palestiniana», que decorreu num hotel de Lisboa, o representante da OLP considerou igualmente positivo que o Governo de Lisboa não tenha ainda instalado uma representação diplomática portuguesa em Jerusalém ou Telavive, conforme pretendia Israel.

O Primeiro-Ministro, Mário Soares, jantou ontem na Embaixada do México em Lisboa com os embaixadores dos países latino-americanos acreditados em Portugal, a convite dos diplomatas. Hoje, o Primeiro-Ministro almoça com os embaixadores dos países africanos acreditados em Portugal, a convite destes.

O embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República de Cuba em Portugal, Armando Torres Santrayll, foi recebido pelo ministro do Trabalho e Segurança Social, Amândio de Azevedo, a quem veio apresentar cumprimentos de cortesia, aproveitando para a oportunidade entregar ao dr. Amândio de Azevedo, uma carta do ministro do Trabalho de Cuba.



A comitiva do Presidente da República na visita à China e à Jugoslávia deverá incluir cerca de 40 pessoas entre as quais o ministro dos Negócios Estrangeiros e a secretária de Estado do Comércio Externo. Jaime Gama e Raquel Ferreira serão os únicos membros do Governo na comitiva — disseram à ANOP fontes oficiais — que incluirá Manuel Teles, em representação da Associação Industrial Portuguesa, Ludgero Marques da Associação Industrial Portuense e o Industrial de Viseu, Duarte Gonçalves. O Presidente da República também levará convidados como é o caso do presidente da Fundação Gulbenkian, Azeredo Perdigão e a mulher e um representante da Câmara de Comércio Luso-Chinesa.

VISITARAM ontem a 1.ª Brigada Mista Independente, em Santa Margarida, 4 professores e 42 oficiais — alunos do Curso Geral de Guerra Aérea, o qual é ministrado no Instituto de Altos Estudos da Força Aérea. A visita teve como objectivo o conhecimento da organização, características, possibilidades e limitações da 1.ª Brigada Mista Independente, bem como o seu enquadramento no âmbito da Organização da NATO.



Antes que o PSD se reúna na Figueira da Foz...

Lemos Ferreira diz que não

(Julio Rodrigues (texto) Jose Tavares (fotos))

O general Lemos Ferreira não quer ser «apenas mais um nome a juntar a outros possíveis» na «corrida» para Belém. Sobre as próximas eleições presidenciais, o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, numa entrevista concedida ao «Diário de Lisboa» na sua casa, em Setúbal, pergunta: candidato para quê? E adianta uma opinião, considerando que são «mais importantes, indispensáveis e urgentes os projectos do que as pessoas.» Noutro passo das declarações feitas ao «DL» sublinha a importância da correcção de «alguns processos condenáveis» que marcam a nossa vida colectiva, entre eles a

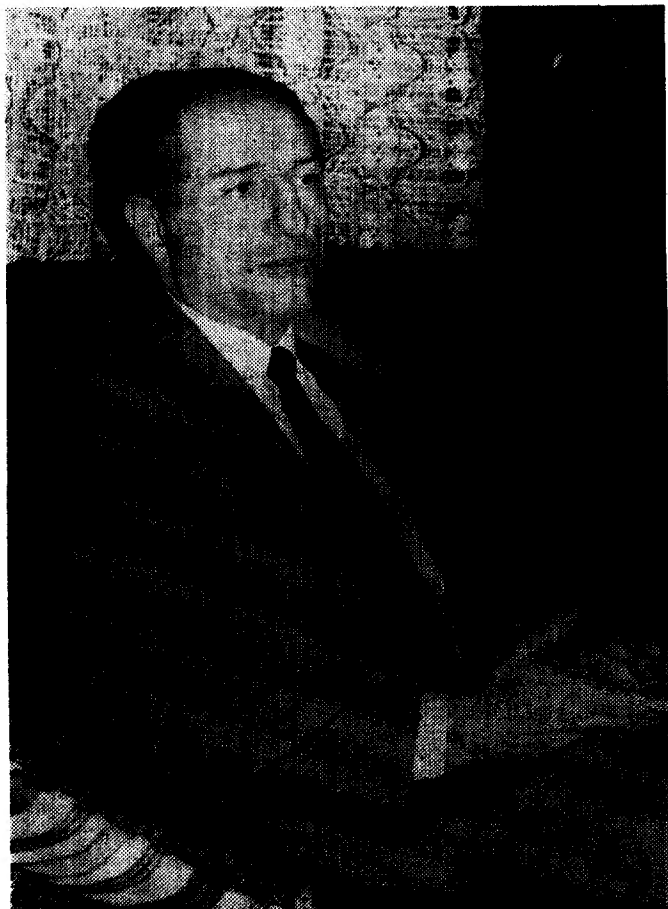
corrupção — facto que poderá ser uma ideia-força da sua campanha caso se candidate à sucessão do general Ramalho Eanes. Defendendo ainda nesta entrevista que o 25 de Abril, subscrito aos objectivos iniciais, prestigiou as Forças Armadas, o CEMGFA fala delas, dos seus problemas e necessidades com particular ênfase, afirmando que todos os seus ramos «carecem de modernização em maior ou menor grau», dependendo a sua avaliação das análises relacionadas com a estrutura e composição das forças que decorrerá dos planos gerais de defesa e da sua integração em vários outros factores.»

— Admite eventualmente ser candidato à Presidência da República? — começou por perguntar o «Diário de Lisboa» ao general Lemos Ferreira.

— Numa perspectiva de promoção social e de ambição pessoal a resposta será sempre não. Por outro lado, a hipótese apresentada coloca de imediato e em relação a quaisquer eleições a pergunta de ser-se candidato para quê? Apenas mais um nome a juntar a outros possíveis? Em todas as circunstâncias, crê-se que são mais importantes, indispensáveis e urgentes os projectos do que as pessoas, embora seja evidente que um determinado tipo de projecto requer um determinado tipo de pessoas que tenham capacidade e vontade de realizá-lo, e não outras diferentes. Por fim, a necessidade de reestruturação profunda e urgente reclamada por vários sectores tem já aceitação pública generalizada, existindo verdadeira disposição para se enfrentar colectivamente esse grande desafio, realizar os esforços necessários e lutar pela via do trabalho para um futuro melhor ou, pelo contrário, subsiste a ideia de que é possível prosseguir-se simplesmente com base em empréstimos, vivendo-se, de certo modo, à custa do trabalho dos outros? Por estas razões e outras, uma resposta séria não poderá ser dada facilmente e dependerá muito da personalidade de cada um.

— Considera importantes as próximas eleições presidenciais?

Eis a opinião do CEMGFA: «Serão importantes em todas as condições e, sobretudo, se significarem um forte contributo para uma possível caminhada democrática no sentido de uma profunda melhoria das estruturas que muitos dizem publicamente estarem carecidas de reformulação, bem como quanto à correcção de alguns processos condenáveis, que marcam a nossa vida colectiva, entre eles a corrupção. Se isso vier a acontecer, e oxalá que sim, alargar-se-á a esperança fundamentada e legítima quanto à concretização de um futuro melhor, bem como a viabilidade de uma mais sólida afirmação portuguesa no concerto das Nações, conquanto sempre condicionada à nossa dimensão e potencialidades. A Instituição Militar, não só porque é formada por cidadãos, mas tam-



«A instituição militar não é indiferente aos grandes actos nacionais»

bém porque não tem dúvidas quanto à impossibilidade da realização de uma capacidade mínima de defesa autónoma disuasora de que o País sempre necessitará, se não existir uma base económica suficiente e se a sociedade perder coesão e sentido de união, não é indiferente aos grandes actos nacionais, embora sem qualquer tipo ou atitude de ingerência os quais estão completamente fora dos seus propósitos e finalidades.

Suor e lágrimas

— Depois do que afirmou, e ainda em torno de Belém, acha que a integração na CEE condiciona o civilismo da eleição presidencial?

Lemos Ferreira, 55 anos, há mais de um chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, sustenta:

— A inserção no Mercado Comum, designação que se considera preferível àquela da integração, implica a necessidade urgente de realizar reformas substanciais em vários sectores, situação que só os portugueses poderão resolver e concretizar. Este vasto conjunto de tarefas e de dificuldades a ven-

cer exigirão o melhor de todos nós e por um espaço de tempo prolongado. Isto é, antes que se obtenham os resultados positivos que todos desejam, há muito suor a despender e também algumas lágrimas a verter. Por isso, não parece que o já estafado termo do civilismo possa ser entendido como sendo a questão de fundo. Em boa verdade, os problemas de fundo terão a ver com a forma como poderemos entrar e permanecer no Mercado Comum em vez de ser este a entrar em Portugal e reduzir por essa vias as nossas bem modestas potencialidades e capacidades actuais. Aliás, esta parece ser a posição mais comum assumida pelos responsáveis através das suas declarações públicas.

— Sem prejuízo da igualdade de direitos do cidadão militar e do cidadão civil, não lhe parece que a próprias democracias enfraquece com sucessivas tutelas militares, independentemente dos poderes do PR serem maiores ou mais limitados?

— A pergunta parece ser ambígua e contraditória em si própria, visto partir do pressuposto verdadeiro de que vive-

mos em democracia aberta e não condicionada para se concluir que a democracia afinal passa a ser tutelada se o Presidente da República livremente eleito for proveniente do sector militar. Dado que existem na vida pública, por exemplo, muitos advogados, será legítimo concluir que o País está a ser tutelado pela advocacia e que a democracia sofre com isso visto que a proporção de engenheiros, médicos, professores, cientistas, etc., parece ser bem inferior àquela dos advogados. Julga-se que a resposta é óbvia interessando preferencialmente a personalidade em vez da origem da mesma.

— Poder-se-ia deduzir, portanto, não ser de opinião que uma promoção política possa vir a coroar eventualmente uma carreira militar?

— Em todos os países de regime democrático, nos níveis superiores das chefias militares há sempre uma inserção político-militar, aliás consagrada no caso português na lei da Defesa Nacional e das Forças Armadas. De outro modo não seria compreensível porque é que o Conselho Superior da Defesa Nacional tem de politicamente confirmar as promoções a oficial general, bem como tem de sancionar as promoções para o desempenho de diversos cargos da chefia militar. Em consequência, parece destituída de significado a expressão promoção política como termo de uma carreira militar, dado que para a iniciar no topo superior da escala ela passa obrigatoriamente por uma filtragem política que se deseja seja feita com isenção e de forma apartidária.

«25 de Abril prestigiou as Forças Armadas»

Em princípios de Abril, o general Lemos Ferreira afirmou numa entrevista ao nosso colega «Diário de Notícias» que «ser-se independente é caro». O «Diário de Lisboa», com base nessa expressão, questionou o CEMGFA em três direcções:

— Que sentido e extensão deverão ser atribuídas às afirmações que então fez? Independente como cidadão? Independente como militar? Independente como chefe militar?

— A referência foi feita em relação ao País, mas não deixa também de aplicar-se às pessoas. Quanto ao País, é evidente que não podemos ser independentes sem assumir os encargos

quer ser "apenas mais um" para Belém



«Ser-se independente nem sempre é fácil e cómodo, como cada um poderá ajuizar por si próprio»

■ CEMGFA acusa: «corrupção marca a nossa vida colectiva». ■ Subsiste a ideia de que é possível prosseguir com base em empréstimos? ■ Teremos de ser nós a entrar para o Mercado Comum... ■ Todos os Ramos das Forças Armadas carecem de pronta modernização. ■ A chamada Iniciativa Estratégica não é bem conhecida por enquanto.

decorrentes desta situação e atitude em matéria de uma certa capacidade de defesa autónoma dissuasora conforme claramente explicitado no próprio conceito estratégico da Defesa Nacional já aprovado e promulgado. Em relação às pessoas, ser-se independente também nem sempre é fácil e cómodo como cada um poderá ajuizar por si próprio.

Um ligeiro salto no diálogo: — Entende que o 25 de Abril prestigiou as Forças Armadas perante o País?

— O 25 de Abril subscrito aos objectivos iniciais que visavam alcançar uma resolução adequada e equilibrada dos vários e importantes problemas com que a Nação se viu confrontada, sem dúvida que prestigiou as Forças Armadas, percepção confirmada de forma inegável pelo generalizado apoio popular que foi dado à acção militar então havida.

— É de opinião que as Forças Armadas estão neste preciso momento perfeitamente integrada no espírito democrático?

— A resposta está dada na prática desde há bastantes anos atrás, porquanto é indiscutível que as Forças Armadas não têm tido qualquer espécie de interferência nos mecanismos económicos, financeiros e políticos do País. Para melhor, bem como para o pior, os assuntos de importância nacional têm sido

apreciados e decididos aos níveis próprios que não envolvem a instituição militar.

Desempenhando o mais alto cargo militar desde Março do ano findo depois de ter sido chefe do Estado-Maior da Força Aérea durante sete anos, o que pensa o general Lemos Ferreira das nossas obrigações na NATO?

Foi a questão que lhe colocámos nestes termos:

— As nossas obrigações na NATO implicam uma reconversão, modernização e reequipamento das Forças Armadas?

— A reconversão, modernização e reequipamento das Forças Armadas não se limita nem se esgota no cumprimento das nossas obrigações no contexto da defesa colectiva representada na Aliança Atlântica. De facto, conforme já mencionado atrás, o conceito estratégico de Defesa Nacional tem como um dos seus pilares fundamentais uma certa capacidade de defesa autónoma dissuasora e é certo que este requisito não poderá ser obtido, mesmo que de forma muito modesta, sem que procedamos à reconversão, modernização e reequipamento das Forças Armadas. A orientação a dar está intimamente ligada ao estabelecimento e desenvolvimento dos planos gerais de defesa, acções que estão em curso.

— Que ramo das Forças Armadas exige um maior esforço

de modernização e qual o que implica equipamento mais custoso?

— Todos os ramos carecem de modernização em maior ou menor grau e a sua avaliação depende das análises relacionadas com a estrutura e composição das forças que decorrem dos planos gerais de defesa e da sua integração com vários outros factores. Por outro lado, não existem equipamentos baratos em sentido absoluto. A apreciação a realizar tem a ver com a capacidade e a adequação para a execução da missão recorrendo a outros meios, etc. Em resumo, as chamadas relações de custo-eficácia combinados com a adequação à missão são, em última análise, os factores preponderantes na decisão que nunca deverá ser assumida numa perspectiva isolada mas sim integrada. Portugal dispõe de um Exército, de uma Marinha e de uma Força Aérea para constituir Forças Armadas para emprego operacional integrado e racionalizado sem valorações específicas à partida, sejam elas de raiz consuetudinária ou de qualquer outra origem.

— O desenvolvimento das nossas indústrias de defesa — contrapusemos — e as suas condicionantes externas estão relacionadas, de algum modo, com o reequipamento das Forças Armadas?

— É indispensável — retor-

quiou Lemos Ferreira — que no contexto da nossa independência política e em termos reais, Portugal disponha de uma base industrial de defesa que lhe permita suprir muitas das suas presentes carências no âmbito do reequipamento das Forças Armadas, tal como para a sua sustentação em tempo de paz e num eventual conflito que ninguém deseja mas que, nem por isso, se pode garantir que nunca acontecerá. As extremas dificuldades sentidas aquando das operações em África não podem ser ignoradas sendo indispensável e urgente o alargamento e a modernização das nossas indústrias de defesa de forma equilibrada, realista e prioritizada. Em adição à razões já apresentadas, outras igualmente fortes justificam plenamente que assim se proceda. Por exemplo, no campo da cooperação militar com África, estaremos desde logo cerceados à partida se as nossas Forças Armadas estiverem equipadas de forma obsoleta e ultrapassada. Por fim, há que reconhecer que se situa na área da defesa, muita da tecnologia de ponta que facilita e incrementa o progresso material dos povos.

«Facilidades» a outros países

— As chamadas «facilidades» a outros países, como os Esta-

dos Unidos, a RFA ou a França, poderão realmente ser entendidas como tal? E em que grau — reforçamos — contribuem para o reapetrechamento das Forças Armadas?

A réplica de Lemos Ferreira:

— As importantes facilidades concedidas por Portugal a vários países amigos são, em alguns casos, verdadeiramente insubstituíveis do ponto de vista físico e, em outros casos, apenas tem como alternativa soluções difíceis e altamente dispendiosas. Porque assim é, Portugal, prestando serviços de inestimável valor, tem todo o direito e legitimidade para esperar ser devidamente compensado, até pelo acréscimo de riscos que assume ao conceder as referidas facilidades. Não se trata de exigir rendas, dado que os países não são alugáveis e, neste entendimento, Portugal não tem preço. Todavia, considera-se indiscutível que nos cumpre zelar pelas compensações e contrapartidas a que muito naturalmente temos direito. Se o problema fosse colocado ao contrário junto dos países nossos amigos, certamente que não obteríamos deles uma resposta diferente daquela que preconizamos. Em qualquer caso, o reapetrechamento até agora conseguido e realizado por esta via tem sido modesto e limitado, sendo nossa obrigação procurar alterar significativamente esta situação.

— Portugal pediu recentemente a adesão à União Europeia da Europa Ocidental, a UEO: no plano de defesa militar, portanto, como é que entende o pedido português?

— A pretensão portuguesa de entrar para a União Europeia Ocidental (UEO) afigura-se ser consonante com a nossa presença na Aliança Atlântica, bem como em relação à entrada no Mercado Comum. Em conformidade, considera-se que do ponto de vista de defesa militar faz sentido o nosso pedido de adesão à UEO.

«Iniciativa estratégica não é bem conhecida»

O general Lemos Ferreira, que em Março do ano passado tomou posse como CEMGFA e que entre Janeiro de 1977 e o segundo mês de 1984 foi chefe do Estado-Maior da FAP — porventura o que como chefe de um ramo das FA's mais tempo se manteve na posição cimeira depois de Abril de 1974 — é de opinião que «a chamada iniciativa estratégica de defesa apresentada pelas autoridades americanas não é suficientemente bem conhecida».

— Considera que o Conceito Estratégico da Defesa Nacional contém elementos susceptíveis de conduzir à criação de uma consciência nacional naquele domínio e a uma efectiva capacidade de defesa militar autónoma para assegurar a indispensável soberania?

— O Conceito Estratégico da Defesa Nacional é um documento notável a todos os títulos, não só por constituir um dos suportes fundamentais sobre o qual assentará muito do nosso desenvolvimento em matéria de defesa militar, como ainda por ao nível do Estado ter estabelecido uma caracterização e gran-

des linhas de orientação de que a Nação não pode prescindir se quiser afirmar-se como soberana. Na verdade, a nossa soberania não nos é doada ou sustentada seja por quem for, países amigos ou alianças, mas é sim a resultante da nossa determinação e capacidade de afirmação no campo externo. Neste entendimento, crê-se que o Conceito Estratégico de Defesa Nacional representa a base indispensável em torno da qual se deverá criar uma consciencialização nacional visando a concretização tão rápida quanto possível de uma capacidade mínima de defesa militar autónoma dissuasora. A este respeito, julga-se útil comentar que nem sempre transparece com clareza suficiente para todos a diferença entre dissuasão e defesa, sendo vulgar fundirem-se duas ideias diferentes numa única expressão. A dissuasão visa assegurar que não se chegará à situação de defesa, porquanto o inimigo potencial estimará os custos e perdas que terá de sofrer para alcançar o seu objectivo excedem as finalidades do mesmo e, consequentemente, não procede à agressão. Falhada a dissuasão, ter-se-á de recorrer à defesa e à esperança de que o inimigo será eventualmente repellido e restaurada a situação anteriormente existente. Como facilmente se reconhecerá, a soberania dos países em geral e dos mais pequenos em particular, fundamenta-se mais na dissuasão do que na defesa e a própria OTAN, como aliança não agressiva, confirma a regra ao adoptar o mesmo conceito.

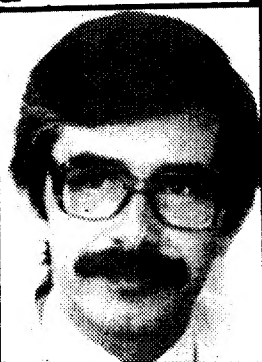
Lemos Ferreira foi o primeiro CEMGFA dos países da NATO a tornar pública uma posição sobre a «Iniciativa Estratégica de Defesa» ou programa de «Guerra das Estrelas» do presidente Reagan. Eis a pergunta que lhe pusemos frontalmente:

— Considera a implementação daquele programa compatível com a melhoria dos dispositivos convencionais da Aliança, defendida pelo general Rogers?

— A chamada iniciativa estratégica de defesa apresentada pelas autoridades americanas não é suficientemente bem conhecida por enquanto, tal como não está suficientemente delimitada nos seus contornos de pormenor para poder ser aferida de forma concludente quanto à sua possível efectivação. Assim, o consenso já largamente alcançado resume-se à pesquisa e aos estudos de desenvolvimento tecnológico em geral associados à ideia conceptual apresentada nas suas grandes linhas. Não está, portanto, em causa e nem sequer é previsível a concretização de um qualquer sistema de defesa e, em conformidade, não existe incompatibilidade com a necessidade da defesa convencional. Do mesmo modo, não está em jogo qualquer alternativa ou nova orientação que ponha em dúvida o desenvolvimento da defesa convencional. Esta mantém-se como indispensável e justificativa de melhoria na medida do possível, dado constituir uma das componentes essenciais da dissuasão, no âmbito da Aliança.

Charme

José Manuel Vilaça



A apresentação pelo Partido Socialista de um miniprograma de Governo contendo um elenco de medidas de relançamento económico consideradas imprescindíveis nesta fase da vida nacional não pode deixar de ser considerada como um facto insólito.

O conjunto de propostas ontem aprovadas pela Comissão Política do PS, na presença de todos os membros do Governo militantes socialistas, não corresponde a nenhuma inflexão táctica do PS. Também não tem a ver com nenhuma remodelação governamental que trouxesse um novo «élan» ao Executivo de Mário Soares. E não é, certamente, uma reivindicação ao Partido Social-Democrata no sentido de satisfazer os anseios político-ideológicos das bases socialistas.

No entanto, os socialistas não se coibiram de as formular, apesar do Governo, que é presidido pelo seu líder, continuar a funcionar, apesar da equipa económica encabeçada pelo ministro das Finanças estar oficialmente em funções e, mesmo, a preparar um anunciado programa de modernização da economia portuguesa.

O miniprograma socialista traduz afinal a admissão pelo PS das dificuldades que lhe causa o relacionamento com o PSD, cada vez mais volátil, cada vez mais inseguro, cada vez menos previsível.

Doze congressos em onze anos, meia dúzia de líderes vorazmente consumidos e um completo nevoeiro estratégico que apenas deixa adivinhar o jogo de interesses pessoais, o clientelismo de quem vive à sombra do aparelho de Estado e adjacências e o amiguismo fiel, marcaram o PSD como um parceiro difícil, para quem o poder a qualquer preço é tudo, e a oposição a catástrofe.

Só por isso, só porque fora da área do poder o PSD não é nada, é que não se deve dizer do segundo maior partido português que é um mau parceiro de coligação.

Por detrás de todas as sonoras exigências, além do mau génio e das oscilações de liderança, o PSD perpetua uma constante — a necessidade de se manter na área do poder, quaisquer que sejam as cedências a fazer.

Por isso o próximo Congresso da Figueira — saia de lá dirigente Rui Machete, João Salgueiro, Cavaco e Silva, ou outro qualquer — ser visto pelos socialistas do bloco central como apenas mais uma fita série B que não se pode levar muito a sério.

Mas o PS deve ter percebido também que a impetuosidade do seu difícil parceiro punha em crise a credibilidade socialista perante a opinião pública, ela própria já afectada pelo engavetamento do socialismo e pela passividade perante o PSD.

E podia atingir, essencialmente, a credibilidade da candidatura presidencial de Mário Soares, pretexto último da actividade partidária da Rua da Emenda.

Por isso, a Comissão Política apresenta este miniprograma de Governo, como quem diz estamos aqui, estamos a pensar e temos propostas.

É um «maxicharme» para a opinião pública.

Posse foi hoje

Almeida Ribeiro é o novo Provedor de Justiça

O Presidente da Assembleia da República, Fernando Amaral, conferiu posse, ao fim da manhã, ao novo Provedor de Justiça, Almeida Ribeiro, antigo bastonário da Ordem dos Advogados e desde os anos 50 estreitamente ligado às questões de Direitos Humanos.

Ángelo Almeida Ribeiro, 63 anos, foi antes do 25 de Abril secretário-geral da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem e depois presidente no biénio 76-77. Entre 1979 e 1981 representou Portugal na Comissão dos Direitos do Homem na ONU. Na Ordem dos Advogados criou o primeiro serviço de consulta jurídica gratuita. Na sua opinião, o Provedor deve ser alguém «independente ou então da Oposição».

O serviço de Provedor de Justiça, que com a posse de Al-

meida Ribeiro conhece, a partir de hoje, o seu quarto titular em nove anos, foi criado para permitir aos cidadãos apresentarem as suas queixas contra a administração pública.

Sem poder decisório, o Provedor de Justiça estuda as queixas dos cidadãos e se elas tiverem razão de ser encaminha-as para os órgãos competentes com as recomendações necessárias para se prevenirem e repararem injustiças.

Segundo fontes do serviço de Provedor de Justiça, citadas pela NP, a actividade dos serviços ao longo destes nove anos tem sido um misto de êxito e de frustração.

Êxito, porque alguns casos foram resolvidos, frustração porque outros o não foram. Em qualquer caso é lamentada a lentidão da administração pública.

Bem tenta escapar mas...

João Salgueiro "obrigado" a assumir liderança do PSD

João Salgueiro ainda não anunciou formalmente a sua candidatura a líder do PSD mas, e tal como o «DL» já há algum tempo vem noticiando, ele será o próximo presidente da Comissão Política do PSD.

Não impede que João Salgueiro tudo vem fazendo para evitar o inevitável: ser o líder dos sociais-democratas. A sua idiossincrasia pouco ou nada tem a ver com o preenchimento de cargos desse tipo, o seu medo é grande de não ver o seu «sacrifício» recompensado.

Num partido perpetuamente crispado, ninho de guerras intestinas constantes, a liderança quase nunca compensa em termos pessoais. Daí as «desculpas» que João Salgueiro tem vindo a inventar para escapar a uma liderança quan-

tas vezes «mortífera».

Rui Machete, o actual líder, poucas hipóteses tem de continuar a chefiar o PSD. Contudo, e como o «DL» ontem noticiava, ele ainda poderá ser uma solução para a liderança do partido.

Segundo personalidades que lhe são próximas, «ainda não estão criadas soluções negativas para Rui Machete dizer claramente não sou candidato».

Para essas personalidades «está tudo muito confuso, pelo que só no Congresso se verá se Rui Machete é ou não candi-



dato à liderança».

Mas, e por parte das mesmas fontes, desde já uma indicação: «Machete só avançará com unidade, nunca para contar espingardas...»

Entretanto, dá-se como certo que Cavaco e Silva já está

fora da corrida, na medida em que acredita que «55 por cento do partido contra 45 por cento do mesmo, não resolve nada».

De acordo com informações veiculadas por alguns dos seus apoiantes, Cavaco e Silva «já decidiu não avançar mas só tomará uma decisão definitiva durante o Congresso».

Marcelo Rebelo de Sousa será, tudo o indica, o adversário declarado de Salgueiro na corrida à liderança do PSD. Marcelo Rebelo de Sousa tentará assim duplicar ou triplicar os votos obtidos no último Congresso, assumir a liderança dos opositores a João Salgueiro, constituindo-se assim como a «alternativa» do partido.

M.A.

Rebelo de Sousa dixit

“Em Portugal ninguém responde politicamente por nada”

«Neste momento, em Portugal, ninguém responde, politicamente, por nada». As palavras são, imagine-se, de Marcelo Rebelo de Sousa, numa conferência promovida pela Secção Regional do Sul da Ordem dos Médicos, subordinada ao título «Perspectivas políticas».

Aquele responsável do PSD considerou que se verifica um «afastamento progressivo de

eleitores e eleitos» tendo apontado como componentes da actual crise «a ausência de vontade política, a capacidade de mobilização nacional e as condições institucionais de base».

A «hiperpartidarização da vida política portuguesa está a resvalar para limites graves» disse o dirigente social-democrata, dando como exemplos o Conselho de Imprensa e o Conselho de Comunicação Social

que classificou de «mini-parlamentos».

Marcelo Rebelo de Sousa considerou como primeira prioridade para atacar a crise do País a «reforma e transformação do sistema educativo», a par da «reforma da administração pública», da «clarificação do sistema económico» e da «reforma partidária».

Rebelo de Sousa preconizou também a transformação do sis-

tema eleitoral que vise uma «personalização dos mandatos, a redução do número de deputados e a coincidência desses mesmos mandatos».

Finalmente, o dirigente do PSD referiu que a crise que o PSD atravessa deriva de «não se ter constituído como alternativa de poder e desempenhar na actual coligação um papel de permanente subalternização».

Com a sessão a terminar mais cedo

Parlamento debate produção e abastecimento de leite

Vizela ainda tem esperança

O Parlamento, cuja sessão termina hoje mais cedo a pedido do PSD que inicia amanhã, o seu XII Congresso na Figueira da Foz, vai discutir um projecto de lei do PCP sobre a produção, recolha, concentração e abastecimento de leite.

Entretanto, ontem, uma conferência de líderes parlamentares decidiu adiar o debate sobre a Lei Quadro de Municípios que, como é sabido tem provocado algumas fricções entre os partidos da maioria. Quanto ao projecto do PCP, o que se pretende, segundo o preâmbulo é alcançar dois objectivos. O primeiro é apoiar o desenvolvimento de uma rede única de recolha assente na organização cooperativa leiteira por forma a garantir a efectiva intervenção dos produtores em todo o circuito económico do leite. Em segundo lugar, melhorar o abastecimento do leite para consumo e para a indústria através de mecanismos que incentivem a pro-

dução e aproveitem melhor o leite produzido.

Com o sistema em vigor, nas já referidas regiões, o País passou de uma situação de permanente e elevado défice em leite para uma situação de abundância, apenas se registando pequenos períodos de escassez ao longo do ano — recorda o projecto de lei do PCP.

«Neste contexto, as cooperativas de produtores de leite e suas uniões desempenham uma acção altamente eficaz e insubstituível no apoio à produção e manutenção dos serviços de escoamento regular do leite produzido e na comparticipação dos abastecimentos dos centros de consumo e da própria indús-

tria» — salienta.

«Actualmente, e sob o argumento da adesão à CEE, a exclusividade das funções de recolha e concentração de leite atribuída às cooperativas e suas uniões nas áreas organizadas está sendo ameaçada» — acusa o documento. E adverte:

«Não se pode aceitar que já hoje o próprio Estado venha pressionando as organizações dos produtores para que negociem com os industriais as funções que a lei em vigor lhes atribui».

O caso de Vizela

O adiamento do debate e votação da Lei Quadro dos Municípios, ontem decidido, redobrou a esperança dos vizelenses em virem, finalmente, a ter o seu conselho.

Manuel da Costa Campelos, secretário-geral do Movimento para a Restauração do Concelho de Vizela, sublinhou esta manhã ao «DL» que «se a lei fosse aprovada, tal como estava, isso representaria a inviabilização do Concelho de Vizela. Por isso, sublinhou o dirigente do MRCV, «o adiamento do debate e votação dá-nos uma nova esperança... agora vamos continuar a esperar». A decisão ontem tomada na conferência de líderes parlamentares tem como principal motivo o não despoletar, entre a maioria, novos desentendimentos sobre o caso de Vizela. Recordar-se que, aquando da apresentação na Assembleia da República da Lei Quadro de Municípios, que tornava a criação destes dependentes da constituição de regiões administrativas, o titular da pasta da Administração Interna considerou que esta alteração era injusta para Vizela.

Renamo raptou mais quatro portugueses

Quatro portugueses foram raptados ontem à tarde, em Moçambique, junto à fronteira com a Suazilândia, revelaram fontes diplomáticas portuguesas na capital moçambicana. Os raptados são Celeste Lemos, os seus filhos Rui e Jorge, de 14 e 15 anos, respectivamente, e outra criança, Carla Maria Costa Fernandes, de 11.

Celeste Lemos regressava da África do Sul aonde fora buscar os seus filhos que se encontram a estudar num colégio, em Nelsspruit. A cerca de um quilómetro fronteiro com a Suazilândia, o carro em que seguiam foi interceptado por oito elementos armados da Renamo. Quando foram obrigados a sair da viatura, que depois incendiaram, uma outra criança, que viajava no automóvel fugiu para a mata, evitando assim o rapto.

Essa criança, cuja identidade ainda não foi revelada, acabaria por ser transportada para o Maputo numa outra viatura, com portugueses, que pouco depois passava no local. No Maputo, o caso foi relatado às autoridades moçambicanas e diplomáticas portuguesas.

Depois desta nova operação, eleva-se a onze o número de portugueses raptados pela Renamo, em Moçambique, no último ano e cujo paradeiro se desconhece. Da última vez tinham sido raptados cinco elementos de uma família, na Beira, e dois técnicos de uma empresa construtora do Tâmega, na província do Maputo.

Depois da adesão à CEE

Texteis portugueses vão entrar livremente nos países da EFTA

A exportação de têxteis portugueses para os países membros da EFTA vai deixar de ser limitada a partir do momento em que Portugal deixar de pertencer a esta organização internacional revelou ontem à ANOP o deputado Rudolfo Crespo.

Esta situação resulta do facto de o acordo de Portugal com a EFTA prever a contingentação das exportações de têxteis, ao contrário do acordo EFTA/CEE que não o prevê. Por outro lado, os países da CEE não podem fazer acordos bilaterais de comércio, assim, após trocar a EFTA pela CEE, as relações de Portugal com aquela, passarão a regular-se unicamente pelo acordo existente entre as duas organizações.

Liderado por Luís Barbosa

Movimento Regenerador quer tirar Portugal do "pesadelo"

A alteração da legislação laboral, a desburocratização e modernização do Estado, o desaceleramento da inflação e a redução do imposto complementar foram algumas das medidas preconizadas ontem pelo intitulado «Movimento Regenerador» para Portugal «sair do pesadelo».

O Movimento, liderado pelo ex-dirigente centrista Luís Barbosa, apresentou ontem, em Lisboa, um manifesto económico em que se afirma que «não se governa sem um programa coerente» e expõe «medidas económicas realistas» para «concolidar o sistema político e evitar uma crise social grave».

«Ao longo destes últimos onze anos foi-se gerando na sociedade portuguesa uma crise que mais parece um pesadelo do que uma consequência de causas inevitáveis», afirmou Luís Barbosa.

A formulação das medidas, enunciadas em conferência de Imprensa, parte dos pressupostos, entre outros, de que a produtividade pode ser «drasticamente aumentada», de que a taxa de inflação «pode ser reduzida» e de que o parque industrial instalado pode ser aproveitado racionalmente, aumentando a produção e o emprego.

Taxas de juro poderão descer

O secretário de Estado do Tesouro, António Almeida, revelou ontem à ANOP que o Governo está a ponderar a possibilidade de uma eventual descida das taxas de juro.

Segundo António Almeida «as taxas de juro dependem da evolução do dólar norte-americano e da inflação, e, como estas duas variáveis têm apresentado comportamentos positivos, nenhum Governo mantém uma posição inflexível perante estas alterações».

Recorde-se que o dólar, após uma forte subida em 1984, caiu em 1985 face às moedas europeias e apresenta-se agora estável.

Do BNU "voavam" vinte mil contos

Polícias e ladrões aos tiros nas ruas de Portimão

PJ diz que dois deles tinham mandado de captura por pertencerem às FP-25

A Polícia Judiciária identificou já dois dos quatro indivíduos que ontem à tarde assaltaram a agência do Banco Nacional Ultramarino da Praia da Rocha como sendo alegados elementos das FP-25. Por essa razão, sobre eles, Aldino Francisco Mendes Pinto e Manuel Maria do Couto Ferreira, havia mandados de captura.

Esta manhã aquela corporação, através da Direcção Central Contra o Banditismo (DCCB), tentava apurar se os dois outros assaltantes presos também pertencem às FP-25. Os assaltantes chegaram a sair do banco com vinte mil contos...

O assalto frustrado, ao princípio da tarde de ontem, ao Banco Nacional Ultramarino da Praia da Rocha, movimentou praticamente toda a cidade de Portimão e parte da Praia da Rocha, envolvendo polícias e ladrões. Da troca de tiros travada entre ambas as partes resultaram dois feridos, um deles em estado grave, que foi transportado ao Hospital de Portimão e ali operado de urgência. Um outro assaltante ficou ferido, ligeiramente, numa perna, ao sair do carro — com a PSP no seu encalço — e, depois de assistido, foi transferido para a esquadra da PSP, onde se encontravam esta manhã detidos mais dois dos quatro assaltantes. O quarto, como atrás dissemos, está internado no Hospital de Portimão, onde ninguém dá informações e até os órgãos de Comunicação Social são remetidos para o director do estabelecimento, Ivo Campos.

O terceiro ferido — que por ordem de «entrada em cena» foi o primeiro — o «caixa» do BNU, António Manuel Trindade, foi apanhado de raspão por um tiro disparado por um dos três indivíduos que entraram no banco e disseram que «aquilo» era um assalto. O «caixa» ter-se-á demorado a «soltar» o dinheiro para o saco de juta dos atacantes, pelo que foi por um deles «avisado» daquela forma.

No saco vinham vinte mil contos... A demora do «caixa» teve os seus resultados positivos: é que enquanto atrasava o trabalho dos assaltantes e tardava a passar-lhe os 20 mil contos, um outro premia o botão de alerta para a PSP de Portimão. Assim, quando os três assaltantes — um outro esperava-os cá fora ao volante de um Renault 9 com a matrícula NE-40-10, que não fora roubado para a operação! — saíram da agência bancária, tiveram uma «recepção» à altura.

Ainda escaparam, numa primeira tentativa de fuga, à barragem policial, da travessa

defronte ao Hotel Algarve, mesmo em frente à agência do BNU, dirigindo-se a toda a velocidade em direcção à fortaleza de Santa Catarina, seguindo até à parte final da Tomás Cabreira. Aqui, cortaram para a Praia da Rocha, pela Rua Bartolomeu Dias, onde foram cercados pela PSP, alguns dos onze elementos que participaram na acção, e entre eles duas mulheres-polícias.

Aliás, foi «um trabalho relevante», confiou esta manhã uma fonte policial ao «DL», devendo ser-lhe atribuído «todo o mérito», porque «nós — PJ — só entramos na parte final da história», disseram-nos na Gomes Freire. A acção da PJ, por enquanto, permitiu apurar que dois dos atacantes pertenciam, de facto, às FP-25, conforme eles próprios ontem afirmaram, já controlados e desactivados pela PSP. Um dos dois que se tinham rendido (sem ferimentos), terá afirmado à PSP: «Vocês ganharam. Dou-lhes os meus parabéns. Agora ganharam vocês, para a próxima ganharemos nós», disse esse assaltante, segundo relato de um «operacional» da PSP.

Arsenal do assalto

O chefe da PSP de Portimão, o comissário Guerreiro, tinha fortes razões para duvidar das identidades dos assaltantes, e por isso se não coibiu de afirmar, já ontem à noite,

que pelo menos a de dois dos detidos era «comprovadamente falsa». Por isso, suspeitava também das identidades dos outros, facto que até ao momento não conseguimos apurar.

Inicialmente, os dois assaltantes feridos identificaram-se como sendo Amândio Alves, de 33 anos (que ficou gravemente ferido), natural de Prado, Melgaço, residente em Campolide (Lisboa) e Domingos Garcia Ramos, de 34 anos, natural de Proença-a-Nova e residente no Castelo, em Sesimbra (o assaltante que ficou ferido numa perna ao ser baleado quando saía do carro depois da barragem do Convento de S. Francisco). Os dois outros, que se renderam — sem tiros — cerca de vinte minutos depois do assalto, no Cais Novo, disseram chamar-se Manuel Fernando dos Santos Martins e Joaquim Correia dos Santos, o primeiro com 27 anos e natural e residente em Marvila, e o segundo com 42 anos, natural e a residir em Loulé. O automóvel utilizado no assalto seria propriedade deste último. E, espanto dos espantos, não se tratava de um carro roubado!

No assalto ao BNU os alegados elementos das FP-25 usaram três pistolas de guerra de calibre nove milímetros, uma pistola de calibre 7,65 mm, vários carregadores, uma pistola metralhadora e uma granada de mão.

Também chamada quinta-feira da Ascensão

Hoje é o "dia da espiga": uma tradição que se mantém

Roby Amorim, NP/DL

Se as plantas ainda estiverem dispostas a manter velhas tradições, as folhas das oliveiras deverão, hoje, cruzar-se entre si, entre o meio-dia e as 13 horas para evidenciarem a santidade do dia.

A quinta-feira da espiga, ou dia da espiga, é celebrada pela Igreja Católica como o dia da Ascensão de Cristo ao céu, depois de breve regresso à terra após ter ressuscitado pela Páscoa.

É, no entanto, uma das múltiplas apropriações feitas pela Igreja Católica de tradições muito mais longínquas e precisamente com o mesmo significado. Já gregos e romanos, com os mitos de Proserpina e Demeter, ou Ceres, celebravam este dia que significa a ressurreição da semente que foi lançada à terra, ainda quando os campos estavam gelados pelo Inverno.

É, igualmente, o tema da «Bela Adormecida», supostamente historietas infantis, mas

que não passa de uma forma de transmissão de conhecimentos por via oral e que deve remontar a meados do neolítico, quando a agricultura tomou ascendência na vida do homem.

A «Bela Adormecida» é a terra, condenada a adormecer à chegada do Inverno e que irá acordar com o beijo de um belo príncipe, nada menos que o Sol, que a vai despertar para a procriação.

Tradicionalmente, nesta quinta-feira, nas mais variadas zonas do País, colhe-se uma espiga de trigo, ou melhor, fazem-se ramalhetes com espigas de trigo, rosmaninho, malmequeres e folhas de oliveira.

Ainda há umas dezenas de anos, os habitantes das cidades

saíam para os campos vizinhos a comporem os seus ramalhetes.

Hoje, os «campos vizinhos» começam a encontrar-se apenas a dezenas de quilómetros, a gasolina é cara, e tudo fica simplificado com a compra dos ramalhetes que vendedeiras se apressam a oferecer um pouco por toda a cidade.

Os ramalhetes, para a Igreja Católica são o resultado do antigo uso litúrgico de se fazer na festa da Ascensão a bênção dos primeiros frutos. Remontando um pouco mais atrás, a tradição vem das festas de Primavera grego-romanas e do costume, que deverá ascender à pedra apolida, de oferecer as primícias das culturas aos pardaís. «O primeiro trigo é dos pardaís», continuamos a dizer, sem muito bem saber porque.

Os ramos colhidos, agora comprados, nesta Quinta-Feira da Ascensão devem ser guardados



É assim, todos os anos, a tradição do «Dia da Espiga», no coração da cidade

dos durante todo o ano. São o símbolo do Verão que está a chegar, da multiplicação das sementes, do crescimento da família e, por acréscimo, da sua prosperidade financeira.

Comissário Joaquim Santinhos ao "DL"

"Novo Estatuto da PSP é forma disfarçada de militarização"

Manuel Geraldo

Passado à reforma voluntária, por motivos familiares e de saúde (uma hérnia discal avançada), o 1.º comissário Joaquim Santinhos, há pouco regressado a Lisboa (reside na Pontinha) após um exílio prolongado e traumatizante em Bragança que lhe foi imposto pelo agora general Almeida Bruno, assume neste momento a liderança, sem peias hierárquicas, da Comissão Pró-Associação Sindical da PSP.

Deste modo, o comissário Santinhos, antigo comandante da Divisão da PSP da Amadora e da esquadra das Mercês (Bairro Alto), antes da chegada do tristemente célebre chefe «Bailarino» já pode assumir, abertamente e de viva voz, sem o espectro de processos semelhantes aqueles que estiveram na origem do seu desterro para Trás-os-Montes, as posições da estrutura que dinamiza. Foi nessa condição que lhe colocámos algumas questões relacionadas com a publicação na folha oficial, da proposta de decreto relativa ao Estatuto da PSP.

«DL» — Em termos legais, o que é para o senhor comissário o documento agora tornado público pelo titular da pasta da Administração Interna, eng. Eduardo Pereira?

Comissário Santinhos: «Tal como já foi dito num comunicado da Comissão em que me integro, o Estatuto da PSP, tal como veio legislado, é um documento ferido de inconstitucionalidade, antidemocrático, mais não visando do que dar como assente a aprovação da Lei da Segurança Interna».

«DL» — Nessa óptica qual irá ser a vossa estratégia?

Comissário Santinhos: «Neste momento estudamos desde já a possibilidade de pedirmos a declaração de inconstitucionalidade da proposta do MAI dada a forma desgarrada, e súbita, como a sua publicação apareceu, tornando evidente a intenção do Governo (e não só) de, por essa via, pressionar, e dar como assente, a aprovação da Lei de Segurança Interna. Proposta que tem vindo a ser unanimemente contestada pela opinião pública democrática portuguesa, incluindo o actual sr. provedor de Justiça, tendo ainda merecido do sr. Presidente da República, a garantia de que não passaria com o amontoado de inconstitucionalidades que encerra».

«DL» — Quando fala em inconstitucionalidade a que ponto, ou pontos, concretos se refere?

Comissário Santinhos: «Em primeiro lugar, a proposta no seu Artigo 29.º bem expressa a proibição de sindicalização dos profissionais da PSP. Ora num momento em que, cada vez mais, por toda a parte, nomeadamente nos países da CEE, se pugna por uma Polícia civil, e democrática no quadro da Declaração sobre Polícia da Assembleia Parlamentar no Conselho da Eu-



O comissário Joaquim Santinhos, dirigente da Comissão Pró-Associação Sindical da PSP

ropa de 1979, e da Resolução n.º 34/169 da Assembleia Geral das Nações Unidas, este diploma legal em antecipação (como se a Lei da Segurança Interna, já vigorasse) pretende agora, sob forma disfarçada, a «militarização» da PSP, facto que a Constituição da República Portuguesa rejeita, ao integrar a PSP no título da Administração Pública».

«DL» — Mas ao determinar a substituição progressiva de oficiais do Exército por elementos, forjados nas Escolas Prática e Superior da Polícia, o Estatuto da PSP não estará, pelo contrário, a apontar para a desmilitarização da corporação?

Comissário Santinhos — Pela nossa parte, pensamos que não, pois ao acenar com o ar civilista dos oficiais saídos duma Escola Superior de Polícia (cuja estrutura, dimensionamento docente, funcionamento e modo de admissão de candidatos em nada salvaguardando a idoneidade funcional da instituição policial, continua por isso mesmo a ser por nós contestada) o diploma consagra a colocação da PSP sob o comando de oficiais (generais do Exército — Art.º 63.º), ao mesmo tempo que mantém aberta a via da captação de oficiais do Exército por um período indeterminado — Art.ºs 114.º e 115.º. Este último preceito reza mesmo que «enquanto não for possível preencher o quadro da PSP, os lugares de subintendente serão preenchidos por oficiais do quadro permanente, em comissão normal por quatro anos prorrogáveis». Tal é o temor visível

do termo civil (cuidadosamente omitido) que se acabou por definir a PSP como «força policial armada, obedecendo à hierarquia do comando». Quer isto dizer: com capa civil se cobre uma actuação militarizada, com inerente irresponsabilidade pessoal do agente policial, porquanto os actos por este praticados se presumem «em cumprimento de ordens ou determinações superiores». Neste quadro, e se tivermos em conta a indefinição de expressões como «resistência violenta», «princípio de autoridade» Art.º 3.º, 2-B, e «meios normais de segurança», Art.º 44.º, entre outros, fácil é ver, como se coloca o agente policial desamparado, sem qualquer ponto de referência para a sua actuação (daí a necessidade do Código Deontológico) sujeito às vicissitudes de improvisação por um lado, e de crítica e de castigo por outro — enquanto a tal cadeia hierárquica de comando se mantém ileisa e incólume, como tem vindo a acontecer.

«DL» — A finalizar: como interpreta a vossa Comissão o facto de o Estatuto da PSP fazer depender a consultadoria jurídica do comandante-geral da corporação?

Comissário Santinhos — A consultadoria jurídica nunca terá a mesma idoneidade de uma auditoria jurídica, dependente da Procuradoria Geral da República, para resolver os previsíveis conflitos e arbitrariedades da situação (ainda hoje se desconhece porque é que foi acolhido este aspecto do parecer do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, de 1982, à proposta de lei n.º 114/II — Estatuto da PSP). Por outro lado, a Comissão de que faço parte da PSP, «associação sindical de facto» não pode deixar de repudiar veementemente esta via de manipulação, desvirtuando e desfocalizando a verdadeira nervura e essência da PSP, como organismo de autoridade civil numa sociedade democrática. No actual quadro constitucional, a operatividade e a funcionalidade da PSP nada tem a ver com a sua disfarçada militarização, que o estatuto pretende consagrar, mas que constitui a negação da integral profissionalização da sua estrutura. Bem se pode asseverar que se a componente policial profissional fosse consultada, só bem poucos militares, dos que actualmente prestam serviço na PSP, mereceriam a confiança da corporação. Daí que a Comissão de que faço parte vá redobradamente empenhar os esforços para que o Estatuto da PSP, independentemente da questão da sua inconstitucionalidade, reconheça, efectiva e claramente, a natureza civil da PSP, e consagre a integral profissionalização dos seus quadros e a adopção da primeira fase da sua judicialização através de uma auditoria jurídica, como garante da legalidade democrática.

Soldador violou duas filhas menores

Um soldador de 41 anos, António Pereira de Almeida, foi condenado no Tribunal de Vila Nova de Gaia em sete anos de prisão pelo crime de violação das suas duas filhas. Pelo que ficou provado, o réu ameaçava e agredia as duas jovens, de dez e treze anos de idade, quando estas tentavam evitar os contactos sexuais que ele as obrigava a manter há algum tempo.

Passador de moeda falsa detido em Mirandela

A Polícia Judiciária de Chaves deteve um industrial de Mirandela acusado de passar moeda falsa e da autoria de uma burla agravada. Na altura da detenção, a PJ apreendeu algumas centenas de contos em moeda falsa estrangeira. O industrial, cuja identidade não foi revelada, encontra-se detido na Cadeia de Chaves aguardando ser presente ao juiz de Instrução Criminal.

Rapariga suicida-se por envenenamento

Em Aguiar da Beira, Braga, uma jovem de dezasseis anos suicidou-se por envenenamento dois dias após ter sido alvo de uma tentativa de violação perpetrada por três rapazes. Na altura, a jovem Ilda Pereira Pinto, conseguiu escapar aos perseguidores, refugiando-se num colégio situado nas proximidades, tendo depois apresentado queixa na GNR local.

Protesto americano é ineficaz

Juiz da Horta confirma apreensão do "Tranquility"

O juiz do Tribunal da Horta disse ontem à agência NP ser «ineficaz» o protesto dos Estados Unidos junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros contra a sentença de leiloar o iate americano «Tranquility», no Faial.

Jorge Lino de Sousa considerou o protesto como «insólito» e disse ter dado todas as condições aos réus para recorrerem da sentença, o que não foi feito. Acrescentou que só revogaria a sua sentença se fosse o Ministério Público a determinar.

Jorge Lino, que há três anos está em serviço na Horta e é próprio a admitir que a sua actuação não agrada ao que considerou como «pessoas poderosas dos Açores».

O juiz da comarca da Horta condenou o norueguês Loise

Norre Larse por posse de uma arma e munições a bordo do «Tranquility» no porto do Faial a 18 meses de prisão e à proibição de entrada em Portugal nos próximos 10 anos.

O Tribunal determinou apreender o iate e pediu a instigação aos outros dois tripulantes, o canadiano Frank Rodger e ao proprietário, o americano Neal Carl Swanson.

O «Tranquility» vai ser vendido em hasta pública no próximo dia 11 de Junho, decisão contra a qual protestou Neal Carl Swanson através da Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa.

Na altura do leilão do iate, estarão no porto da Horta algumas dezenas de iatistas estrangeiros que poderão interessar-se pela compra do «Tranquility».

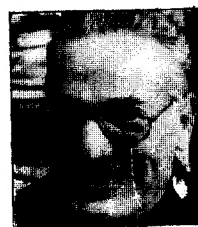
Swanson, o proprietário do iate, defende que ao chegar ao porto da Horta considerou o norueguês Loise Larse como «terrorista» e denunciou-o junto da Guarda Fiscal por posse de uma arma e munições.

Mostrou-se «inocente», pois, segundo declara, só teve conhecimento da arma de fogo quando já estava em mar alto a caminho da Horta.

A Guarda Fiscal perante estas declarações e a detecção da arma, levantou um processo ao norueguês, ignorando os outros dois tripulantes do «Tranquility».

Tal decisão foi considerada «incorrecta» nos meios judiciais da Horta, pois, segundo defendem, o processo deveria ser levantado aos três tripulantes do iate.

Mário
Castrim



O futebol. Futebol é bom. Relaxa. É sair de casa, é o passeio, é o sol, é o banho de multidão que tanto nos lava a alma. Por falta de tantos políticos andam de alma suja. Depois, meus senhores, o espectáculo. Ah, o espectáculo! O imenso tabuleiro verde, os 25 atletas dentro do campo e, em volta, as multidões apaixonadas, ah, nada mais belo do que uma multidão apaixonada pois, se lhe falta a paixão, falta-lhe a sua própria razão de ser. Por tudo isto uma pessoa sai de si, expande-se, participa da cerimónia ou seja, participa da divindade. Ao fim de longa ausência, regresso às lides de futebol. Como espectador, entenda-se. Sento-me, começo a relaxar-me, a descontraírm-me, ah, que bom, que bom! De súbito, levanto-me com o coração em sobressalto. A multidão explodia. Uma tempestade. Eram ídolos que entravam. Apenas isso. Tranquilizei-me. Eis se levanta do fundo das bancadas uma nuvem espessa. Penso que há fogo, preparo-me para fugir. Agarram-me. É apenas uma bomba de fumo. O fumo sobe, espalha-se, enxofre danado! Sufoco. Um ataque de asma põe-me por terra. Abanam jornais nas minhas ventas. A pouco e pouco, recupero. Tenho os olhos vermelhos, a garganta seca, esforço-me por dominar a dispnéia. Uma assobiadela monstruosa deixa-me as orelhas cheias de apitos e grilinhos. É a equipa adversária que entra em campo. Não tenho tempo de me recompor porque entra em acção a claqué. A claqué são os blindados de guerra de De Gaulle na estratégia moderna, o barulho é ensurdecedor. Do outro lado do estádio, uma corneta intermitente dá-me cabo dos nervos. Ainda estou a ouvi-la neste momento... Finalmente descobro que estou mergulhado num meio absolutamente estereó. Rompem gritos, apupos, música, histeria, ribombos: estoiram transistores de todos os cantos com passes, chutos, agressões, apitos, goooooooooooooos!!! Levanto-me. Cambaleio. A corneta, furiosa ventosa ruidosa, fica-se para sempre colada aos meus ouvidos. Ah, o futebol! Futebol é bom visto pela televisão, claro.

Apesar de terem 30 por cento no Conselho Geral

Associação dos Municípios marginaliza eleitos da APU

Apesar da Aliança Povo Unido ser a segunda força mais votada presente no Conselho Geral da Associação Nacional de Municípios Portugueses, a que corresponde uma percentagem de 30 por cento, nenhum eleito pela APU foi indicado para o Centro de Estudos e Formação Autárquica.

O Conselho Geral do CEFA ficou constituído por seis elementos do PSD, cinco do PS e três do CDS, enquanto que, para o Conselho Directivo, foram designados dois PSD's, dois PS's e um centrista. A mesma «regra aritmética» foi seguida para a Comissão do Poder Local e Regional da Europa, em que têm assento quatro sociais-democratas, dois eleitos do PS e um do CDS.

Segundo uma fonte da APU contactada esta manhã pelo «DL», as resoluções do Conselho Geral da Associação Nacional de Municípios Portugueses, reunido na passada terça-feira na Guarda, sob a presidência de

Abílio Curto, presidente do município local, não são estranhas à forma de convocação. A mesma fonte indicou que dos 16 eleitos da APU, membros da ANMP, apenas dois foram convocados para a reunião na cidade da Beira Alta. «Os convocados, os presidentes das Câmaras Municipais de Montemor-o-Novo e Mora, foram-no à última hora, e a convocação foi feita de forma a não estarem presentes».

Estava em causa, para além do adiamento do congresso da Associação, anteriormente marcado para 15 e 16 de Junho, a constituição de oito comissões especiais permanentes, com

atribuições nas áreas das relações internacionais, assuntos regionais e ordenamento do território, estrutura e finanças locais, assuntos sociais e culturais, segurança e protecção civil, urbanismo, infra-estruturas e equipamento social, turismo, saneamento e ambiente.

Hipótese de impugnação?

Apesar da ausência de parte significativa do seu conselho geral, eleito no congresso constitutivo da associação realizada há cerca de um ano na Figueira da Foz, o CG reafirmou a legitimidade das posições assumidas na reunião «quer pela participação maioritária dos seus membros efectivos, quer pela democraticidade do funcionamento do Conselho Geral». Desde logo, os presentes contestaram tomadas de posição «que eventualmente ponham em

causa a participação dos municípios portugueses na sua associação nacional».

Mantendo-se a maioria «fabricada» no Congresso da Figueira da Foz, e de forma pública apresentada na edição de 19 de Maio do ano passado pelo «Semanário» — «as cartas estão já dadas; os comunistas não participam nos órgãos directivos, os sociais-democratas ficam com a presidência da direcção e os socialistas com a mesa do congresso» — para a fonte da APU contactada está-se perante «uma estrutura que, na prática, funciona como uma câmara de eco do Governo».

Desde então, que os eleitos da APU admitiam a possibilidade de vir a ser feita uma impugnação judicial. De acordo com a fonte da Aliança Povo Unido, a hipótese de agora impugnar as decisões da reunião da passada terça-feira, será remota pois «iria dar credibilidade a uma estrutura que já a perdeu».

Actividades e decisões da Associação de Reformados

Na Alameda D. Afonso Henriques, n.º 72, 2.º andar esquerdo funciona a UPPSS. Passemos além da sigla: é a sede da Associação de reformados, sempre aberta aos representantes dos órgãos de Comunicação Social e desejosa de manter contacto com todas as camadas da população da cidade. Na sua última Assembleia Geral, realizada no dia 11 de Maio, foram louvados vários sócios pelos serviços prestados à Associação de Reformados (UPPSS) e bem assim, com o comentário da Rádio e da TV, Carlos Pinto Coelho, foram aprovados votos de louvor aos jornais «o diário» e «Diário de Lisboa», e à ANOP.

O «Diário de Lisboa», nem sempre está presente quando é convidado pela Associação de Reformados, mas pelos convites confessa-se grato e acompanha com sincero interesse uma actividade que tem como objectivo alegrar, com as cores da Primavera, com as cores de Abril, o Outono da vida.

Além de serviços de assistência que se vão desenvolvendo consoante as possibilidades materiais, a Associação de Reformados promove actividades culturais e recreativas. Tem uma Biblioteca, organiza espectáculos e tardes dançantes.

Das resoluções da última As-

sembleia Geral transcrevemos:

«Que sejam elevados à categoria de sócios honorários a Associação 25 de Abril pelos serviços que prestou à nossa querida Pátria e continua a prestar ao povo português, pelas conquistas da Liberdade, no avanço pela Democracia em Portugal e pelas condições de vida quando Conselho da Revolução; graças à acção dos Capitães de Abril houve profundas modificações nas classes trabalhadoras, dos reformados que nunca esqueceremos, que o senhor general Vasco Gonçalves que foi e é uma figura do nosso povo e continua a estar ao lado dos nossos direitos políticos, económicos e sociais, lhe seja atribuído o diploma de sócio honorário pela luta constante na defesa de Portugal de Abril; que à União dos Anti-Fascistas Portugueses (URAP), pela luta que vem travando face à política dos governos que vêm tentando roubar os direitos e liberdades ganhas com o 25 de Abril, seja atribuído o diploma de sócio honorário; que seja atribuído o diploma de sócio honorário ao MURPI, Movimento Unitário dos Reformados Pensionistas e Idosos pela luta constante que vem defendendo este estrato social, face à política de alguns governos que não cumprem aquilo que dizem em campanhas eleitorais...»

Terrenos dão demissão na Câmara de Bragança

O vereador da Câmara Municipal de Bragança, Júlio de Carvalho, do PSD, auto-suspendeu-se por um período de 90 dias por discordar de uma cedência de terrenos decidida pela vereação da edilidade.

Os terrenos, localizados no

centro da cidade, destinam-se à construção de habitações para professores do Instituto Politécnico.

O vereador Júlio de Carvalho discordou igualmente que a cedência fosse feita a título individual.

Ele tem 24 Anos e ela 22 Juntos Ganharam 38.614.144\$00



O José Manuel Marreiras Santos, único Totalista do 7.º concurso do Totoloto tem um processo pessoal (mas transmissível...) de jogar: escreve numa folha de papel quadriculado 45 números e, feito isto, recorta os quadrados e mete-os num saco.

Depois, ele e a esposa, retiram, um a um, 6 quadrados e preenchem o boletim com os números neles indicados.

O processo não será muito científico? Que importa: rendeu, esta semana, à família Santos 38.614.144\$00! Serralheiro montador na construção naval, o José Manuel Santos nasceu em Setúbal, é casado, mas não tem filhos, e tenciona comprar uma casa e montar um negócio.

José Santos tem uma explicação curiosa para o seu momento de sorte: «À excepção da semana passada acertei sempre em três números. O que aconteceu foi muito simples — esta semana acertei nos três números do costume e mais nos três que ficaram livres da semana passada...»



totoloto

É FÁCIL

É BARATO

DÁ MILHÕES

Doente afogado num poço do Hospital Júlio de Matos

O cadáver encontrado anteontem num poço do Hospital Júlio de Matos é de um doente internado naquele estabelecimento e desaparecido em 6 do corrente. Segundo anunciou a Polícia Judiciária, não há suspeita de homicídio, mas o corpo vai ser autopsiado. A vítima, José Manuel Gonçalves Viana, de 29 anos, tinha como companheiro de enfermaria no Bloco 33 do hospital um irmão gémeo. Como habitualmente, ambos tinham ido passar o penúltimo fim-de-semana com a mãe, residente nas proximidades, de onde se ausentou aquele cujo cadáver viria a ser encontrado num poço de 21 metros de profundidade. José Manuel costumava dar grandes saltos sobre o muro do hospital, sendo considerado um autêntico acrobata.

Trata-se do segundo doente do Hospital Júlio de Matos cujo cadáver é encontrado naquele estabelecimento no espaço de um mês. Em 17 de Abril passado, numa caixa de ar e entre as canalizações de um pavilhão, foi descoberto o corpo de um homem em completo estado de putrefacção. Um inquérito ordenado pelo director do hospital,

Desastre de Dezembro de 77 no Funchal

Tribunal diz que não é falsa fita magnética das comunicações Pilotos suíços acusados de má-fé

O Tribunal Correccional de Genebra não aceitou a teoria da falsificação da fita magnética das comunicações entre o avião da SATA que se despenhou no Funchal em 18 de Dezembro de 1977 e a torre de controlo.

O vice-director-geral da Aviação Civil Portuguesa, Souto de Almeida, afirmou ao tribunal que a administração da DGAC se reserva o direito de proceder judicialmente contra os autores das insinuações.

A verificação da fita magnética pelo Tribunal de Genebra durou sete horas e foi feita para clarificar o fundamento das acusações dos advogados dos dois pilotos da SATA intervenientes no desastre que em Dezembro de 1977 causou a morte de 36 pessoas no Funchal. Os advogados dos dois pilotos da SATA sustentavam que a gravação das comunicações entre os pilotos e a torre de controlo do Aeroporto de Santa Catarina teria sido falsificada pelas autoridades aeronáuticas portuguesas.

Recorde-se que o Tribunal Correccional de Genebra reuniu no dia 7 de Abril para julgar os pilotos helvéticos Gilbert N. e Nicolas M., vindo a adiar a audiência para escutar a fita original das comunicações, então na posse das autoridades portuguesas.

Souto de Almeida fez uma declaração de quatro pontos em tribunal que ficou a assinalar a posição das autoridades portuguesas quanto às dúvidas colocadas pelos dois pilotos da SATA. Num deles, o vice-director-geral da Aviação Civil Portuguesa protestou com veemência contra o facto de ter sido posta em causa a integridade, a honra e a competência das autoridades portuguesas.

O representante da DGAC

lamentou ainda — em tribunal — que se tivesse chegado a uma situação em que pseudodúvidas e graves suspeitas puderam ser manifestadas, quando um pedido, do original da fita, em tempo oportuno — e no momento devido —, teriam impedido que se divulgassem «lamentáveis fantasias».

Fontes ligadas ao processo afirmaram ter ficado «indiscutivelmente provada a má-fé dos dois pilotos» que, para se eximirem a responsabilidades — julgavam eles — acusaram as autoridades e funcionários portugueses.

O Tribunal Correccional de Genebra ouviu ontem a gravação das comunicações entre os pilotos e a torre de controlo do aeroporto madeirense a propósito do acidente com um «supercaravelle» da SATA (companhia suíça) que causou a morte de 36 pessoas.

O julgamento propriamente dito terá lugar nos próximos dias 29, 30 e 31 de Maio, no Palácio de Justiça de Genebra.

Professores provisórios já têm boletins

Os professores provisórios que ontem não obtiveram boletins para o concurso relativo à colocação no próximo ano lectivo já hoje os podem comprar na Imprensa Nacional.

Os boletins esgotaram-se ao fim da tarde de terça-feira e ontem durante todo o dia, o pânico assaltou milhares de professores que não sabiam como resolver o problema, visto que o prazo de apresentação de candidaturas termina 2.ª feira.

Contactado o Ministério da Educação e o seu gabinete de informação e relações públicas — Cirep — ambas as entidades sempre afirmaram que não seria dilatado o prazo para os professores apresentarem a sua candidatura.

A situação tornou-se tão complicada quanto a realização dos concursos está atrasada em relação ao calendário habitual e a legislação recente-

mente publicada pelo ME constitui uma ameaça de desemprego para muitos professores provisórios.

Além disso, o ministro João de Deus Pinheiro afirmou publicamente, ao regressar de Bruxelas, que não há garantia de emprego no próximo ano lectivo para todos aqueles professores.

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa decidiu em reunião recente de delegados exigir que os prazos do concurso sejam dilatados e que sejam produzidos os esclarecimentos necessários, que habilitem os professores a concorrer de forma cabal e transparente reclama igualmente a realização urgente de uma reunião com o ME «para apresentar as dúvidas dos professores e propor soluções para a situação de incerteza que estão a viver os professores provisórios».

Coimbra, em Junho

Curso jurídico 70/75 almoça e convive

No próximo dia 15 de Junho os alunos do curso jurídico coimbrão de 70-75 vão reunir-se num almoço-convívio. A concentração será nos Gerais, às 11 horas, seguindo-se a visita de cumprimentos ao presidente do

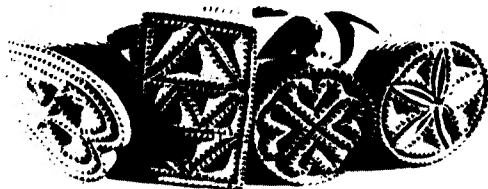
conselho directivo da Faculdade de Direito, primeiro, e ao Magnífico Reitor, depois.

As inscrições poderão ser feitas para José Castanheira, Rua Padre Estêvão Cabral, 79, 1.ª sala 102, 3000 Coimbra.



TODA A RIQUEZA
ETNOGRÁFICA PORTUGUESA.
UM NOVO ESPAÇO
DE EXPOSIÇÃO E VENDA

Horário: Todos os dias,
das 14.30 às 20H.



MAQUETISTA GRÁFICO PRECISA-SE

Com experiência de paginação de jornal, para trabalhar todas as manhãs.

Resposta a este jornal ao n.º 9502

ACTUALIZAÇÃO DO RECENSEAMENTO ELEITORAL 2 a 31 de Maio



O Recenseamento Eleitoral é OBRIGATORIO

SE AINDA NÃO ESTÁ INSCRITO NO RECENSEAMENTO: SE É MAIOR DE 18 ANOS OU SE OS COMPLETA ATÉ 31 DE MAIO.

INSCREVA-SE

SE JÁ ESTÁ INSCRITO NO RECENSEAMENTO: MAS MUDOU DE RESIDÊNCIA PARA OUTRA FREGUESIA, TRANSFIRA A SUA INSCRIÇÃO

Dirija-se para o efeito à Comissão Recenseadora da freguesia onde reside.

ENTRE OS DIAS 11 E 25 DE JUNHO, CONSULTE OS CADERNOS ELEITORAIS. VERIFIQUE SE A SUA INSCRIÇÃO, MESMO QUE SEJA ANTIGA, SE MANTÉM CORRECTA

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERIOR - Direcção-Geral de Viação

QUARTO ALUGA-SE

Com WC privativo, a menina ou senhora, estudante ou empregada, na margem Sul. Exige-se rigorosas referências.

Resposta a este jornal ao n.º 11 503.

POUPE
COMBUSTÍVEL
Não faça manobras desnecessárias.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

Acaba de sair

ALAVANCA
revista do trabalho

N.º 1 — Abril a Junho 1985

SUMÁRIO

Editorial. Salários em atraso: • Mais de 200 mil atingidos pelos salários em atraso • Depoimentos de protesto e solidariedade • OIT recomenda vigilância sobre o Governo. **Juventude** • Desemprego Juvenil. **Portugal na CEE ou a CEE em Portugal?** Revisão da legislação do trabalho. **Sector Público:** ordem para desnacionalizar. **Reforma Agrária** — Onde até a «ginástica» dos touros serve de pretexto para destruir. **Como sair da crise?** Reflexões sobre uma política de rendimentos. **Que política de Emprego?** Que futuro para os recursos humanos em Portugal. **Política Fiscal.** • Impostos e salários — análise por sectores e profissões • Consequências de evolução da carga fiscal sobre os rendimentos de trabalho. **Novas tecnologias e movimento sindical.** A mulher e a Política. **Reforçar a organização e melhorar a capacidade de intervenção e de acção.** A negociação colectiva em 1984 e 1985. **Ficheiro dados úteis.** 40.º Aniversário da derrota do nazi-fascismo.

Agora com novo formato
80 páginas e trimestral

ASSINE E DIVULGUE

Assinatura anual: 400\$00

Pedidos a: **Edições 1 de Outubro**
Rua da Glória 41 — 1.º Esq. 1200 Lisboa

Socorros tardaram 35 minutos a chegar ao local do acidente

Choque de comboios em Campolide saldou-se em cerca de 70 feridos

Pouco passava das oito da manhã quando os passageiros, ainda sonolentos, foram bruscamente atirados para a frente. Os bancos saíram dos seus lugares, as pessoas que não se encontravam amparadas pela massa humana que normalmente se comprime nas carruagens, àquela hora, foram arremçadas. No meio dos gritos surgia os primeiros feridos e os passageiros apercebiam-se que o comboio tinha chocado.

Trinta e cinco minutos depois chegava a primeira das macas que retiravam as três pessoas que não tinham ficado em condições de sair do comboio pelo seu pé. Não estávamos em sítio isolado de Trás-os-Montes mas ali mesmo, entre Campolide e a Cruz da Pedra. Por sorte, o embate fora fraco e as sete dezenas de feridos puderam caminhar até à estação de Campolide, com ajuda de outros passageiros.

De todos eles, apenas uma senhora ficou internada em São

José, com um traumatismo craniano, juntamente com três passageiros com fracturas diversas. Cerca das 10h00 a circulação ferroviária foi restabelecida nos dois sentidos.

O comboio das 7h31 minutos saiu do Cacém quase sem atraso e parou na Cruz da Pedra cerca das 7h55. Pouco depois imobilizou-se a uma centena de metros da estação de Campolide, frente a um sinal vermelho. Entretanto, chegou à Cruz da Pedra um outro comboio proveniente da Amadora. Era o

número 4642 e a sua saída da estação de origem verificara-se às 7h50. Parou na Cruz da Pedra às 8h00, alguns passageiros desceram, outros entraram. O maquinista recebeu ordem de partida do funcionário que atrás controla a entrada dos passageiros e pôs-se em marcha.

Ainda travou

A poucos metros dele estava um sinal que normalmente deveria estar fechado. Se estava ou não, se o maquinista o viu ou não, são coisas que por enquanto ninguém pode garantir. A verdade é que o comboio arrancou e que aquele sinal está colocado num local incontestavelmente pouco indicado.

A baixa velocidade, como a descida íngreme e a curva próxima impedem a composição entrar no desfiladeiro que dá acesso à estação de Campolide.

Logo após a curva, os passageiros da carruagem da frente, tal como o maquinista, viram repentinamente um comboio parado à sua frente estava um sinal vermelho, a pouca distância da entrada de Campolide.

O maquinista trava, os passageiros gritam mas já não há nada a fazer. O embate é violento e imediato. «A nossa sorte foi que iam devagar e ele ainda conseguiu abrandar mais», afirmou ao «DL» um dos passageiros do comboio da Amadora.

Muitos dos bancos foram arrancados dos seus lugares, os varões de apoio dos compartimentos de entrada das carruagens saltaram, as pessoas foram atiradas umas contra as outras e contra paredes e bancos. No comboio da frente, o do Cacém, o choque fazia-se igualmente sentir, ainda que com menos intensidade.

No meio do pânico gerado e agravado pelo facto de a via férrea ser naquele local ladeada de dois parados de pedra que deixam pouco mais de meio metro para a circulação a pé, surgem os primeiros feridos.

São 8h02, no máximo 8h05 e a multidão começa a abandonar o local, com grande dificuldade, em direcção a Campolide e à Cruz da Pedra.

Logo após a curva, os passageiros da carruagem da frente, tal como o maquinista, viram repentinamente um comboio parado à sua frente estava um sinal vermelho, a pouca distância da entrada de Campolide.

Acesso difícil

Os feridos que não conseguem andar ficam nas carruagens e os outros são ajudados por quem nada sofreu. Os primeiros a chegar a Campolide três ou quatro minutos depois, dão o alerta, a CP chama o 115 e às 8h10-8h15 chega a primeira ambulância junto à estação. Nessa altura ainda não havia polícia na estação e poucos conheciam ainda a reduzida gravidade do acidente.

Por sua iniciativa, e admirado pela demora dos socorros, conforme disse ao «DL», o chefe Canavial dos Bombeiros Voluntários de Lisboa telefonou para o Batalhão de Sapadores de Lisboa e fica a saber que lá ainda não há notícia do acidente. Pouco depois começam a chegar ambulâncias de muitas corporações de bombeiros, mas a CP revela-se incapaz de pôr em prática um esquema eficaz de encaminhamento dos socorros para os comboios.

Verifica-se uma certa desorientação entre os funcionários e só às 8h40 minutos, na presença do repórter do «DL», é que chega a primeira

maca aos comboios envolvidos no acidente, a trezentos metros do edifício da estação, para trazer as três pessoas que lá continuam: duas provavelmente com uma perna partida.

Felizmente não havia lá feridos graves... se os houvesse teriam esperado igualmente 35 minutos.

No total, as ambulâncias encaminharam 50 pessoas para São João e 18 para Santa Maria. Muitas delas tinham apenas escoriações diversas e crises de nervos, enquanto que um pequeno número sofria de fracturas nos braços e nas pernas.

Uma senhora grávida, extremamente abalada dos nervos, foi igualmente levada ao hospital, bem como uma criança de 3 anos com um maxilar partido.

Uma outra, senhora Maria Soledade Matos Parreira, ficou internada em São José com um traumatismo craniano, assim como três ou quatro outros passageiros, entre os quais Manuel Cardoso, com fracturas nas vértebras.

Cerca das 10h00 a circulação foi restabelecida, encontrando-se no local uma equipa de peritos da CP para determinar as causas do acidente.



Milhares de pessoas ficaram sem transporte um pouco ao longo de toda a Linha de Sintra.

Um sinal mal colocado e as causas do embate

No rescaldo do acidente desta manhã muitos eram os passageiros que, em Campolide, se interrogavam sobre as causas do choque. Uns falavam de avaria dos sinais, outros de falha humana.

Raros eram, porém, os que responsabilizavam directamente o maquinista pelo sucedido. Este, profundamente abatido, quase em estado de choque, circulava pela linha apoiado num outro funcionário da CP. Segundo algumas testemunhas oculares, teria mesmo desmaiado por duas vezes e a reportagem do «DL» viu-lhe as lágrimas correr pelo rosto.

Nos seus trinta anos, pera crescida, praticamente incapaz de falar, afirmou-nos apenas: «não sei o que é que se passou, recebi ordem para partir e avancei, ia a uns quarenta quando vi o outro comboio mas já não conseguia parar».

Pouco depois, um outro comboio, vindo de Sintra, chegava à estação da Cruz da Pedra (meio quilómetro antes do local do embate) e ficava imobilizado perante o sinal vermelho. Logo a seguir aproximava-se, a pé pela via férrea, o primeiro passageiro da composição sinistrada, que informava o maquinista do choque verificado mais adiante.

O sinal estava vermelho, funcionava portanto, e era provavelmente vermelho que ele se encontrava também, quando o comboio que esteve na origem do acidente dali arrancou minutos antes. Aparentemente, poder-se-ia dizer por isso que o choque se deveu a uma falha humana do maquinista.

Mas a questão essencial talvez não seja essa. É que o sinal está colocado praticamente em paralelo com a frente dos comboios que

param na estação da Cruz da Pedra, logo a seguir à ponta do cais. Nas horas de maior afluência de passageiros as carruagens circulam superlotadas com dezenas de pessoas dependentes dos estribos.

A atenção do maquinista concentra-se então na entrada e saída dos passageiros, procurando sobretudo evitar o arranque com as pessoas ainda a subir. O sinal está lá mas, naquele momento, ele está atento ao retrovisor e aguarda o sinal sonoro que o revisor das carruagens de trás lhe dá, comunicando que pode seguir.

Uma pequena distração, ou apenas um excesso de atenção à operação de arranque e o sinal é ultrapassado sem se dar por isso... pouco depois surge o desfiladeiro que dá acesso à estação de Campolide, a curva... e cem ou duzentos metros mais à frente um novo sinal.

Desta vez, antes deste último sinal, que estava vermelho, encontrava-se parado um comboio. Passada a curva o maquinista viu o obstáculo mas a distância que o separava dele não foi suficiente para imobilizar o comboio, apesar da travagem, confirmada pelos passageiros.

E se o sinal da Cruz da Pedra não estivesse mesmo em cima da cabine do maquinista e estivesse trinta metros mais além? Provavelmente não se correria o risco de uma pequena desatenção abrir as portas ao desastre.

Se o maquinista teve alguma culpa, a localização do sinal da Cruz da Pedra e as condições em que funciona a linha nas horas de ponta não poderão certamente ser ignoradas para o apuramento das responsabilidades.

J.A.C.

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

ACCÕES DE FISCALIZAÇÃO EM TODO O PAÍS PARA DETECÇÃO DE SITUAÇÕES IRREGULARES



Se se encontra nesta situação proceda de imediato à sua regularização junto do Centro Regional da sua área de residência. Evite assim as penalidades a que pode ficar sujeito.



A "reconquista" de Roma

A reconquista da presidência da Câmara de Roma pela Democracia Cristã (DC) contou com a ajuda da Igreja, que pediu aos católicos um «voto unitário» para derrotar os autarcas de esquerda — assinala a maioria dos jornais italianos.

Esta intervenção da Igreja na batalha pela «Cidade Eterna» foi protagonizada pelo próprio Papa João Paulo II.

Comunistas e democratas-cristãos travaram uma dura batalha por Roma na campanha eleitoral, centrada na bipolarização entre catolicismo-marxismo, do qual resultaram 33 por cento de votos para a DC (mais 3,4 do que nas eleições anteriores) e 30,8 para os comunistas (menos 5,3).

Além da vitória da Democracia Cristã, o dado mais importante a assinalar em Roma foi o facto de o candidato mais votado da DC não ter sido o cabeça de lista, Nicola Signorello, mas sim um popular jornalista da televisão e membro da «Opus Dei», Alberto Michellini, que obteve mais 273 votos do que o seu chefe de fila.

Michellini, que recolheu os votos da «Opus Dei» e de membros do movimento integralista católico «Comunhão e Libertação», não conseguiu, no entanto, superar o candidato comunista e já ex-presidente da câmara, Ugo Ver, que somou 4.422 votos.

"Directas" do Brasil

O Congresso brasileiro ratificou, numa rápida sessão plenária das suas duas câmaras, o restabelecimento do voto secreto e universal para as eleições presidenciais previstas para fins de 1988.

Há um quarto de século que os brasileiros não elegem directamente o seu presidente.

José Fraguelli, presidente do plenário e do Senado, declarou que se realizará uma segunda volta das eleições presidenciais no caso de não haver vencedor por maioria absoluta ao primeiro escrutínio.

Ao mesmo tempo, ficou restabelecido o voto directo para prefeitos de capitais estaduais, municípios mineiros, petrolíferos e ex-áreas de segurança nacional, nas eleições marcadas para 15 de Novembro.

Na breve sessão do plenário só se procedeu à leitura das resoluções aprovadas há uma semana.

Drama em Filadélfia

As autoridades da cidade de Filadélfia já encontraram dez cadáveres nos escombros calcinados da casa que serviu de sede ao grupo radical «Move», atacada à bomba pela Polícia na segunda-feira passada.

Os corpos carbonizados de um adulto do sexo masculino, de uma criança e de duas outras pessoas foram encontradas no local onde se registou um tiroteio e o assalto realizado pela Polícia, na sequência do qual ocorreu o incêndio que alastrou a 53 casas vizinhas e danificou mais oito.

As autoridades da cidade estão a ser severamente criticadas por terem lançado uma bomba de um helicóptero da Polícia para o telhado da casa, além de terem deixado alastrar o incêndio que se seguiu à deflagração.

Segredos na rua

Os correios britânicos anunciaram que vão investigar o caso de extravio de uma saca com documentos secretos do ministério da Defesa, encontrada na rua, em Londres.

Um porta-voz do ministério da Defesa, embaraçado, admitiu aos jornalistas que os documentos, encontrados por três jovens, incluíam instruções para operar sistemas de armamento telecomandado.

A saca postal, descoberta à porta de uma das estações do metropolitano de Londres, durante a noite passada, foi entregue à agência noticiosa britânica «Press Association» que, depois de examinar o seu conteúdo, decidiu remetê-la à Polícia.

Violência no Sri Lanka

Quarenta e oito pessoas morreram em novos actos de violência no Sri Lanka, enquanto as forças de «segurança» intensificaram a perseguição a separatistas tâmul, acusados de terem massacrado dezenas de civis numa cidade sagrada budista.

As forças de «segurança» intensificaram as patrulhas na cidade sagrada de Anuradhapura para evitar represálias contra os tâmulos por parte da maioria cingalesa.

Fontes oficiais disseram que 48 pessoas, todas da etnia tâmul, foram mortas quando um grupo não identificado armado de punhais, facas e armas de fogo atacou os passageiros de um «ferry-boat» que viajava entre as ilhas de Delft e Nainativu.

Cerca de 30 pessoas ficaram feridas e várias foram dadas como desaparecidas no mesmo ataque.

Americanos

vão testar a rigor

embaixadas

Ataques terroristas simulados vão ser conduzidos este ano contra as embaixadas norte-americanas consideradas mais vulneráveis, para testar as suas capacidades de defesa — revelou em Washington um funcionário da Casa Branca.

Em Lisboa, um adido de Imprensa da Embaixada norte-americana disse à agência NP não ter conhecimento do programa, mas frisou que, mesmo que o tivesse, nada poderia revelar, pois seria uma situação interna.

A indicação de que esta ou aquela embaixada seria sujeita aos testes constituiria, em seu entender, «uma desalegância diplomática».

Robert B. Oakley, director do Gabinete de Contraterrorismo do Departamento de Estado, afirmou em Washington que «o programa é semelhante, em teoria, a exercícios militares que testam a capacidade das Forças Armadas para responder a emergências».

«Uma equipa visitante simula um desvio de avião, um ataque à bomba ou um assalto à embaixada», afirmou Oakley. «Este programa, que começou em 1983, testará a capacidade de cerca de duas dezenas de embaixadas nossas em áreas de elevada ameaça, durante 1985», precisou o funcionário.

Oakley não identificou as embaixadas programadas para este ano.

O adido de Imprensa da Embaixada norte-americana em Lisboa assinalou que estes testes especiais devem ir mais além dos testes periódicos efectuados em todas as missões, «contra alarmes de incêndio, terroristas, bombas e outros».

Mais ou menos o que revelou Robert Oakley. Este reiterou nas suas declarações perante o Senado que os Estados Unidos, em futuros incidentes terroristas, «não farão concessões».

«Não pagamos resgates, não permitimos libertação de prisioneiros, nem concordamos com outros actos que possam encorajar terrorismo adicional», testemunhou Oakley.

«Não alteramos a política norte-americana — acrescentou — por causa de ameaças ou actos terroristas».

DE INTERNACIONAL

Shultz e Gromyko volte a encontrar-se em Ago

O secretário norte-americano de Estado e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros assentaram num programa para a continuação do diálogo Leste-Oeste, revelaram fontes da delegação dos Estados Unidos ontem em Viena. A informação foi dada por George Shultz a ministros da NATO, durante o pequeno-almoço em que os inteirou sobre o resultado do seu encontro de mais de seis horas com Andrei Gromyko, terça-feira disseram as fontes. Acrescentaram ser provável que Shultz volte a reunir-se com Gromyko, em 1 de Agosto, na Finlândia, durante as comemorações do décimo aniversário da assinatura dos Acordos de Helsínquia.

Segundo as fontes essa reunião também servirá para preparar a cimeira entre o presidente norte-americano Ronald Reagan e o dirigente soviético Mikhail Gorbachev.

Durante o pequeno-almoço com os seus homólogos da Grã-Bretanha, Sir Geoffrey Howe, da França, Roland Dumas, Itália, Giulio Andreotti, e da Alemanha Federal, Hans-Dietrich Genscher, Shultz disse ter havido concordância com Gromyko sobre a necessidade de uma cimeira entre os dirigentes das superpotências. Contudo, salientou, a data e o local não foram ainda fixados.

Pela sua parte, Moscovo considera que os Estados Unidos mantêm a mesma posição sobre a corrida aos armamentos.

A agência soviética TASS comenta que do exposto por Shultz no encontro de Viena não se pode deduzir que os Estados Unidos estejam dispostos a passar à prática na declaração da administração norte-americana a favor da limitação da corrida armamentista.

Em contrapartida, Gromyko sustentou a necessidade de medidas enérgicas e da melhoria das relações URSS-EUA para travar o desenvolvimento das tendências desfavoráveis na cena internacional, afirma a TASS.

O ministro soviético comunicou a Shultz a preocupação de Moscovo perante a atitude não construtiva dos negociadores norte-americanos em Genebra e insistiu na necessidade da manutenção rigorosa do acordo que ambos alcançaram no seu encontro de Genebra.

bra, sobre o reatamento das conversações de desarmamento.

Segundo a TASS, Gromyko sublinhou que a resposta de Washington à proposta de uma moratória conjunta e geral na criação e desenvolvimento de armas nucleares e espaciais, apresentada por Gorbachev servirá de indicador do rumo da sua política e das suas intenções na esfera militar.

O ministro soviético declarou que as fontes das tensões actuais no Mundo encontram-se em certos círculos que querem impor o seu Diktat aos Estados independentes, imiscuindo-se nos seus assuntos internos, e neste contexto mencionou os focos de tensão no Médio Oriente, África Austral, América Central e Ásia.

A terminar a sua resenha sobre o encontro Shultz-Gromyko a TASS refere que as duas partes realçaram que as conversações mantidas são necessárias e úteis.

Austria

Uma cerimónia solene no Castelo do Belvedere assinou ontem em Viena o trigésimo aniversário da assinatura do tratado de Estado que restituiu a soberania à Áustria, depois de 17 anos de ocupação alemã e aliada.

O tratado foi assinado, a 15 de Maio de 1955, pelo então ministro austríaco dos Negócios Estrangeiros, Leopold Figl, e os colegas das potências vitoriosas da Segunda Guerra Mundial.

O tratado consagra a neutralidade permanente da Áustria, segundo o modelo suíço,



Andrei Gromyko conversa com George Shultz, Geoffrey Howe e Roland Dumas

estatuto que continua em vigor.

O ex-primeiro-ministro austríaco Bruno Kreisky, foi uma das personalidades presentes nas cerimónias. Na sua qualidade de secretário da Figl Kreisky estivera presente na sessão solene de há 30 anos.

Outros dois sobreviventes, os ex-ministros dos Negócios Estrangeiros franceses, Antoine Pinay, e britânico, Harold Macmillan, ambos com mais de 90 anos, enviaram telegramas de felicitações.

Não houve resposta ao convite dirigido ao ex-ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Vyacheslav Molotov, também assinante do tratado de há 30 anos, agora com 95 anos de idade.

Numa alocução que pronunciou por motivo do trigésimo aniversário, o presidente da República austríaca, Fred Zino-watz, agradeceu especialmente às pessoas que participaram na resistência ao nacional-socialismo e desejou as boas vindas a todos os austríacos que foram obrigados a exilar-se durante a dominação nazi.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros das quatro «potências ocupantes» da Áustria, do fim da Guerra Mundial até 1955 (Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e União Soviética).

Escandinávia está com a Nicarágua

O presidente Daniel Ortega, da Nicarágua, iniciou ontem uma visita à Finlândia, a que se seguirá uma outra à Suécia, terminando assim a sua viagem à Europa, bastante mais discreta, mas possivelmente mais frutuosa do que a de outro presidente americano: Reagan. A Suécia, através do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Lennart Bodstroem, anunciou que iria atenuar alguns dos efeitos do embargo comercial norte-americano à Nicarágua.

O chefe da diplomacia de Estocolmo disse que o seu governo e a Agência Sueca para Ajuda Internacional «studam as possibilidades de atenuar os

efeitos» das sanções impostas pelo presidente Reagan à Nicarágua.

A Suécia já forneceu este ano a este país uma ajuda avaliada em 90 milhões de coroas suecas (cerca de 1,75 milhões de contos).

Daniel Ortega terá hoje conversações em Helsínquia com o seu homólogo finlandês, Mauno Koivisto e o primeiro-ministro Kalevi Sorsa, após o que partirá para a Suécia onde se avistará com o primeiro-ministro sueco, Olof Palme.

O primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, também de visita a Estocolmo, disse numa conferência de Impre-

nsa que a Espanha continuará a manter relações comerciais com a Nicarágua, apesar do embargo dos Estados Unidos, que considerou inaceitável.

Gonzalez, que transmitiu a Palme o teor das suas recentes conversações com Reagan e Ortega, afirmou que desejava ver reiniciar o diálogo entre Washington e Manágua.

O presidente nicaraguense teve ontem em Roma um encontro com o secretário-geral do Partido Comunista Italiano, Alessandro Natta, horas antes de partir para a Finlândia.

Um comunicado do PCI informa que no «cordial» encontro participaram também o mi-

nistro nicaraguense dos Negócios Estrangeiros, Miguel D'Escoto, o embaixador da Nicarágua em Roma e outros dirigentes comunistas italianos.

Natta reafirmou a «solidariedade do PCI, como também de todas as forças democráticas italianas, para manter a independência e a autonomia da Nicarágua».

CIA

O Comité dos Serviços Secretos da Câmara de Representantes Norte-Americana, controlada pelos democratas, autorizou a CIA a colaborar com os grupos anti-sandinistas que lutam contra o regime de Manágua.

tarão posto



om George Shultz na presença de umas (Telefoto UPI/DL)

tica), que assistem às cerimónias, felicitaram as autoridades austríacas por permanecerem fiéis ao estatuto de neutralidade consagrado há 30 anos.

Também esteve presente o ministro italiano, Giulio Andreotti, na qualidade de país vizinho e amigo, já que a Itália participou na Segunda Guerra Mundial do lado do Eixo.

Uma das sequelas do tratado de 1955 é, na Itália, o problema do Tirol, cuja população é de língua e cultura germânicas.

Na região italiana do Alto-Adigio, os separatistas criaram uma organização clandestina que contesta a permanência da região na República Italiana.

Armas químicas

Os EUA vão na próxima semana tentar obter o apoio dos ministros da Defesa da NATO, num esforço para persuadir o Congresso norte-americano a financiar a produção de novas armas químicas, disseram altos funcionários em Bruxelas.

Contudo, uma minoria de Aliados mostra-se contrária a qualquer atitude no sentido de que a NATO considere que as obsoletas armas químicas norte-americanas existentes na Europa constituem uma deficiência nas defesas convencionais dos Aliados, disseram os altos funcionários dos EUA na sede da Aliança.

Segundo fontes parlamentares, o comité aprovou que a Agência Central de Informações, CIA, transmita espionagem militar aos contra-revolucionários, mas rejeitou qualquer outra forma de ajuda.

Alguns legisladores mostraram-se preocupados com o facto de esta decisão poder violar a proibição parlamentar que impede os Estados Unidos de darem assistência militar aos anti-sandinistas, aos quais entregou mais de 80 milhões de dólares até Junho de 1984.

Fontes não-oficiais denunciaram várias vezes a colaboração entre agentes da CIA e os anti-sandinistas na direcção militar das unidades contra-revolucionárias.

A primeira desde há 16 anos

ANC prepara conferência geral

O Congresso Nacional Africano (ANC) vai realizar, dentro em breve, uma conferência geral, revelou em Harare, o secretário-geral da organização. Alfred Nzo.

Segundo Nzo, na conferência — que será a primeira a realizar-se nos últimos 16 anos, será analisada a estratégia e tática da organização e elaborado um programa de reforço de luta «pela liquidação do regime do 'apartheid'», na África do Sul.

Os participantes nos trabalhos da conferência, ainda sem local marcado, examinarão a possibilidade de cooperação «com todas as camadas da sociedade sul-africana, inclusive os brancos progressistas».

O ANC, um dos mais antigos movimentos nacionalistas do

continente africano, foi fundado em 1912 por alguns militantes negros.

O carácter reformista e pouco operacional dos primeiros anos do ANC, viria a ser substituído por uma acção mais radical e activa com a chegada de Nelson Mandela, em 1944, às estruturas dirigentes da organização.

A «Lei de Eliminação do Comunismo», promulgada pelo Governo racista em 1950, deu um novo impulso às actividades do ANC.

A «Mantença de Sharpville», ocorrida em 1960 e que provocou 69 mortos, veio culminar uma série de manifestações contra a determinação governamental da criação do «passe» de deslocação para os cidadãos negros e conduziu à ilegalização

do ANC.

Nessa altura, a organização abandonou o seu espírito não-violento e criou em 1961 a «Umkhonto We Sizwe» («Lança da Nação»), braço armado a partir do qual efectua acções armadas contra os interesses de Pretória.

Um factor importante na vida do ANC foi a formação em 1982, da Frente Democrática Unida (UDF), coligação que reúne organizações negras e brancas que se opõem ao regime do «apartheid».

Observadores acreditam ser a UDF o braço político do ANC, a partir do qual a organização participa nas actividades políticas levadas a cabo contra o Governo racista.

Arafat disposto

a aceitar
a resolução
242 da ONU

O líder da OLP, Yasser Arafat, afirmou que aceitaria uma resolução da ONU reconhecendo o direito de existência de Israel, se os Estados Unidos apoiassem o direito dos palestinos à auto-determinação — noticiou ontem o «Washington Post».

Segundo o jornal, este apoio condicional de Arafat à resolução 242 do Conselho de Segurança da ONU melhora as hipóteses de um diálogo entre a Organização de Libertação da Palestina (OLP) e os Estados Unidos.

Interrogado por jornalistas do «Washington Post» e do «Los Angeles Times» sobre se aceitaria explicitamente a resolução 242, se os Estados Unidos apoiassem também explicitamente a auto-determinação palestina, Arafat retorquiu: sim, absolutamente.

Raptados

O movimento Jihad Islâmica enviou ontem para o jornal An Nahar de Beirute as fotografias de seis ocidentais raptados e estabeleceu pela última vez as condições para a sua libertação.

As seis fotos a cores dos raptados — três norte-americanos, dois franceses e um britânico — que foram sequestrados em Beirute Ocidental, predominantemente muçulmana, estavam acompanhadas de notas dirigidas aos respectivos familiares,

A "mais difícil" viagem do Papa

Expectativa na Bélgica
depois da calma
luxemburguesa

O Papa João Paulo II conclui hoje uma visita de dois dias ao Luxemburgo, que decorreu sem a controvérsia que rodeou a anterior estada na Holanda, e parte à tarde para a Bélgica.

A partida está marcada para as 17 horas (de Lisboa), depois de João Paulo II visitar o túmulo de Santo Willibrod e celebrar uma missa.

O Papa terá também um encontro com jovens, na pequena localidade de Bechternach, onde aquele santo está sepultado. Prevê-se que a lealdade, a solidariedade e a liberdade sejam os principais temas do discurso que João Paulo II fará aos jovens.

O Papa foi recebido à sua chegada, ontem, ao Luxemburgo, com meno indiferença e sem os protestos que rodearam a visita que efectuou anteriormente à Holanda.

O ponto alto de ontem foi uma missa para trabalhadores e imigrantes celebrada perto de uma siderurgia na cidade meridional de Esch-Alzette.

A Polícia calcula que tenham assistido à missa cerca de 8000 pessoas, número que observadores julgam considerável, para um país que tem apenas 365 000 habitantes, dos quais 97 por cento são católicos.

Na sua homilia, João Paulo II disse a trabalhadores procedentes de Portugal, de Itália e da

Polónia que o peso da injustiça social tem provocado muitas vezes lutas, de classes e conflitos entre nações, particularmente nas gerações mais recentes.

Cerca de 100 000 estrangeiros trabalham no Luxemburgo, ajudando a dar a este país o maior rendimento «per capita» dentro da Comunidade Económica Europeia.

Anteriormente, o Papa visitou o grão-duque Jean, teve um encontro com o primeiro-ministro Jacques Santer, e recebeu cerca de 500 dignitários locais e membros do corpo diplomático.

A visita de cinco dias que João Paulo II inicia hoje à Bélgica é delicada, face à necessidade de dar igual atenção às comunidades rivais francesa e flamenga, a fim de não ofender nenhuma delas.

Pela primeira vez, o Papa não beijará o solo à chegada a Bruxelas. O aeroporto situa-se numa zona de língua flamenga, e a cerimónia formal de chegada realizar-se-á a alguns quilómetros, num parque de Bruxelas que é considerado terreno neutro entre as duas comunidades.

Os bispos belgas dizem que a quebra da tradição do beijo, se deve a motivos de segurança e não à rivalidade entre as comunidades.

Ainda o Boeing sul-coreano

Governo japonês confirma anomalias

O piloto do Boeing das linhas comerciais sul-coreanas derrubado por caças soviéticos em Setembro de 1983 enganou os controladores aéreos de Tóquio sobre a altitude a que seguia, minutos antes de ser atingido — revelam novos dados ontem divulgados em Tóquio.

Em conferência de Imprensa, Yutaka Haka, membro da Câmara de Conselheiros do Partido Liberal, no governo, indicou que os novos dados disponíveis também revelam que o piloto do «Jumbo» tinha passado o co-

mando de automático para manual.

As 269 pessoas que seguiam a bordo do avião, que voava entre Nova Iorque e Seul, morreram.

O novo documento foi publicado em nome do primeiro-ministro, Yasuhiro Nakasone, e entregue em resposta a um interrogatório formal apresentado o mês passado por Hata.

Não dá, contudo, razões possíveis para o piloto ter dado informações erradas aos contro-

ladores de tráfego aéreo.

Yutaka Haka afirmou: «Torna-se claro que o piloto deve ter tido determinadas intenções ao dirigir o aparelho» em comando manual.

O «747» voou em espaço aéreo soviético, sobre a península de Kamchatka e a ilha de Sacalina, durante cerca de cinco horas antes de ser abatido por um míssil disparado por um caça soviético, nas primeiras horas do dia 1 de Setembro de 1983.

A SUA CASA ESTÁ AQUI
NO PARQUE DA



ANDARES PARA VENDA
COM 3,4,5 ASS. E LOJAS

ÓPTIMAS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO
COM UM SINAL INICIAL DE 5%

Situa-se entre Benfica, Carnide e Pontinha
Contacte-nos na empresa Alves Ribeiro
no próprio local lote 38 r/c ou pelos
telefones. 99 2052 • 99 55 41 • 73 15 12



Alves Ribeiro, Lda.

ESCRITÓRIO DE VENDAS
COLINA DO SOL, LOTE 38 • TEL. 99 20 52
2700 LISBOA

Informação

PASSEIOS FLUVIAIS

INTEGRADOS NAS COMEMORAÇÕES DO
CENTENÁRIO DA ESTAÇÃO DO BARREIRO

A CP, com a colaboração da Câmara Municipal do Barreiro e da Associação Portuguesa dos Caminhos de Ferro (APAC), promove a realização dos seguintes passeios fluviais, com animação cultural:

21 de Abril, das 15 às 17-30
19 de Maio, das 15 às 17-30
2 de Junho, das 15 às 17-30
29 de Junho, das 21 às 23-30

com origem e término no Barreiro.

Cada um destes passeios terá itinerário diferente. O passeio de 29 de Junho (nocturno) permitirá assistir ao fogo de artifício das festas da cidade.

Lotação rigorosamente limitada.

Tarifa única: 150\$00.

Bilhetes à venda, a partir da antevéspera de cada passeio, nas estações de Lisboa-TP, Barreiro, Pinhal Novo e Setúbal.



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
está à venda
no Quiosque da Praça Patrão Lopes

Vítimas todos os meses entre os enviados especiais

Jornalistas em perigo

Jean-Claude Buhrer

Exclusivo Le Monde/DL

Um telefone vermelho para jornalistas em perigo: A falta de resultados imediatamente perceptíveis, e esta, pelo menos, a ideia lançada durante um seminário sobre «a segurança dos jornalistas em missão profissional perigosa, organizado no fim de Abril próximo de Vevey (Suíça), pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICR). Tratar-se-ia de uma linha telefónica permanente na sede que permitisse solicitar a assistência da organização humanitária a todo o jornalista ferido, preso, detido ou desaparecido durante uma reportagem.

A demonstração dos riscos corridos pelos jornalistas já está feita. Lembremo-nos de Bill Stewart, repórter de uma cadeia de televisão americana, friamente executado em 1979, na Nicarágua, sob a objectiva impotente do seu cameraman, por um soldado da guarda nacional de Somoza; do massacre em circunstâncias nunca realmente elucidadas de oito jornalistas peruanos na região de Ayacucho em Janeiro de 1983; ou ainda do caso Jacques Abochar, no ano passado, no Afeganistão. Outros tantos casos que contribuíram para sensibilizar a opinião pública. Mas quantos outros menos conhecidos na longa lista de jornalistas mortos, feridos, presos ou expulsos.

Entre 1950 e 1984 perto de trezentos representantes da Imprensa mundial encontra-

ram a morte no exercício da sua profissão. Só na América Latina cento e cinquenta e quatro foram mortos ou desapareceram nos dez últimos anos. Segundo a Federação Geral dos Jornalistas árabes, durante o mesmo período, 98 jornalistas morreram no Próximo Oriente, no Corno de África e no Médio Oriente. Entre as vítimas figuram sessenta e sete iraquianos mortos na guerra entre o Irão e o Iraque durante os cinco últimos anos. Também foi entregue ao CICR uma lista de oitenta e nove jornalistas iraquianos desaparecidos ou prisioneiros de guerra no conflito do golfo.

Só no ano de 1984, uma associação americana, o Comité para a Liberdade de Imprensa no Mundo, recensou os nomes de vinte e um jornalistas mortos, oitenta e um feridos,

duzentos e cinquenta presos e mais de cinquenta expulsos. Embora as condições variem, nenhuma região do planeta é poupada a este quadro sombrio.

Na verdade, como indicou Maurice Aubert vice-presidente do CICR, os perigos crescentes que

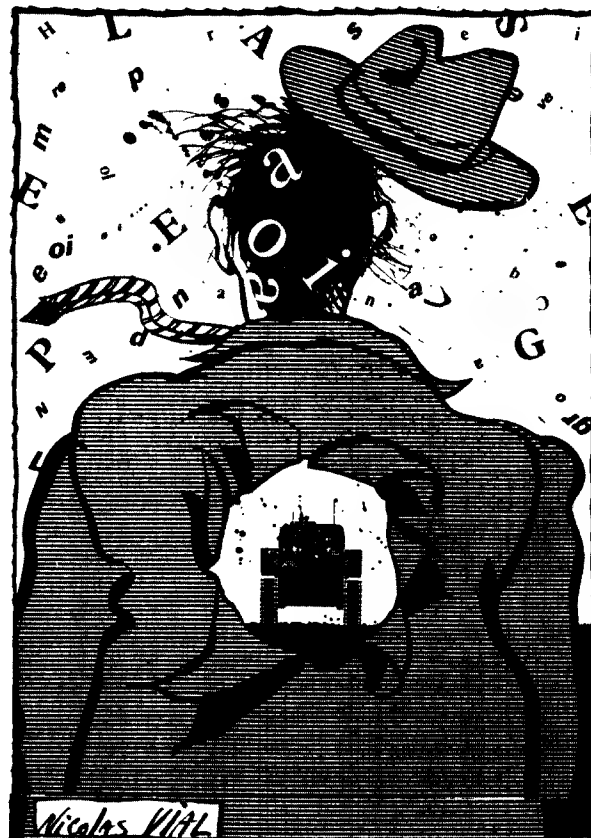
Os numerosos problemas de que são vítimas os jornalistas fazem aparecer as lacunas do direito humanitário para assegurar a sua segurança. No entanto, desde o fim do século XIX, o direito dos conflitos já se preocupa com a situação particular dos «correspondentes de jornais» tornados «correspondentes de guerra» quando da revisão da Convenção de Genebra em 1949. Em virtude destas últimas disposições, sempre em vigor, são protegidos como prisioneiros de guerra em caso de cap-

tura. Será, no entanto, necessário esperar a adopção em 1977 do primeiro protocolo adicional às Convenções de Genebra para que um progresso sensível seja realizado, assimilando expressamente os jornalistas em missão perigosa aos civis. De futuro eles deviam beneficiar da mesma protecção dos não-combatentes em geral. Mas tudo é diferente na prática.

Segurança-liberdade

Se todos reconhecem a necessidade de dar remédio às actuais carências, as opiniões divergem no que diz respeito às soluções. As discussões iniciadas no quadro das Nações Unidas e da UNESCO estão num impasse porque o problema da segurança dos jornalistas diz igualmente respeito à concepção da Informação. Assim, foi de início encarada a ideia de dotar os jornalistas de um estatuto particular e de um cartão de identidade oficial, mas muitos deles receiam que um tal sistema de credencial e controlo possa vir a abrir uma brecha na liberdade de Imprensa.

No seminário de Mont-Pelerin depressa se viu que os países onde os jornalistas vindos do exterior correm perigo são muitas vezes os mesmos que



não asseguram a segurança dos seus próprios jornalistas. O secretário-geral da União dos Jornalistas Africanos lembrou que, em numerosos países do continente, «os jornalistas não estavam em missão perigosa mas se encontravam constantemente em situação de perigo». O representante da Federação Latino-Americana dos Trabalhadores da Imprensa pediu o re-

forço da solidariedade profissional para com todos os jornalistas perseguidos, visto a reacção colectiva ser essencial. Por seu lado, um participante americano afirmou, categoricamente: «Não queremos trocar a liberdade de Imprensa pela segurança, nem que a cobertura das regiões perigosas seja feita de quartos de hotel, longe da acção e com mera base em comunicados oficiais».

PRIMAVERA-EM-FLOR NO CENTRO-OESTE

DE 2 A 30 DE MAIO DE 1985



Bilhete de ida e volta válido por 10 dias com redução de 50%.



Comboio, a opção dinâmica

Estação de Bombarral - Figueira da Foz

Esta oferta só é válida para viagens iniciadas nos dias verdes.

Consulta o Calendário Bicolor.

Informe-se na Estação mais próxima ou nas Agências de Viagens.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

P.º 8919/3.º Sec.

Faz-se saber que nos autos de acção especial de despejo que Joaquim Andrade Cardoso de Oliveira e mulher movem contra Maria Jarrela que foi residente na Rua do Poço Coberto, 19 - Bairro da Encarnação - Lisboa e marido, se encontra designado o dia 29/5/85, às 14 horas, para a tentativa de conciliação a que alude o art.º 972 do CP Civil, citando-se, por este meio, aquela ré para comparecer pessoalmente ou se fazer representar por advogado com poderes especiais para transigir, ou caso a tentativa se venha a frustrar, para contestar a acção no prazo de 5 dias, findos os efeitos de trinta.

Lisboa, 8/5/85

O JUIZ DE DIREITO

(illegível)

O ESCRIVÃO ADJUNTO

(illegível)

DL 16/5/85 - 2.º Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALMADA

ANÚNCIO

PROC.º 850 3.º JUÍZO 2.ª SECÇÃO

FAZ-SE saber que na Acção de Divórcio Litigioso n.º 850, pendente na 2.ª Secção do 3.º Juízo desta comarca de Almada, movida pela Autora ALICE DA CONCEIÇÃO SACRAMENTO, residente na Rua 1.ª de Maio n.º 3-1.º, S. Pedro da Caparica, contra GASPARD MARQUES, com última residência conhecida no Lugar de Guimardes do Tavares - Freguesia de Chãs de Tavares - Mafra, é este Réu citado para, querendo, contestar a presente Acção no Prazo de Vinte Dias, que começa a correr depois de finda a dilatação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação do anúncio.

Almada, 18 de Abril de 1985

O JUIZ DE DIREITO

a) Jorge Mourão Mendes Leão

A ESCRIVÃO-ADJUNTA

a) Alda C. Catarino Garcia Teodoro

D.L. 16/5/85 - 1.º Pub.

BARREIRO



A FAMÍLIA DE
MARIA ELISA
SAMPAIO

Vem por este meio manifestar a todas as pessoas amigas a sua muita gratidão pelo apoio dispensado nos momentos difíceis.



CONCURSO



NOME

Idade Profissão

Morada

Localidade Cod. Postal

Telefone

Freguesia Concelho

Tem televisor? N.º Licença

ACOMPANHANTE

Idade Profissão

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex.

QUINTA-FEIRA, 16 DE MAIO DE 1985 **Diário de Lisboa** 15

Ministros dos desportos analisam combate à violência

A recente tragédia de Bradford, que causou 52 mortos e 200 feridos, poderá alargar a discussão da violência e da segurança nos estádios de futebol na reunião informal dos ministros do Desporto do Conselho da Europa, que se iniciou hoje, em Lisboa.

A revelação foi feita por fontes ligadas ao Conselho da Europa, em vésperas da reunião dos ministros do Desporto dos «21» e na qual se prevê o debate sobre as actuais medidas destinadas a reduzir a violência nos espectadores quando das manifestações desportivas. O incêndio no estádio inglês de Bradford vai ser analisado pelo secretário-adjunto do Conselho, Caetano Adinolfi.

O incêndio em Bradford coloca em causa a recomendação do comité de ministros do Conselho da Europa de 19 de Março de 1984 no sentido de os estádios de futebol terem uma vedação a separar os espectadores do

relvado. Em Bradford, muitos espectadores escaparam ilesos ao incêndio das bancadas graças à ausência de vedações, com o relvado a servir de refúgio às chamas que devoraram a tribuna do estádio.

A reunião de Lisboa que tem lugar na Fundação Gulbenkian contará com uma comunicação do secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha, sobre a política do Conselho da Europa de «desporto para todos». Nessa comunicação serão analisadas as implicações no desporto do desemprego e do aumento dos tempos livres, como resultado da introdução da informática e da robotização nas sociedades modernas. Os ministros examinarão, por outro lado, os problemas que se colocam aos países organizadores de grandes manifestações e competições desportivas, estando previsto um relatório sobre este assunto do ministro holandês Joop Van Der Reijden.

NOTARIADO PORTUGUÊS

VIGÉSIMO SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DA NOTÁRIA LIC. MARIA FILOMENA MARQUES DA CRUZ

CERTIFICO NARRATIVAMENTE PARA EFEITOS DE PUBLICAÇÃO: Que, por escritura de 30 de Abril de 1985, lavrada a folhas 10 e seguintes do Livro 24-F, das notas deste Cartório, foi entre Carlos Augusto Gil Vieira, Francisco Craveiro Moreira e DISOTEL Equipamentos para Distribuição Alimentar e Hoteleira, Limitada, constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, cujo pacto é constante dos artigos seguintes:

— PRIMEIRO: — A sociedade adopta a denominação de DISOTEL — TECNOLOGIAS E EQUIPAMENTOS HOTELEIROS E ALIMENTARES, LDA, vai ter a sede em Lisboa, na Rua de São Sebastião da Pedreira, número cem, segundo andar, freguesia de São Sebastião da Pedreira, e a sua duração é por tempo indeterminado, a contar de hoje.

— SEGUNDO: — O objecto específico da sociedade é estudos, projectos, equipamentos, serviços e tecnologias para o comércio e indústrias hoteleira e alimentar. Fabrico, Representações, Importação e Exportação de Equipamentos e Serviços.

— TERCEIRO: — O capital social é de DOIS MILHÕES DE ESCUDOS, integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes: uma de oitocentos mil escudos, da sócia Disotel — Equipamentos para Distribuição Alimentar e Hoteleira, LDA; outra de sessenta mil escudos, do sócio Carlos Augusto Gil Vieira; e outra de sessenta mil escudos, do sócio Francisco Craveiro Moreira.

— QUARTO: — UM — A cessão, total ou parcial, de quotas, entre sócios é livre. — DOIS — A cessão a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, a qual se reserva o direito de preferência, deferido aos sócios não cedentes, se aqueles o não quiser.

— TRÊS — O consentimento considerará-se táctico, se não for expressamente negado pela sociedade no prazo de sessenta dias, a contar da recepção da proposta de cessão, a qual indicará, nomeadamente, o respectivo preço e a identidade do cessionário.

— QUATRO — Sendo recusado o consentimento, a sociedade obriga-se, nos trinta dias seguintes, a adquirir a quota cedida.

— CINCO — O preço da aquisição, na hipótese do número anterior, será o que, em função do balanço especialmente elaborado para esse fim e aprovado, se mostrar pertencer ao sócio titular da quota, devendo o mesmo ser pago por uma só vez, dentro de sessenta dias, contados da data da respectiva escritura.

— SEIS — Se a sociedade não der cumprimento ao disposto no número quatro deste artigo, a cessão da quota torna-se livre.

— QUINTO: — UM — A sociedade pode amortizar quotas nos seguintes casos:

a) — Por acordo com o sócio;

b) — No caso de cessão sem observância do disposto nos números dois a seis do artigo quarto;

c) — Quando a quota tenha sido arrolada, penhorada, arrestada ou por algum modo sujeita a qualquer procedimento judicial;

d) — No caso de falecimento, falência, insolvência ou interdição do sócio.

— DOIS — O preço da amortização, na falta de acordo com o sócio, será o que resultar da aplicação do disposto no número cinco do artigo quarto.

— SEXTO: — UM — A gestão e administração da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo dos sócios Carlos Augusto Gil Vieira e Francisco Craveiro Moreira, que, desde já, são nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral.

— DOIS — A sociedade fica obrigada em todos os seus actos e contratos com as assinaturas, em conjunto, dos dois gerentes.

— TRÊS — Os gerentes podem delegar entre si todos ou parte dos seus poderes de gestão e a sociedade fica com a faculdade de constituir mandatários, nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial ou para quaisquer outros fins.

— QUATRO — A sociedade não pode em caso algum ser obrigada em fianças, abonações, avais e letras de favor e mais actos e contratos alheios aos negócios sociais, sob pena de o infractor responder pelos danos que lhe causar.

— SÉTIMO: — As Assembleias Gerais, salvo nos casos em que a lei exija outras formalidades, serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos.

— PARÁGRAFO ÚNICO: — O sócio impedido de comparecer às reuniões da Assembleia Geral, poderá fazer-se representar por outro sócio, mediante simples carta, por si assinada, dirigida à sociedade.

— OITAVO: — Salvo deliberação em contrário, os lucros líquidos constantes do balanço, depois de realizadas amortizações e provisões para impostos e outros fins, bem como as quantias destinadas ao fundo de reserva legal ou outras que a Assembleia Geral deliberar criar, serão repartidos pelos sócios, na proporção das suas quotas.

Está conforme.

Lisboa, seis de Maio de mil novecentos e oitenta e cinco.

O 3.º AJUDANTE

(Francisca Dulce Ramos Padre Santo Ramalho)

D.L. 16/5/1985

O chicote de um prémio

Inacreditável mas verdadeiro: num país em crise acentuada, num Portugal que quase esmola à porta dos grandes potentados e obséquio de uns dólares, uns marcos, umas libras, numa terra onde a luz eléctrica apenas chega a algumas localidades por iniciativa e esforço das populações, numa fatia da Europa que está vergada ao peso do desemprego, o Governo oferece a cada futebolista com menos de 16 anos (que fazem parte da selecção comandada por José Augusto e se encontra na Hungria) a bagatela, a ínfima e medíocre quantia de 500 contos, caso passem às meias-finais do torneio europeu. Uma ninharia parecida com 10 mil contos que, repetimos, poderá ser embolsada por garotos em plena idade escolar que, certamente inebriados pelos lucros fáceis que podem ter dando uns pontapés na bola, vão imediatamente mandar os livros às malvas e pensar apenas que podem ser novos (e imediatos) Futres e Litos, sem notarem como é efémera a glória dos estádios convertida em fortuna e ainda mais transitória e episódica a benesse de qualquer Governo, mesmo que estejam à vista eleições presidenciais e autárquicas.

N. de S.

Futebol internacional

Everton acumula novo êxito

A RTP mostrou o que foi. Domínio (esperado) do super-Everton frente à frágil Rapid de Viena. Triunfo incontestável da melhor equipa, que depois de conquistar o campeonato do seu país, juntou este honroso troféu instituído pela UEFA e está preparado para, no próximo sábado (a nossa Televisão vai, novamente, ligar à Eurovisão), da «catedral» de Wembley impôr ao não menos poderoso Manchester, a derrota com que tem vindo a «brindar» os seus opositores locais e de fora.

Andy Gray foi a grande vedeta do encontro de Roterdão e quando ao minuto 58 atirou com acerto, terminava a resistência da turma da cidade da valsa. Foi o primeiro triunfo europeu do clube de Liverpool com o já referido golo de Gray, de Trevor e Kevin Shee, cabendo o ponto de honra da turma de Viena ao famoso Hans Krankl.

Para a história aqui fica a constituição das equipas:

Everton: Neville Southall; Setvens, Ratcliffe, Mountfield e Van Denhauwe; Trevor Steven, Peter Reid, Bracewell e Kevinsheedy; Andy Gray e Graeme Sharp.

Rapid de Viena: Konsel; Lainer, Weber e Garger; Karl Brauner, Kienast, Hrstic e Weinhofer (Panenka, 68); Kranjcar, Hans Krankl e Peter Pacult (Groess, 60).

Disciplina e trabalho segredo de Beckembauer

O seleccionador alemão-federal de futebol, Franz Beckembauer, ao conduzir a RFA a uma presença praticamente certa na final do «Mundial» de 1986, silenciou todos os que, a princípio, duvidaram da sua capacidade como treinador.

Desde que no Verão de 1984 assumiu o cargo de treinador da selecção alemão-federal, Beckembauer, criou na equipa uma confiança que os insucessos dos últimos tempos tinham abalado. Sob o seu comando, a RFA venceu até agora seis dos oito jogos disputados, tendo marcado 15 golos nos últimos três desafios, no Grupo Dois de que Portugal faz parte.

A vitória conseguida pela turma germânica por 5-1 frente à Checoslováquia, em Praga, a 30 de Abril, foi um dos maiores triunfos alcançados nos últimos anos pela RFA.

O técnico da selecção observou a equipa checoslovaca em quatro jogos, antes do desafio

de Abril, mostrou aos seus jogadores vídeos dos desafios e discutiu com eles a forma de actuar da equipa adversária.

O trabalho de casa deu os seus frutos e a Alemanha Federal dominou completamente o desafio, jogando um futebol apoiado e fechando aos checoslovacos o caminho da sua baliza.

Beckembauer apoia-se na sua experiência enquanto jogador do Bayern de Munique e incute aos jogadores um espírito ganhador assente num profundo trabalho táctico, aproveitando os valores alemães da disciplina e trabalho. «Os jogadores respeitam Franz e não o querem desapontar», diz um dos adjuntos de Beckembauer, Horst Koepfel.

Beckembauer, com as suas 103 internacionalizações, é o futebolista que mais vezes defendeu as cores do seu país e para os mais jovens jogadores da selecção ele é ainda um ídolo. «Ele consegue ser mais um entre nós e exercer simultaneamente a autoridade de que o lugar de treinador lhe confere», diz o defesa da selecção, Karl Heinz Foerster. Para Beckembauer, assumir o comando da selecção alemão-federal de futebol sem nunca ter antes treinado uma equipa, foi «um desafio» a que respondeu depois de terminada a sua carreira como jogador.

Depois de deixar o Hamburgo, último clube em que jogou, Beckembauer dedicou-se à actividade de publicidade, não possuindo licença para ser treinador de futebol, facto que leva a que seja chamado director técnico.

Taça de Espanha: Barcelona eliminado

O Barcelona, apesar de vencer o Bétis por 2-1 em jogo da segunda «mão» dos quartos-de-final da Taça de Espanha em futebol, foi eliminado por 4-3 no conjunto das duas «mãos». No outro jogo da mesma fase da prova, o Atlético de Madrid empatou (0-0) com o Gijon, mas garantiu o apuramento mercê da vantagem 2-1 trazida do primeiro encontro.

Molowny continua como treinador do Real

O treinador Luís Molowny continua por mais um ano a dirigir a equipa de futebol do Real Madrid, foi anunciado após uma reunião entre o técnico e o pre-

sidente do clube, Ramon Mendonza. Molowny, que tomou conta da equipa do Real há cerca de um mês, substituindo Amâncio, comprometeu-se com os dirigentes do clube a continuar à frente da equipa durante a temporada de 1985-86.

Bossis no Racing Paris

O futebolista francês Maxime BOSSIS assinou contrato por quatro épocas com o Racing Paris, pondo de parte a hipótese de se transferir para o Tottenham, Inglaterra. «Estou feliz por ter assinado pelo Racing. Podia ter ingressado no Tottenham por um período de três anos, mas no regresso de Londres reuni-me com dirigentes do clube parisiense e cheguei a acordo», disse.

Bossis, titular da selecção francesa, campeã da Europa, completa em Junho 30 anos e pertencia ao Nantes.

Zico castigado

O futebolista brasileiro ZICO, ao serviço da Udinese, da Primeira Divisão italiana, foi punido com seis jogos de suspensão por ser acusado de ter proferido palavras injuriosas para com o árbitro da partida do campeonato entre a Udinese e o Nápoles no domingo passado. Sofreu um dos castigos mais pesados aplicados esta época pela comissão disciplinar da Federação Italiana de Futebol.

Segundo o relatório do juiz da partida, Zico insultou-o dentro do relvado e posteriormente no túnel de acesso às cabines.

Colômbia vence Brasil

A Colômbia venceu ontem o Brasil por 1-0 em jogo de preparação para as eliminatórias do «Mundial-86» de futebol, em Bogotá. Lugo marcou aos 66 minutos o golo do triunfo colombiano perante uma equipa brasileira que voltou a decepcionar.

Os brasileiros Casagrande e Careca foram os únicos que deram indicações positivas numa selecção que voltou a não apresentar os «italianos» e viu-se ainda privada de Alemão e Eder.

Brasil: Carlos; Edson, Oscar, Mozer e Branco; Jandir, Geovani e Casagrande; Jorginho (Bebeto), Careca e Mário Sérgio.

Modalidades

Golfe: Circuito Profissional

Luis Espadinha reforçou a sua posição de líder do Circuito Profissional de Golfe no torneio que decorre no Campo de Carregueira, Belas.

Jogados 36 buracos, o que corresponde a metade do torneio, Espadinha, do Palmares, soma 137 pontos, seguido de Rogério Valente, Quinta do Lago, 143, Carlos Alberto Agostinho, Porto, 144, João de Sousa, Madeira, 146 e Carlos Aleixo, Estoril, 147.

Continuam em prova 17 profissionais, prosseguindo hoje o circuito com a terceira volta, onde se disputam mais 18 buracos.

Tiro: Torneio das Nações

Mário Rua estabeleceu novo recorde nacional na categoria de ar comprimido durante a segunda jornada do Torneio das Nações Latinas de Tiro, a decorrer em Monsanto.

Mário Rua totalizou 675 pontos, batendo assim o máximo anterior de 573, na posse de Jacques Pena, obtido em 1984 durante o Torneio das Nações Latinas que se disputou na Roménia.

Hóquei: Campeonato

Jogo em atraso para o campeonato de hóquei em patins: Sporting de Tomar, 2-FC Porto, 5. Consequência imediata: o técnico Velasco foi dispensado e o presidente tomarense (dr. Libério Grilo) solidarizou-se com o antigo «internacional» moçambicano, demitindo-se do cargo que ocupava na colectividade de Tomar. Os jogadores Pereira da Silva e Jaime Clemente passaram a dirigir os treinos da equipa hóquista.

Oeiras: técnico

Acúrcio Carrelo é o novo treinador hóquista da Associação Desportiva de Oeiras, sucedendo a Ricardo Mendonça.

«Europeu» de Voleibol:

A Finlândia venceu Portugal por 3-0, em jogo da primeira jornada do Torneio de Qualificação para o Europeu de Voleibol, na cidade jugoslava de Maribor.

Asa Delta: Mundial

— portugueses

Portugal vai participar este ano, pela primeira vez, no Campeonato Mundial de voo livre em Asa Delta, a disputar, a partir de segunda-feira, na Áustria, anunciou o Aero Clube de Portugal, nomeadamente em Xossen, nos Alpes austríacos, até 9 de Junho.

Os pilotos Miguel José Santana, José João Figueiredo, Ricardo Marques da Costa e Rogério Mello Coutinho integram a primeira representação portuguesa a participar nesta prova mundial.

A equipa, constituída por jovens estudantes e um recém-formado em Medicina, segue amanhã para a Áustria e conta com o apoio da Direcção-Geral dos Desportos, Região de Turismo do Algarve e TAP - Air Portugal, além do Aero Clube de Portugal.



O Al Ittefaq Club, equipa de Dammam (Arábia Saudita), estagiará em Portugal durante todo o mês de Agosto, preparando-se para a próxima época saudita. O Al Ittefaq Clube, conquistou este ano a «Taça do Rei», assim como a «Taça das Taças dos Clubes Árabes». É treinado pelo brasileiro «Formiga», ex-jogador do Santos e companheiro de Pelé. O presidente (Abdul Aziz Al Dossary) delegou no secretário-geral (Hilal H. Al-Tuwaigri) plenos poderes para negociar presentemente em Portugal o contrato com a «Mercury World of Sports» relativamente ao estágio na área do Estoril, tendo em consideração a reputação do futebol português, assim como a excelência das condições oferecidas. O Al Ittefaq Club fará deslocar a Portugal uma comitiva de 40 pessoas, 28 das quais serão jogadores (4 internacionais A, 2 internacionais juniores). Durante o estágio efectuarão vários jogos particulares com equipas portuguesas da 1.ª e 2.ª divisões. Na imagem: acerto dos últimos pormenores para o estágio e digressão no nosso país.

PONTA ESQUERDA

Treinador não é qualquer

Para ser treinador é necessária uma licença que passa a ser obrigatória a partir de Julho, segundo estabelece um decreto-lei publicado no «Diário da República», e será passada pela Federação respectiva, contra a apresentação do certificado de graduação obtido no curso correspondente, sendo válida por quatro anos e renovável por igual período, com base na avaliação do trabalho realizado. O Instituto Nacional dos Desportos, em colaboração com as Federações, promoverá a realização de cursos de formação, que serão dirigidos por técnicos de reconhecida capacidade, sob proposta das Federações. Os infractores poderão ser punidos com multas que oscilam entre os dez e os mil contos.

Itália não cede estrangeiros

Os responsáveis pelo futebol italiano reafirmaram a sua negativa às pretensões das federações argentina e brasileira de libertar os seus futebolistas antes do termo do campeonato italiano.

Federico Sordillo, responsável federativo, respondeu a um telex enviado pelas federações de futebol da Argentina e do Brasil sublinhando ser **absolutamente necessário que os estrangeiros permaneçam à disposição dos respectivos clubes italianos até ao final da época.**

A resposta de Sordillo parece pôr termo às esperanças das duas federações de poderem contar com os seus futebolistas que militam na Itália antes de 20 de Maio, data em que termina o campeonato transalpino. Sordillo argumenta que a «libertação» dos futebolistas sul-americanos antes daquela data poderia pôr em risco as duas últimas jornadas do campeonato, durante as quais se vão definir as equipas que na próxima época disputam as competições europeias e as que vão descer de divisão.

Na passada semana, os organizadores do campeonato comunicaram aos vários clubes que violariam os regulamentos se deixassem os seus jogadores estrangeiros abandonar o país antes do termo da prova.

Diego Maradona, o argentino ao serviço do Nápoles, decidiu desafiar a proibição, mas para isso tem de passar os próximos 15 dias em viagens entre a Itália e a Argentina de modo a poder jogar pela selecção do seu país e pelo seu clube.

A Argentina disputa a 26 de Maio com a Venezuela o seu primeiro desafio de qualificação para o «mundial» do México e o Brasil defronta a Bolívia a 2 de Junho.

Atlético: o amanhã

Bons ventos sopram para os lados do Atlético: o prestigioso associado Agostinho Gil propõe-se pegar no leme directivo do clube da Tapadinha e, nesse sentido, vai apresentar um elenco a 17 do corrente.

Esta noite, nas Antas

'Supertaça' regressa à cena

Esta noite no palco das Antas estarão em mais um confronto as equipas de futebol do Benfica e do FC Porto para repetirem o direito à posse do troféu «Cândido de Oliveira» designado de «Supertaça». Como se recordam nos dois encontros anteriores os resultados igualaram-se em 0-1 e contrariamente ao que seria recomendável e de acordo com a legislação federativa (Regulamento de Provas), os clubes (com a concordância da FPF) resolveram bisar a dose e, esta noite, quando forem 21.30 horas aí estará o candidato a internacional **Raul Ribeiro** (de Aveiro) a dar o silvo para o pontapé de saída de um jogo que também servirá para que o futuro orientador benfiquista **Mortimore** comece a recolha de elementos que lhe permitam ajuizar do «plantel» com que contará após o seu definitivo regresso a Portugal.

O encontro da segunda «mão» terá lugar na Luz no dia 30 do corrente com começo marcado para as 21 horas. E se o «nulo» voltar a suceder depois de mais esta dupla maratona de 180 minutos?

Relativamente às equipas que Pal Csernai e Artur Jorge irão apresentar tudo indica que entrem em cena os seguintes artistas:

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Frasco, Quim, Vermeilhinho e Futre; Jaime Magalhães ou Smedo e Gomes. Suplentes: Matos, Eduardo Luís, Mariano e Walsh.

BENFICA: Bento; Pietra, António Bastos Lopes, Oliveira e Álvaro; José Luís, Carlos Manuel, Shéu ou Nivaldo e, Diamantino; Nenê e Manniche. No banco estarão Delgado, Samuel, Jorge Silva e Tozé. Refira-se que Nunes e Vando, que seguiram viagem com vista ao encontro de domingo (O Benfica ficará três dias pelo norte), não poderão alinhar neste encontro por terem sido punidos com um jogo de castigo.

Sporting nos EUA

No termo da época oficial, o Sporting vai excursionar, tendo jogos programados para o Canadá e Estados Unidos. Em New Bedford e Toronto actuará como opositor a turma madeirense do Marítimo.

Melia em Braga

Jimmy Melia, actual técnico do Belenenses, é falado como sucessor de Qunito, no Sporting de Braga.

Sérgio Barros: Promoção

O «internacional» júnior «B» Sérgio Barros (Farense) assinou um contrato de quatro épocas como profissional com o clube algarvio. O Farense garantiu assim o concurso do mais jovem jogador de futebol profissional na história do clube. Sérgio Barros era pretendido por vários clubes, nomeadamente Sporting e Benfica. O jogador tem ainda para cumprir mais uma época como juvenil.

Alinho suspenso

O Lusitano de Évora suspendeu Carlos Alinho das funções de treinador da sua turma de futebol, instaurando-lhe um inquérito disciplinar por **desrespeito a ordens da direcção lusitanista**. Nas derradeiras jornadas do campeonato da 2.ª divisão a formação eborense fica entregue aos jogadores Óscar e Jeová.

Braga: reforços

Garantidos reforços para o «onze» do Sporting de Braga: Jacques (Porto), Marcelino (Mangualde), Barbosa e Toni (Vizela). Por seu lado, o professor Fernando Palmeira volta ao «1.º de Maio», como preparador físico.

Setúbal: contratações

Crisanto (Montijo) firmou compromisso com o Vitória de Setúbal que mantém negociações com Monte (Sport Grandolense).

Promoção arbitral

José Guedes (Porto) vai arbitrar a partida Jugoslávia-Suécia, para o campeonato europeu dos sub-16.

Divisão 3

Em jogo-repetição da Série C, do campeonato da 3.ª divisão, o Tondela ganhou em Belmonte, por 2-1. Hoje realiza-se a partida Bragança-Vieira, que terá lugar pelas 18 horas.

Calendário muda

Em relação à 28.ª jornada a disputar no próximo domingo, portanto já dentro das três últi-

mas (as quais não podem ter antecipações), no que se refere às três divisões, e também ao «Nacional» de Juniores (penúltima jornada, na 2.ª fase), apenas há a registar alterações de campos, em duelos para domingo: Nacional da 1.ª Divisão: Salgueiros — Vitória de Guimarães, no Campo Eng. Vidal Pinheiro (Porto), às 16 horas; Nacional da 2.ª Divisão (Zona Sul): Estrela da Amadora - Barreirense, no campo n.º 3 do Estádio da Luz (Lisboa), às 16 horas; Nacional da 3.ª Divisão (Série B): União de Lamas - Esmeriz, no Campo Centro Social (Argoncilhe/Feira), às 16 horas; (Série E): Lusitânia - Vialonga no Campo de Jogos Municipal (Angra do Heroísmo), e Santa Clara - Vilafranquense, no Estádio Distrital (São Roque/Ponta Delgada), ambos às 15 horas, e, ainda, Campomaiorense - Oriental, no Estádio Municipal (Elvas), às 16 horas. Nacional de Juniores (Zona Sul): Benfica - Barreirense, no Estádio da Luz (Lisboa), às 11 horas.

Claques organizam-se

A organização do primeiro encontro nacional de claques anunciou a criação de uma associação com sede em Coimbra.

A associação será constituída por um representante de cada uma das 13 claques, apoiantes de 9 clubes desportivos, presentes no encontro nacional recentemente realizado em Coimbra.

As conclusões do encontro, divulgadas em Coimbra, referem que a associação irá interceder junto dos presidentes dos clubes no sentido de a Federação Portuguesa de Futebol facultar bilhetes para as claques. Durante o encontro nacional foi aprovada por maioria uma proposta para a criação de uma «claque nacional», com o nome «Os Lusíadas», para apoiar a selecção portuguesa.

Governo inglês contra desordeiros

O secretário de Estado inglês dos Desportos, Neil McFarlane, pediu às autoridades belgas e holandesas que sejam severas com os adeptos britânicos de futebol que causem problemas nas finais das taças europeias de clubes.

O Everton jogou ontem em Roterão, a final da Taça dos Vencedores de Taças, e o Liverpool joga, dentro de duas semanas, na Bélgica, a final da Taça dos Campeões.

McFarlane em cartas enviadas aos governos belga e holandês pediu que os desordeiros sejam severamente castigados e expulsos do país onde decorra a final.

NA SUA AGENDA

Atletismo: «GP» Pinhalnovoense

O Clube Desportivo Pinhalnovoense vai organizar no próximo dia 26 do corrente (pelas 10 horas) uma prova de estrada na distância de 11 quilómetros designado de II Grande Prémio Clube Desportivo Pinhalnovoense. A prova é aberta a atletas federados e populares com as idades a partir dos 14 anos e haverá elevado número de prémios e diplomas para todos os participantes. As inscrições poderão ser feitas por correio e pelo telefone.

46.º «Rallye» FICC Grande acampamento internacional

É na Ericeira, de 2 a 11 de Agosto, que terá lugar este grande acampamento, onde se espera venham a reunir-se mais de 7000 campistas, de cerca de 25 países.

A Comissão Executiva do Acampamento, que funciona

na Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo, torna público que já se iniciou a inscrição dos campistas portugueses, a qual poderá ser feita na colectividade onde os campistas estão filiados, ou directamente para a Federação, cujas novas instalações são na Av. 5 de Outubro, 15-3.º, em Lisboa.

O programa já elaborado oferece diversos atractivos, tanto no aspecto cultural, como nos desportivo e recreativo. Bandas, ranchos folclóricos, dança, ginástica, 2 fogos de campo, tudo está previsto para a ocupação dos serões do período do «Rallye». Durante o dia, numerosas provas desportivas e de entretenimento ocuparão os participantes que, assim, poderão optar pela vida do «Rallye» ou pelo agradável banho na praia vizinha do parque.

O Presidente da República, que preside à Comissão de Honra, irá assistir à cerimónia da inauguração.

Atletismo em Santiago do Cacém

Numa organização conjunta Moto Clube Santo André e Câmara Municipal de Santiago do Cacém, vai realizar-se em 2 de Junho, no Centro Urbano Santo André, o primeiro troféu «Moto Clube em Atletismo».

Os participantes nesta jornada de atletismo popular, que tem início marcado para as 9 horas, serão divididos por 6 escalões etários femininos e 8 masculinos, envolvendo atletas a partir dos 6 anos. As provas principais dos 2 sexos, e escalão de seniores femininos e masculinos, terão uma distância de 2.500 e 7.500 metros, respectivamente.

Serão atribuídos prémios individuais até ao 10.º classificado, e prémios às 3 primeiras equipas nos escalões 10/12, 13/15 e 16/29 anos.

MENINA ISABEL ANÓNIA LAPA CERQUEIRA

NASCIDA A 23/6/1966
FALECIDA A 8/4/1985

AGRADECIMENTO

Seus pais, António de Jesus Lapa Fernandes Manuel e Silas Coutinho Cerqueira e sua irmã Cristina, na impossibilidade de agradecerem pessoalmente a todos os amigos que os acompanharam aquando da dolorosa perda da sua querida filha e irmã, vêm por este meio expressar o mais sincero reconhecimento pelas manifestações de pesar e solidariedade recebidas.

CNID: um grito de alerta para segurança nos estádios

O CNID (Clube Nacional da Imprensa Desportiva) emitiu o seguinte comunicado:

A direcção do CNID realizou uma reunião extraordinária a fim de se debruçar sobre os trágicos acontecimentos ocorridos no recinto do Bradford City, no norte de Inglaterra, em que um pavoroso incêndio dá como números provisórios o de 52 mortos e 200 feridos em estado grave.

«O CNID, que se sente vocacionado para uma missão quer desportiva, quer social, e até formativa, não pode deixar de alertar as entidades oficiais, desportivas e estatais, e o próprio público, para a necessidade de garantia de segurança nos recintos desportivos de modo a evitar que casos semelhantes venham a suceder entre nós.

«Não podemos deixar de lembrar que os nossos campeonatos entram agora numa fase em que os adeptos pretenderão comemorar, quer obtenção de títulos quer subida de divisão, quer ainda a fuga aos lugares de descida. Nessas festas, nessas autênticas explosões de fervor clubista, sabe-se que se usam presentemente fogos-de-artifício, bombas de fumo colorido, e a mais variada gama de artefactos fabricados à base de produtos susceptíveis de provocar incêndios ou, como mal menor, queimaduras graves.

«Isto referindo-se ao futebol, com recintos descobertos, sendo bom não esquecer a existência de pavilhões gimnodesportivos espalhados pelo país inteiro, para outras modalidades, onde o perigo se poderá revestir de aspectos ainda mais graves.

«Diz o nosso povo que mais vale prevenir do que remediar e essa é a ideia do CNID ao fazer este alerta simples e despretensioso.»

Comité Olímpico contra violência

O Comité Olímpico Português, em carta enviada ao secretário de Estado dos Desportos (publicamente divulgada) chama a atenção do Governo para a «violência que se verifica nos campos desportivos e fora deles».

A carta remetida por ocasião da reunião dos ministros ligados às actividades desportivas no âmbito do Conselho da Europa, que se iniciou hoje em Lisboa, põe à consideração do Governo a questão do «combate à violência». Referindo que há anos reclama «a necessidade de encaminhar a nossa juventude para a prática do desporto, o COP afirma-se defensor de uma orientação educativa».

O Comité Olímpico Português constituído por 110 membros (neles incluídas 5 federações nacionais) depois de apontar o papel do Comité Internacional no «combate à violência» afirma que «não perde o ensejo de apontar o mal e pedir remédio para ele».

Os melhores pesos médios do pugilismo

Francisco José

Serviço EFE/DL

Em 1951, Ray «Sugar» Robinson conquistou o ceptro mundial dos pesos médios com a sua vitória sobre Jake la Motta. Sucederam-lhe no trono campeões da categoria de Carmen Basilio, Gene Fullmer, Dick Tiger, Emile Griffith, Nino Benvenuti, Carlos Monzon...

«Sugar» Robinson é considerado o melhor campeão da história da chamada «categoria rainha». Precederam-no, entre outros, Marcel Thil, Rocky Graziano, Marcel Cerdan, Jake la Motta... Muitos foram figuras lendárias e continuam a sê-lo.

O cinema proporcionou biografias notáveis de Rocky Graziano, de Cerdan, de la Motta. Nenhum chegou, segundo todas as sondagens realizadas entre críticos e especialistas do desporto das doze cordas, à altura de «Sugar» Robinson, que disputou catorze campeonatos do mundo entre 1951 e 1961 e frente a rivais de uma indiscutível classe: Carl «Bobo» Olson, Randolph Turpin, Carmen Basilio, Gene Fullmer...

Trinta anos depois

Trinta anos depois da noite em que Robinson, «o imperador de Harlem», se sagrou campeão mundial dos médios — quatro anos antes tinha sido titular da classe inferior, a de

meios-médios — outro pugilista realmente excepcional conseguia a coroa dos médios ao vencer por KO técnico, em Londres, o britânico Alain Minter, no terceiro assalto.

Marvin Hagler tinha fracassado meses antes diante de Vito Antuofermo, não conseguindo mais do que «match» nulo quando o italiano era o campeão. Em 15 de Abril último, Hagler defendeu o título frente a Tommy Hearns, em Las Vegas, combate que foi o décimo primeiro do seu historial quanto a defesas do ceptro, e no qual se desembarçou do seu adversário por KO técnico no terceiro assalto.

Hearns só antes perdera uma vez: frente a «Sugar» Ray Leonard, em Dezembro de 1981, para o título de meios médios.

O combate Hagler-Herans, presenciado no Caesar's Palace de Las Vegas por 15 000 espectadores — e por milhões em directo através da televisão em circuito fechado — foi um dos mais apaixonantes e que maior expectativa criou nos últimos anos, embora o desenlace, em apenas três assaltos, tenha sido, logicamente, uma decepção, pela enorme superioridade de «Marvel» (Maravilha) Hagler, que não deu a menor hipótese ao seu rival de 26 anos e 1,86 metros de estatura, dez centímetros mais que o excepcional pugilista que o venceu.



O peso médio argentino, Monzon, possui o recorde de defesas vitoriosas do título mundial: 14

A quatro combates de um recorde

Hagler, que já completou 30 anos — nasceu em 23 de Maio de 1954 em Newmark, estado de Nova Jersey —, é casado e tem quatro filhos de 12, 10, 6 e 3 anos. Em 1984 foi o desportista mais bem pago dos Estados Unidos, com 3,3 milhões de dólares ganhos pelas duas defesas vitoriosas do título, contra Roldan e Hamsho.

Os prémios triplicaram e pela vitória sobre Hearns o pugilista campeão deve ter arrecadado perto de dez milhões de dólares. Hagler tinha garantidos 5,7 milhões, mas a estes há que juntar as percentagens sobre receitas com televisão, publicidade e outras.

Após a sua vitória sobre

Hearns, Hagler manifestou a intenção de bater o recorde de Carlos Monzon, que pôs em jogo a coroa em 14 combates.

Hagler, que tem de ser considerado um dos melhores pesos médios de todos os tempos, com «Sugar» Robinson e Monzon, está a caminho de conseguir o seu propósito. O seu combate com Tommy Hearns foi o décimo primeiro para o título numa espantosa carreira de 65 combates, dos quais perdeu dois, contra Bobby Watts e Willie Monroe, em 1976, e fez dois nulos. Os restantes 61 confrontos acabaram com vitórias, e 51 delas obtidas antes do limite dos combates.

Onze combates para o título. Faltam quatro a Hagler para superar o recorde do argentino Monzon.

«Giro» de Itália começa hoje

Acácio Silva entre os favoritos

Cinco campeões do Mundo de estrada são as estrelas e os principais favoritos na Volta à Itália em Bicicleta, que começa hoje em Verona e termina a 9 de Junho em Lucca.

A cidade de Romeu e Julieta e dos novos campeões italianos de futebol será palco do início do «Giro» com um contra-relógio individual na distância de sete quilómetros.

Os italianos Francesco Moser, vencedor em 1984, e Giuseppe Saronni, o norte-americano Greg Lemond, o francês Bernard Hinault e o holandês Gerrie Knetemann, cinco campeões do Mundo, são os favoritos, mas os especialistas admitem a intromissão de um colombiano ou do português Acácio da Silva.

Uma equipa de colombianos e outra de norte-americanos são as inovações do «Giro» 1985 que reúne 198 corredores na maratona de 22 etapas.

Tal como em 1984, a Volta à Itália termina com um contra-relógio, desta feita de 48,5 quilómetros que poderá ditar o vencedor da prova. No ano passado, Moser ganhou o «Giro» no último dia, conseguindo, com um contra-relógio excepcional, desalojar o favorito

francês Laurent Fignon do primeiro lugar.

Volta a Marrocos: José Passos vence etapa

Uma representação portuguesa continua a participar na Volta a Marrocos ainda que reduzida a três ciclistas. Ontem, beneficiando de uma espectacular fuga de um belga e um norte-americano, José Passos venceu a tirada de 140 quilómetros tendo os restantes companheiros atingido o risco da meta em 28.º, Jorge Corvo, e 39.º, Joaquim Neto. Na geral, os três atletas lusos ocupam as seguintes posições: José Passos, 24.º, Joaquim Neto, 26.º e Jorge Corvo, 38.º.

Valles Mineros: Manuel Cunha em 4.º lugar

Manuel Cunha, da equipa do Lousa, classificou-se em 4.º lugar no prólogo da prova velodromática «Valles Mineros», disputado em Gijón, Espanha.

O prólogo, numa distância de 7750 metros, foi ganho pelo espanhol Frederico Echave, da TEKA, em 11 minutos e 15 se-

gundos, à média de 41,386km/hora. A seguir, classificaram-se os espanhóis Jesus Blanco Villar e Anton Lecuona. Manuel Cunha foi quarto, com o tempo de 12,18.

A primeira etapa desenrola-se hoje, entre Mieres e Villablino, ao longo de 186 quilómetros.

«Doping» no Algarve

Registou-se um controlo positivo nos exames efectuados durante a «Volta ao Algarve»: o corredor considerado «dopado» é Fernando Carvalho (Bombarralense/Case).

Ciclismo: recorde mundial

O tricampeão mundial de ciclismo Serguei Kopilov bateu o recorde mundial dos 200 metros, durante os campeonatos soviéticos da modalidade, no Velódromo Olímpico de Khabarovsk. Kopilov percorreu os 200 metros (com partida lançada) em 10,371 segundos, melhorando em 0,122 o anterior máximo, que já lhe pertencia.

GUIÃO — DIVULGAÇÃO DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO, SARL

CAPITAL: 25 000 000\$00

SEDE: RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 21-5.º-LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos legais, são convocados os Senhores Accionistas para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, na Sede Social no dia 31 de Maio próximo, pelas 11 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Discussão, aprovação ou modificação do Relatório e Contas do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício findo em 1984;
2. Proceder à eleição dos corpos sociais para o triénio 1985/1987;
3. Apreciação, discussão e votação de uma proposta do Conselho de Administração sobre a elevação do capital para 50 000 contos, por incorporação de reservas;
4. Deliberar sobre quaisquer assuntos de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 24 de Abril de 1985.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
António Alexandre Pires Brás Monteiro

Valência (3)

Valência em «fallas». Alegria. A música das bandas, ninguém pode contar quantas, por toda a parte rompem, inundam ruas e praças com o passodoble que a inspiração do maestro Serano espalhou pelo mundo, feito hino da cidade, com ele mais famosa se tornou. E atrás das bandas os cortejos intermináveis, o colorido dos trajes, e dos bailes, e das flores, milhares de flores para a «Xeperudeta», nome de família que os valencianos usam para tratar sua padroeira, Virgem dos Desamparados. E de repente, por sobre a alegria da música, e dos bailes, e das flores, a pólvora que rebenta nas traseiras, a violência dos morteiros, o estrondo dos petardos. Uma alegria diferente, contida, assustada, chega com a «mascletá». A multidão afluviu, como se atraída pelo abismo; comprimiu-se, como se para resistir melhor à sua tentação. Primeiro, o estampido anunciador, o «tró d'avis» do terramoto com hora marcada, que rápido cresce, suspende o respirar da gente. «Eu nunca estive na guerra», dizia uma portuguesa, com ar de turista de autocarro, «mas estou em mim que a guerra deve ser pouco mais ou menos assim». Uma guerra em que a população indefesa não buscasse o subterrâneo dos abrigos, preferisse deixar-se atordoar pelo estampido infernal, que se mete nas almas, e as sacode por

dentro, numa desordem de fumarada cinzenta, numa cólera sem razão que os aplausos finais irão aplacar, prolongando-se conforme o entendido juízo dos presentes, com eles medem o mérito de cada «mascletá». Grande foi a de domingo, a de José Cursá, um velho de boina assegurou-me, eu tinha assistido a uma das melhores, bem calculada, como deve ser, o começo vagaroso, muito vagaroso, com consciência, e depois o crescendo, combinando as explosões da terra com as do ar, quando chegou o estouro final os corações cabiam num punho. Mas afinal no dia de São José chegou o ainda mais, coisa de pascar e sofrer aquela «mascletá» com que Brunchu esmagou a multidão que na grande praça, do País Valenciano, já não cabia. Tal foi o poderio, que logo ao desenvolver a sua força intermédia se sobrepôs ao final da que rebentava mais além, na Estação do Norte; estremecia o chão, e as casas, entre o rebentar de trovões que cada vez se faziam mais terríveis, não deixavam lugar para a lembrança de flores, e de pássaros, de tudo quanto seja débil e se queira protegido, prolongado para além do ritual do fogo que consome as «fallas», chamadas que se fazem pequenas e logo crescem outra vez, desenhando sombras de um bailado, que tem os olhos presos, como se fosse mágico.

Na «mascletá» final, até os que se costumam fazer corajosos, buscar os lugares mais próximos, até esses com o resto do povo retrocediam ante o estampido imenso, com o medo disfarçado de espanto, temerosos daquela força irreal que abalava a cidade, casas e corpos, parecia anunciar o fim do mundo. E quando o fim chegou, era afinal o alívio, a paz da ovação enorme que Don Luis Brunchu, artífice do colectivo terror, agradecia saudando com o seu chapéu, como toureiro em hora de glória, que a todos tivesse assustado.

X X X X

Não eram coisa de assustar, os terciados e sonsos Jandillas da corrida final das «fallas». Do cartaz chamado «dos bandarilheiros», a pôr cheia a praça, sobrou o sonoro e disfrutado triunfo de «El Soro» no último da tarde, a excepção do curro, um touro de campeonato com que Vicente se limpou da bronca com que seus conterrâneos o haviam brindado no terceiro, que trasteou desconfiado. Mas até nesse triunfo, sonoro e disfrutado, não houve susto parecido com o da «mascletá» do senhor Brunchu: porque aquele sexto Jandilla era uma alma pura, uma autêntica irmã da caridade, que morreu sem pecado, nos medios, com uma es-

tocada inteira, depois de tantas e tão repetidas e tão nobres investidas, desde a primeira, quando logo à saída encontrou El Soro ajoelhado, até aos circulares que por um e outro lado desenhava à volta da figura que o ídolo das hortas valencianas compunha, no afã de se fazer digno: quem viu com olhos de um senhor da barreira, chamado nada menos que António Ordoñez. E os acordes famosos do passodoble Valencia tornaram a soar, honra ao espada da terra, lá vai ele em ombros, ao encontro da outra multidão, que fora da praça o espera, consolo dos que lá dentro o não viram. E contudo: sem regatear o luzimento de El Soro, e o mérito que foi não se ter afundado com o precioso Jandilla; sem insistir na conhecida circunstância actual de Luis Francisco Esplá, que continua sem disparar, num tom cinzento em que os detalhes se apagam; sem puxar coisa nenhuma à nacional-patriótica; digno do brinde que dedicara a ver, há-de ter notado como Vitor Mendes, desafortunado nos Jandillas que lhe tocavam para a sua apresentação em Valencia como matador, foi o mais toureiro da terna — um senhor toureiro que oxalá não gaste tão promissora temporada no cartaz, mais ou menos fixo, destas corridas de bandarilheiros, a que o público accorre na mira da

diversão do segundo tercio, de ver bandarilhar juntos os matadores, entre quiebrós, recortes e desplantes, havendo assim o risco de não se fixar no toureiro dominador e completo que em Vitor Mendes se está a forjar. Porque o de Vila Franca, além de ser, entre os matadores de hoje, o mais verdadeiro com as bandarilhas, também verdadeiro se mostra nos outros tercios, e com a espada essa verdade prolonga. Da sua actuação desta tarde, fico-me (e ficaram os valencianos, pois as palmas fizeram fumo) com os lances à verónica com que recebeu o quinto, e que foram os melhores de todas as «fallas»: baixas as mãos, cadenciosos os braços, repousada a figura; e à volta dela enrolou o touro no remate da meia, esplendida. Pela porta grande de Valencia não saiu Vitor Mendes; nem foi preciso para que nele tenham reparado os que o não conheciam, e para que sentissem como valeu a pena os que nele acreditaram. Vila Franca tem um toureiro que começa a deixar de pertencer-lhe.

X X X X

Valencia. As «fallas» acabaram, consumidas de chamas e cansaços. Os bombeiros recolheram aos vigilantes quartéis,

que avançada vai a noite e a ressaca. Apagaram-se estrondos e fogos, secaram as lágrimas com que os obreiros de cada «falla», eles e elas, as viram consumida sem remédio, entre as chamas pareciam as figuras dos «ninots» ganhar movimento, num derradeiro humano instinto de sobreviver, de resistir ao fogo inexorável. O céu esperou que se acabasse a festa, sobre a cidade vai deixando cair um chuveirar leve, que quer agarrar ao asfalto as cinzas que restam da «cremá». Grupos de gente, retardatária e última, fogem da madrugada que se anuncia. Um camião de lixo avança pesadamente, suas goelas ruidosas de monstro vão triturando os restos que a festa deixou pelas ruas. Uma nórdica loura, como devem ser todas as nórdicas, recolhe do chão as últimas moedas, que os retirantes lançaram de passagem sobre o efémero da pintura que ela trouxe no asfalto, com giz de cores, um quadro de Murillo, sorriso doce de menino, talvez Jesus, tanto faz, agora que a nórdica loura já recolheu dele moedas bastantes para o dia que não tarda, trará consigo os passos que o irão apagar, involuntários e apressados, passos do trabalho retomado, da vida outra vez exigente, como se as «fallas» não tivessem acontecido, Valencia fosse uma cidade como tantas.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

TEM O PRAZER DE ANUNCIAR A PARTIR DO DIA 17 ÀS 18.30, NA SALA GARRETT

TEATRO DA HORA DE PONTA

com a peça

ELA NÃO SABIA SONHAR

de DENISE CHALEM

encenação JACINTO RAMOS

com FERNANDA BORSATTI E SÃO JOSÉ LAPA

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA 2.ª FEIRA

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO * EXITO

* pó de palco *

sextas às 22h

ULTIMAS SEMANAS sábados às 23.30h

*...um espectáculo fora de série. D.L.

* * * praça de espanha - tel. 72 08 18 * * *

O PISO MOLHADO REDUZ A ADERÊNCIA
MODERE A VELOCIDADE



LUC BESSON

uma primeira obra
que é já um clássico



o último combate

de domínio combat

PIERRE JOLIVET · JEAN BOUISE · FRITZ WEPPEL · JEAN RENO

CINEMASCOPE DOLBY STEREO

quarteto ESTREIA AMANHÃ

ÀS 21,30

DO PERIFILME

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

SÓ ATÉ DIA 2/6

TEATRO DE RAUL BRANDÃO

SALA GARRETT

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30

SÁBADO E DOMINGO ÀS 16

O GEBO E A SOMBRA

encenação ROGÉRIO PAULO

SALA EXPERIMENTAL

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.45

SÁBADO E DOMINGO ÀS 16.30

O REI IMAGINÁRIO

O AVEJÃO

EU SOU UM HOMEM DE BEM

O DOIDO E A MORTE

encenação VARELA SILVA

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2.ª FEIRA

Angústia Desespero Solidão

54 45 45



uma voz amiga estará contigo

Guitarras

Rui Eduardo Paes

John Abercrombie e Steve Tibbetts e os seus «Night» e «Safe Journey» são agradáveis desvios à tipologia guitarrística da ECM, convenção sonora essa, aliás, para que eles haviam contribuído, sobretudo o primeiro destes músicos.

Por isso que a guitarra deste Abercrombie seja agradavelmente surpreendente, fugido radicalmente ao que estava habituado a ouvir dele e me tinha feito excluir o seu nome de entre as minhas preferências contemporâneas no domínio da guitarra eléctrica. Com efeito, as faixas deste disco têm uma discorrência dir-se-ia que jovial e motivante, muito longe dos fraseados monótonos e delicados que caracterizavam o anterior Abercrombie e que foram um pouco o modelo, juntamente com Terje Rypdal, do que se devia ouvir na guitarra ECM.

Mas o resultado final de «Night» decisivamente contribuiu a presença do trio Jan Hammer/Jack DeJohnette/Michael Brecker. Hammer, o teclista, especialmente vocacionado para o órgão e os sintetizadores, é mesmo o alicerce fundamental desta música — criador de ambiências sonoras e de espessuras envolventes, tem inclusive um papel rítmico de substituição do papel do baixo, o qual se torna pura e simplesmente desnecessário neste contexto. A bateria de DeJohnette, por sua vez, também rouba espaço a essa ausência, com um toque plurifacetado e dinamizador. O tenor de Brecker, que consegue nestes trechos solos de qualidade acima da mediania, embora ainda longe do seu

grande potencial interpretativo, tem um senão de peso: sobretudo na exposição dos temas e nos momentos de fraseado melódico repete uma tipologia semelhante àquela a que Abercrombie conseguiu escapar — a do saxofone tenor, que a ECM insiste em que se pareça com o estilo pessoal de Jan Garbarek.

Será interessante colocar este «Night» em relação com todo um conjunto de obras do chamado jazz de fusão, ou, dizendo de outro modo, do jazz-rock. Abercrombie e Jan Hammer vieram ambos de uma formação rock e esse passado está constantemente presente nas suas

concepções musicais. Brecker, por sua vez, transitou sempre de um para outro destes géneros, ou integrando a orquestra de Carla Bley ou colaborando no fundo sonoro de Lou Reed, e ainda conquistando um nome de realce na primeira vaga da fusão. Só que este LP é bem o exemplo de que falar em jazz-rock hoje é um erro: ele não é a conciliação destas duas músicas e sim a sua ultrapassagem, para a conquista de uma outra expressividade.

Coisa mais complexa se passará, por sua vez, com o guitarrista Steve Tibbetts e com este seu «Safe Journey». Os arquétipos da música que nele se houve

são de origens ainda mais dispersas: para além da influência directa das fórmulas do jazz e do rock, neste título encontramos igualmente uma forte presença da música erudita, nomeadamente nas suas formas contemporâneas e ditas vanguardistas, e também os folclores universais (posso, só a título de curiosidade, nomear alguns: a rítmica latino-americana — congas —, a indiana — tablas —, a de gamelão, indonésia — tambores de metal —, a africana — Kalimba —, a espanhola — guitarra acústica). E se as referências rock podem suggestionar Pink Floyd, Soft Machine ou Jimi Hendrix, as eruditas trazem à ideia Steve Reich, estando a seiva jazz na estrutura mais íntima.

Sem o carácter «jovial» do disco de Abercrombie, Steve Tibbetts vem do lado da música «séria», «de tese», apresentando aqui um trabalho que se pode classificar como conceptualista — uma música densa, fluindo com lentidão expositiva e exigindo concentração auditiva e mais do que uma consulta, feito de silêncios, subtilidades sonoras e dispersividade musical.

O que me agradou sobretudo neste «Safe Journey» foi a polarização entre a sonoridade mais arreigadamente acústica, a da percussão, e a sintetizada e de manipulação electrónica, com grande escultura de estúdio e alta tecnologia de gravação. Definir esta música? Difícil e mesmo desnecessário.

(FICHA: «Night», John Abercrombie, ECM — distribuição Dargil; «Safe Journey», Steve Tibbetts, ECM — distribuição Dargil)



John Abercrombie

A poesia de Jorge de Sena na voz de Luís Machado

A poesia de Jorge de Sena, na voz do actor Luís Machado, irá ser ouvida esta noite, a partir das 21 e 30, na Galeria de S. Bento (Rua do Machadinho, 1, em Lisboa), no âmbito do programa quinzenal «Não Só Poesia... Mas Também». A sessão (a oitava de uma série de doze) será ainda preenchida com a intervenção plástica de João Vieira e a música de Paulo Brandão.

Concurso literário em Fafe

Com o objectivo de estimular o estudo e a investigação a Câmara Municipal de Fafe anunciou ontem a realização do «segundo prémio literário Lopes de Oliveira» exclusivamente para o género «monografia».

O prémio será atribuído à melhor obra monográfica publicada em livro entre 26 de Abril de 1985 e 1 de Janeiro de 1987, sendo o seu valor pecuniário de 50 mil escudos.

Os trabalhos devem ser dirigidos ao município de Fafe (vedador de Cultura).

Fernando Pessoa inspira concurso musical

Premiar uma obra musical inspirada na obra de Fernando Pessoa e o objectivo de um concurso internacional de composição promovido pelo Ministério da Cultura.

A iniciativa, que coincide com o Ano Europeu da Música e a comemoração do cinquentenário da morte de Pessoa, «visa incrementar a criação musical

inspirada na obra do grande poeta», refere o regulamento do concurso.

Compositores de todas as nacionalidades, sem limite de idade, poderão concorrer com «obras rigorosamente inéditas» para orquestra, com participação obrigatória de uma ou mais vozes solistas e de uma duração máxima de quinze minutos.

Três prémios e três menções

honrosas proclamados até ao fim do ano por um júri internacional designado pelo Ministério da Cultura e constituído por cinco personalidades «de reconhecida competência».

O vencedor receberá uma quantia de 800 contos, e os prémios serão atribuídos na próxima temporada do Teatro Nacional de S. Carlos, em Lisboa.

Carta de Godard sobre «Avé Maria»

O realizador francês de cinema Jean-Luc Godard afirma em carta ontem divulgada que o Papa João Paulo II tem todo o direito de atacar o seu filme «Avé Maria» por este se basear parcialmente em escritos seus.

Godard, que pediu ao distribuidor italiano para retirar de exibição o controverso filme sobre uma «Virgem Maria dos anos 80» afirmou que as declarações papais sobre o sexo o tornaram praticamente «um dos argumentistas do filme».

João Paulo II atacou o filme como calunioso, sacrílego e «insultuoso para a Virgem Maria» e multidões de católicos manifestaram-se frente a cinemas de França e Itália contra a exibição da fita.

Na carta, Godard, um protestante, cita uma declaração do Papa, em 12 de Setembro de 1980, na Praça de São Pedro, publicada pelo Vaticano sob o título «a plenitude de Eros na espontaneidade do amor maduro», da colecção «Teologia

do Corpo».

«Acontece assim que o Santo Padre foi um dos escritores do argumento deste filme e parece que, perante uma sincera mas imperfeita realização ele pode exprimir a sua dor», escreve Godard.

A carta é uma cópia do seu pedido para suspender a exibição do filme foram enviadas ao reverendo Jean Michel Di Falco, chefe da organização católica «Chretien Medias», para serem entregues ao Papa.



Uma cena de «Cinco Tangos», que o Ballet Gulbenkian apresenta hoje em Coimbra

Bailado

● O Ballet Gulbenkian apresenta-se hoje, pelas 21.30 horas, no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, num espectáculo integrado na Queima das Fitas/85. Do programa constam os bailados «Cinco Tangos», «Benção de Deus na Solidão», «Lágrima» e «Danças para uma Guitarra», com coreografia, respectivamente, de Hans Van Manen, Jiri Kylian, Olga Roriz e Vasco Wellenkamp.

Conferências

● A Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa promove hoje, pelas 15 horas, na sala grande daquele estabelecimento de ensino superior, um colóquio integrado nas comemorações do 40.º aniversário do fim da II Guerra Mundial, e que conta com a participação dos dres. Salgado Zenha, José Manuel Tengarrinha, Fernando Piteira Santos e Joaquim de Carvalho.

● Para comemorar o seu 9.º aniversário, a Codilivro — Cooperativa de Divulgação e Promoção do Livro, leva a efeito várias iniciativas, na sua sede, em Benfca, entre as quais sessões de «Conversas sobre a Literatura da Guerra Colonial». Assim, hoje, pelas 21.30 horas, realiza-se uma sessão sobre o livro «Tonho e as Almas», de Jaime Rocha, apresentado pelo escritor e jornalista Baptista Bastos. No final serão projectados «slides».

● O Instituto Franco-Português leva a efeito esta tarde, pelas 18.30 horas, nas suas instalações, uma mesa-redonda sobre o projecto «Ariane», revista de Estudos Literários Franceses, editada pela GELF. A sessão tem a participação de David Mourão-Ferreira, Hélder Godinho e Manuel Gusmão.

● A Secretaria de Estado da Cultura promove esta tarde, às 18 horas, na Casa-Museu dr. Anastácio Gonçalves, uma conferência subordinada ao tema «A Arte do Livro», pelo dr. Luís Silveira.

Música

● O cantor e compositor brasileiro Caetano Veloso dá esta noite, pelas 21.30 horas, no Coliseu dos Recreios, o último de três espectáculos que veio realizar a Lisboa. Do programa faz parte a apresentação do seu último álbum estreado este mês em S. Paulo, além de um lote de canções conhecidas do público português.

● O «Collegium Flauto Dolce», formado por antigos alunos do Conservatório de Música de Praga, actua hoje, pelas 21.30 horas em Lagos, na Igreja de Santa Maria, no âmbito do IX Festival Internacional de Música do Algarve. O programa inclui obras de Stuart, Cornushe, Cooper, Mainerio, Monteverdi, Calestani e Michna.

Teatro

● Entrou nas últimas representações, no Teatro da Graça, o mais recente espectáculo do Grupo Teatro Hoje, «Todos os cómicos acabam com uma canção», uma peça inglesa da autoria de Catherine Hayes, que centra a sua acção sobre a figura de uma velha vedeta de cabaret a contar com a decadência pessoal e do estilo de espectáculo que representa. A peça tem cenografia de José Manuel Castanheira e conta com a interpretação de Anna Paula, Teresa Madruga e Carlos Fernando, que também assina a encenação.

● O Teatro do Século continua em cena com a peça «As Artimanhas de Scapin», de Molière, às 21.30 horas na R. do Século, 41. A peça tem encenação de Rogério de Carvalho, cenografia de José Manuel Castanheira e figurinos de Michel Ribó.

Exposições

● A artista Marrin Hibbard Robinson inaugura hoje, pelas 18.30 horas, na Biblioteca Americana, uma exposição de pintura. Marrin Robinson iniciou a sua carreira em Rockport, Massachusetts, e estudou na Ecole de Beaux Arts de Paris e na Leo Marchutz School. Encontra-se em Portugal como bolsista Fulbright. Todos os quadros incluídos na exposição foram pintados em Portugal, onde a artista chegou em Outubro do ano passado.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

AMITYVILLE II — A POSSE
de Damiano Damiani
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 2

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 3

ATRÁS DA PORTA
de Liliana Cavani
(para maiores de 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Apolo 70

— T. 763319

ATRÁS DA PORTA
de Liliana Cavani
(para maiores de 16 anos)
15, 18.15, 21.30 e 00.30 h

Ávila

— T. 539930

O FIO DA NAVALHA
de John Byrum
(para maiores de 12 anos)
14.30, 17, 19.15 e 21.45

Avis

— T. 547163

CLUBE PRIVADO
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

BANANAS
Woody Allen
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitolino

— T. 372358

GATAS VICIADAS
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

UM RUSSO EM NOVA IORQUE
de Paul Mazursky
(para maiores de 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

AS MULHERES QUE NÃO POSSUÍMOS
de Pascal Thomas
(para maiores de 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

OS 7 PROFISSIONAIS
de Andy Sidaris
(não acons. men. 18 anos)
24 h

Cine Camões

— T. 324194

MAIS FORTE QUE BRUCE LEE
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30 e 21.30 h



Uma cena do filme português: «Ninguém Duas Vezes» realizado por Jorge Silva Melo. Em exibição no cinema Quarteto

Cine 222

— T. 579460

SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
ENCONTRO COM O PERIGO
de George Kaczender
(para maiores de 13 anos)
24 h

Cinemateca

UM DIA DE VIDA
de Augusto Fraga
18.30
THE GENERAL
de Buster Keaton e Clyde Bruckman

Cine Portela

— T. 2524761

O MISTÉRIO DE GORKY PARK
de Michael Apted
(para maiores de 12 anos)
16 e 21.45 h

O HOMEM QUE VEIO DE LONGE
de Krzysztof
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

O MEU TIO DA AMÉRICA
de Alain Resnais
(para maiores de 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

A ESFINGE
de Franklin J. Schaffner
(não acons. men. de 13 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

A MULHER PÚBLICA
de Andrzej Zulawski
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

ESCOLA PARTICULAR
de Noel Black
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 553134

NA CALADA DA NOITE
de Robert Benton
(para maiores de 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

ÉSTRADA DE FOGO
de Walter Hill
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 779095

AVENIDA DOS ASSASSINOS
de Boramy Tiouloug
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

PARIS, TEXAS
de Wim Wenders
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21 h

Sala 2

BREAKDANCE 2
de Sam Firstenberg
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

Auditório 1
ANA
de António Reis e Margarida Cordeiro
(para maiores de 12 anos)
19.30 h

Auditório 2
O PROCESSO
de Orson Welles
19 e 22 h

Hollywood

— T. 802859

A MULHER PÚBLICA
de Andrzej Zulawski
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

REDS
de Warren Beatty
(não acons. men. 13 anos)
15.15 e 21.00 h

Las Vegas

— T. 631162

O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15, e 21.30 h

Montecarlo

— T. 681117

10 PARA A MEIA-NOITE
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30

Mundial

— T. 538743

AS MULHERES QUE NÃO POSSUÍMOS
de Pascal Thomas
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

UM LUGAR NO CORAÇÃO
de Robert Benton
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

FOGO NO RABO
de Sigi Gotz
(para maiores de 18 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olimpia

— T. 325309

A GRANDE ORGIA
(para maiores de 18 anos)
Sessões contínuas

Pathe

— T. 821933

FELIZ NATAL, MR. LAWRENCE
de Nagisa Oshima
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

Politeama

— T. 326305

PELA MEDIDA GRANDE!
de Italo Zingarelli
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Promotora

— T. 637180

RAS — POR QUEM VAMOS MORRER
de Wes Boisset
(para maiores de 18 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

O BAILE
de Ettore Scola
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

AS GRADES DO INFERNO
de Stuart Rosenberg
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

JANELA INDISCRETA
de Alfred Hitchcock
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
A MALDIÇÃO
de Don Taylor
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

NINGUÉM DUAS VEZES
de Jorge Silva Melo
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

A FELINA
de Paul Schrader
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 4

LOS CHICOS DE LA GUERRA
de Bebe Kamin
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

AS BRANCAS MONTANHAS DA MORTE
de Sidney Pollack
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Quinteto

— T. 573407

MONTY PYTHON, O SENTIDO DA VIDA
de Terry Jones
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

OS PARASITAS DA MORTE
de David Cronenberg
(para maiores de 12 anos)
23.30 h

Restelo

— T. 610375

O MARGINAL
de Jacques Deray
(para maiores de 16 anos)
15.30 e 21.30 h

Roma

— T. 889192

ESCOLA PARTICULAR
de Noel Black
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

CAÇADA AO HOMEM
de Larry Ludman
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
14.15, 17.45 e 21 h

Sala 3

ASSIM NASCE UMA ESTRELA
de George Cukor
(para maiores de 12 anos)
14, 17.30 e 21 h

7.ª Arte

— T. 730715

MICKY E MAUDE
de Blake Edwards
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17, 19.10 e 21.45 h

Star

— T. 804210

AMOR ETERNO
de Alain Resnais
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

MICKY E MAUDE
de Blake Edwards
(para maiores de 12 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

REVOLTA NO PACÍFICO
de Roger Donaldson
(para maiores de 12 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Vox

— T. 880808

GENTE GIRA
de Jaime Uys
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Xenon

— T. 368480

O REGRESSO DO COMBOIO DO TERROR
de Roger Sottiswoode
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

O CÔNSUL HONORÁRIO
de John MacKenzie
(para maiores de 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

EMILIENNE
(para maiores de 18 anos)
24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «O Vingador da Estrada», às 15.30 e 21.30 (não acons. men. 18 anos)

AMADORA — Cine Teatro Lido — «2010 — O Ano do Contacto», às 15.30 e 21.30 (maiores de 6 anos)

AMADORA — Cine-Plaza — «O Caça-Polícias», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Academia de Polícia», às 15.15, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «O Demolidor», às 15 e 21.30 (não acons. men. de 13 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Sheena, a Rainha da Selva», às 21.30 (maiores de 12 anos)

SINTRA — Carlos Manuel — «As Beldades Selvagens Voltam a Ibiza», às 21.30 (maiores de 12 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — 2000 — «Meus Problemas com as Mulheres», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)

ALGÉS — Stadium — «007 Contra Goldfinger», às 21.30 (não acons. men. 13 anos)

PAÇO D'ARCOS — Cine-Chaplin — «As Malhas da Traição», às 21.15 (maiores de 16 anos)

OEIRAS — Oeiras-Cine — «Noites de Paixão», às 21.15 (maiores de 16 anos)

S. JOÃO DO ESTORIL — São João — «Momento da Verdade», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)

ESTORIL — Casino — «O Regresso do Comboio do Terror», às 17 e 21.15 (não acons. men. 18 anos)

CASCAIS — Impala — «Operação Zebra Force», às 16 e 21.30 (não acons. men. 18 anos) — «A Vingança do Dragão», às 24 (maiores de 16 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Passagem para a Índia», às 15.15 e 21.30 (maiores de 12 anos) — **Sala 2** — «A Mulher Pública», às 15.30 e 21.45 (maiores de 18 anos)

CASCAIS — Oxford — «A Mulher Pública», às 16 e 21.30 (maiores de 18 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «As Minhas Pistolas», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)

ALMADA — Incrível — «Passagem para a Índia», às 15.30 e 21.15 (maiores de 12 anos)

ALMADA —

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Marbel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **BENFICA - BAIRRO DAS PEDRALVAS:** Gouveia, R. Augusto Costa (Costinha), lote 4, loja, Dt.ª; **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA:** Santos Silva, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); **ESTRELA - INFANTE SANTO:** Alb. R. de Santana à Lapa, 156 (T. 663562); **INTENDE - CINEMA ROXY:** Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **POÇO DOS NEGROS:** Modelar, L. Dr. António Sousa Macedo, 7 (T. 608896); **REGO:** G. Silva, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO:** Biotifar, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); **ROMA - TEATRO MARIA MATOS:** São João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SÃO VICENTE:** Rosa & Viegas, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **SALDANHA:** Cardeira, Av. Duque de Ávila, 32-C (T. 543495); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE:** Quejas, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E, loja 21; **ODIVELAS:** Leitão, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA:** Cruz Correia, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

ALCANTARA: Nogueira, R. de Alcantara, 5-A-B (T. 637563); **ALTO DE SÃO JOÃO:** Oriente, R. Lopes, 120 (T. 843381); **BAIXA:** Unifa, R. da Vitória, 21-23 (T. 323793); **CAMPO DE OURIQUE:** Porfírio, R. Francisco Metras, 59-B (T. 663349); **CHILE:** Bastos, R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO:** Salus, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNAÇÃO:** Ascenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **FRENTE À FEIRA POPULAR - AVENIDA DA REPÚBLICA:** Alcantara, Av. da República, 7-4A (T. 771379); **PICHELEIRA:** Marluz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA:** Sousa, E. de Benfca, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO:** São Sebastião, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 348642); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **COLINA DO SOL - BRANDO - AMADORA:** Vidal Reis, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35; **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Louro, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **COSTA DE CAPARICA:** Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Tovar Chaves, R. Borges Rego, 7, Feijó (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** Parreira, R. D., Silva Cristino, 15-A, r/c (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA:** Duarte

Ramos, R. de Bafatá, 11, loja 30, Cruz de Pau. Até às 22 horas; **SEIXAL:** Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10. Arrentela (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Cunha Pinheiro, E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Permanente; **Fuzeta:** Permanente; **Louro, R. Frei António das Chagas (T. 24491).** Permanente.

Linha de Cascais

ALGÉS: Cabrita, P. Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Pinto, R. Antero de Quental, 6 (T. 2190610). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHES:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS:** Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **CARCAVELOS:** Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PARADE:** Macau, R. José Elias Gardia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL:** Marques Santos, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 937740). Permanente; **FLAMA:** R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485). Permanente; **Solla,** loja D, lote 65 (T. 900724). Até às 22 horas; **DAMAIA:** Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Flores, Catujal. Até às 19 horas; **CACÉM:** Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS:** Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA:** Simões, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias

MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; **SACAVEM:** Maria, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Permanente; **LOURES:** Sraiva, Av. da República, 86 (T. 2430027). Até às 22 horas.

TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras —
— Tel. 89 70 17

(De quarta a sábado, às 21.45).

«CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL».

Café-Concerto

R. Norte, 24

(Quintas, sextas e sábados, às 24.00).

«PROIBIDO».

Teatro Nacional D. Maria II

Praça D. Pedro IV — Tel. 37 22 48

(De segunda a sábado às 21.30. Sábados e domingos, às 16.00).

«O GEBE E A SIMBRA». De Raul Brandão. Cenários de JOÃO HOGAN, figurinos de TERESA PAULO e música e execução de CARLOS PAREDES — 12 anos.

Sala Experimental

(De terça a sábado, às 21.45. Sábados e domingos às 16.30).

«O REI IMAGINÁRIO». «O AVEJÃO». «EU SOU UM HOMEM DE BEM» e «O DOIDO E A MORTE».

Teatro do Nosso Tempo

R. José Fontana — Tel. 57 40 37

(Às quintas, sextas e sábados, às 21.45).

«CANDIDATURA ZERO», interpretada por Adélia Loureiro, António Vasco, Elisa Lisboa e Maria José Pascoal.

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto) — Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas, sextas e domingos, às 19.00).

«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo GRUPO DE TEATRO MAIZUM.

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).

«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).

«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. (12 anos).

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

(De terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00).

«O BELJO DA MULHER ARANHA».

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

— CORNUCÓPIA

(Sábados e domingos, às 15.30).

«O QUE MEDO QUE AQUI HÁ».

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão Oliveira — Tel. 63 99 74

(Todos os sábados, domingos e feriados, às 16.00).

«GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE D'EL-REI TADINHO».

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

(De terça a sexta, às 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.45).

«BOEING! BOEING!», de Marc Camoletti. Adapt.: César de Oliveira e Raul Solnado.

Teatro Aberto

Praça de Espanha — Tel. 77 09 69

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00).

«O ESFINGE GORDA». Compilação de textos, dramaturgia e encenação: Mário Viegas. Participação musical: Janita Salomé. Interpretação: Amílcar Botica, Francisco Pestana, Melim Teixeira e Tiago Vidigal.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 720818

(Quintas, sextas e sábados às 21.15. Domingos, às 17).

«QUATRO PARA QUATRO».

(Sextas, sábados, às 19 e 21.15).

MESTRE MEU MESTRE QUERIDO».

(Sextas, às 22 e sábados às 23.30).

«PÓ DE PALCO-CAFÉ-TEATRO».

Comuna-Sala 2

(Sábados e domingos, às 15.00).

«S. CRISTÓVÃO», pelo grupo O BANDO.

Teatro da Graça

Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário) — Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)

«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo TEATRO HOJE.

Casa da Comédia

R. S. Francisco Borja, 24 (Tel. 60 72 99)

De quarta a domingo às 21.30 h

«EVA PÉRON». Texto, encenação, cenografia e figurinos de Filipe de La Féria. Música de Sérgio António.

Teatro do Século

R. Século 41

De terça a sábado às 21.30

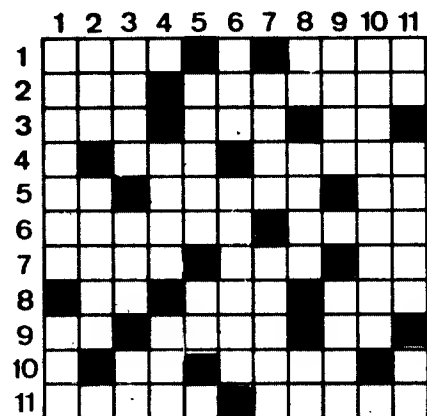
«ARTIMANHAS DE SCAPIN» de MOLIÈRE. Encenação de Rogério Carvalho. Cenografia de José Manuel Castanheira. Figurinos de Michel Ribó.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14 432

HORIZONTAIS:

- Colarinho. Borracha de apagar letras.
- Rio da Sibéria. Cónjuge do sexo masculino (pl).
- Esteiro. Ensejo. Viração.
- Doçura. Coisa excessivamente pequena.
- Artigo indefinido. Luz. Ondas curtas.
- Nome de homem. Lusitana.
- Semelhante. Freguesia do concelho de Esposende. Interjeição de dor.
- Antiga unidade monetária da Alemanha. Forma apocócada e proclítica de vale. Larva das feridas dos animais.
- Sódio (s.q). Sacerdote budista. Lantânio (s.q).
- Em a. Grande cão de fila.
- Pente. Cidade de Itália.



VERTICAIS:

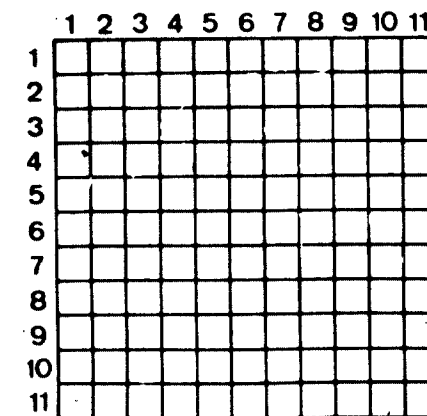
- Banha. Recusa.
- Nome africano da noz da cola. Vila e sede de concelho (Lisboa).
- Ligam. Termo. Em a.
- Dão aviso de alguma coisa em voz alta. Pêlos de certos animais.
- Bata com o malho. Fútil.
- Executa. Bairro de Judeus.
- Ratem. O mesmo que alalé.
- Nota musical. Caule. Arsénio (s.q).
- Nome de homem. Gritos.
- Beleza.
- Carta de jogar. Amante (Bras). Vossa senhoria.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

HORIZONTAIS:

- Freguesia do concelho de Felgueiras. Cidade de Itália.
- Paixão. Costumar.
- Bigorna de aço sem hastes. Por mão própria (abrev). Cidade da Índia.
- Preposição latina que designa movimento. Anel. Ente imaginário.
- Pista. Título de concessão de terras.
- Naquele lugar.
- Saliva viscosa. Abate.
- O mais. Peça de cortiça para tapar. Rénio (s.q).
- Nome de fruto. Transferir para outro dia.
- Guarnecem de asas. Aparato.
- Três das quatro letras que formam o nome do pintor flamengo cognominado «O Velho». Sua senhoria. Preposição e artigo (pl).

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 272



VERTICAIS:

- Roer. Mentira.
- Querida. Aplano.
- Pronome pessoal. Por baixo de. Conjunção.
- Doutor. Antigo Testamento. Lavram.
- Vantagens. O sono das crianças.
- Por muito obséquio. O mais. Carta de jogar.
- Frontaria de um edifício.
- Arsénio (s.q). Folhoso.
- Festa de arraial. Cólera.
- Porção de fios dobrados. Atravesso a nado.
- Praia. Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 431

HORIZONTAIS:

- PELA. BOCA.
- Acordarias.
- Raro. Ras.
- Cioso.
- Apagaram. Al.
- Asaram. Bo.
- Mm. Ri. Bar.
- Operados. Ce.
- Ralo. Ita. Af.
- Otava. CIX.
- Esses. Sarre.

VERTICAIS:

- Parra. MORRE.
- Eça. Pampa.
- Lorpas. Elos.
- Aro. Garrote.
- Caria. As.
- Bar. Ra. DIV.
- Or. Cambotas.
- Cl. Im. Asa.
- Aaro. Br. Cr.
- Sasão. Cair.
- O. Sol. PEIXE.

PROVÉRBO: Pela boca morre o peixe.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 271

HORIZONTAIS:

- Emaús. Flora.
- Gari. Saia.
- Relva. Baila.
- Ea. Piro.
- Sra. A. Pê.
- Ba. Amon. Ain.
- Am. Mo. Or. At.
- Gás. Sa. Inda.
- Re. Ar.
- De. Mães. USA.
- Assassina.

VERTICAIS:

- Egro. Bagodá.
- Mãe. Ama. És.
- Arles. Sr.
- Uivaram. Ema.
- Amos. As.
- Ates.
- Fabiano. Si.
- Liara. Ria.
- Oiaio. Ua.
- Piadas.
- Amamentaras.

Antena Um

16.00: Musicomania; 17.50: Informação regional; 18.05: A gaita dos sete foles; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.20: No estúdio e no estádio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Noites de luar; 23.30: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: A música de piano na era romântica; 16.00: Música do século XX; 16.30: Solos de viola dedilhada; 16.45: Música de ópera; 17.00: Ciclo Beethoven; 17.40: «Concerto Grosso», op. 6, n.º 9, em fá maior, de Haendel; 18.00: Poesia; 18.05: Música vocal; 18.40: Música de tecla; 19.00: Música; 19.30: A voz da cidade; 20.00: Música de câmara; 20.40: «Sinfonia Filadéfica», op. 28, de Einem; 21.00: Antologia dos músicos portugueses; 21.30: Música; 23.45: Solos instrumentais; 00.25: Canções; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Caras e coroas; 20.00: Conta corrente; 21.00: Espaço Informação; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: Passa-tempo; 02.00: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Som da frente; 17.00: Pé de vento; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Símbolos do tempo; 23.00: Country music; 24.00: Ondas luisianas; 02.00: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Meia-tarde; 16.00: Rua Capelo; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Memorando; 20.00: Programa da LARR; 20.30: Universidade na Rádio; 21.00: Horizonte; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Diário do desporto; 23.00: Clube dos colecionadores; 24.00: Sessão da meia-noite; 02.00: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; 16.00: A cor do som; 18.00: Entre-Campos; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 21.00: Porto belo; 22.00: Oceano Pacífico; 24.00: Último metro; 02.00: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.



18.00 — «Tempo dos Mais Novos»

Hoje, as Aventuras de Marco Polo (em reprise) e mais um episódio de Yakari.

18.35 — «Notícias»

Primeira síntese informativa do dia.

18.55 — «Desporto»

Em debate mais um tema de actualidade desportiva.

19.20 — «Gente Singular»

Vamos descobrir, com a ajuda do cantante Júlio Pereira, como se constrói um cavaquinho. A realização é de Alfredo Tropa.

20.00 — «Telejornal»

A informação do País e do estrangeiro nas últimas vinte e quatro horas.

20.25 — «Boletim Meteorológico»

Previsão real, ou apenas um pouco do que nós gostaríamos de ouvir acerca do tempo que passa?...

20.35 — «A Sucessora»

Lúcia discute com Marina, dizendo que ela não é sucessora de Alice, mas uma usurpadora e que ela vai para Paris com uma parte do segredo que poderia resolver os problemas de Marina.

Filomena leva a menina Alice a visitar Marina ao saber que ela deu férias a Juliana e que brigou com Lúcia. Luísa chega a casa de Pedro Monte, dizendo que conheceu lugares lindos. Marina surpreende-se ao ver Roberto contando histórias a Alice e fica emocionada.

António combina com Isabel ir no domingo de Páscoa à fazenda para conversar com seu pai. Miguel convida Guilhermina e Luísa para lancharem numa confeitaria na cidade. Germana recusa-se a ir ao Cassino com Vasco, mas ele resolve ir sozinho e ela fica furiosa. Pedro Monte encontra Miguel, Guilhermina e Luísa na confeitaria e senta-se com eles.

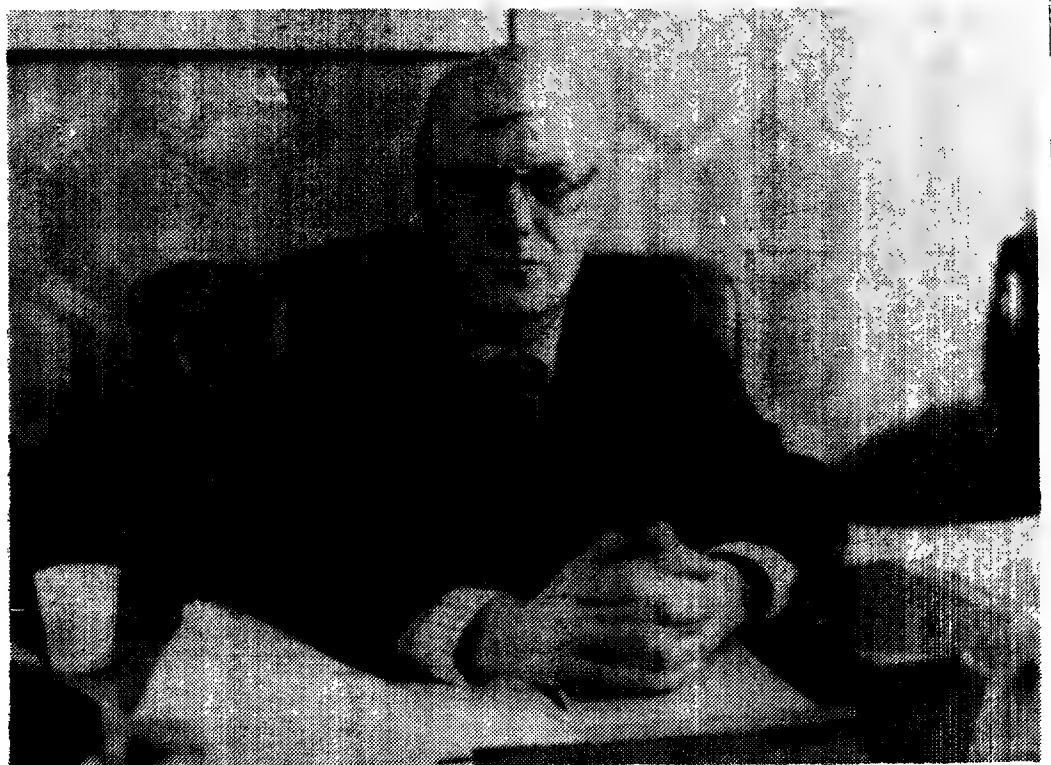
21.15 — «Triangular»

O contrabando e o mundo dos seus interesses, a vigilância da zona económica exclusiva portuguesa



«A Sucessora», a tal novela...

Os «putos» perdoarão à RTP
a repetição de «Marco
Polo»?



Esta noite, mais uma estreia: «Sede de Vingança (RTP-1)

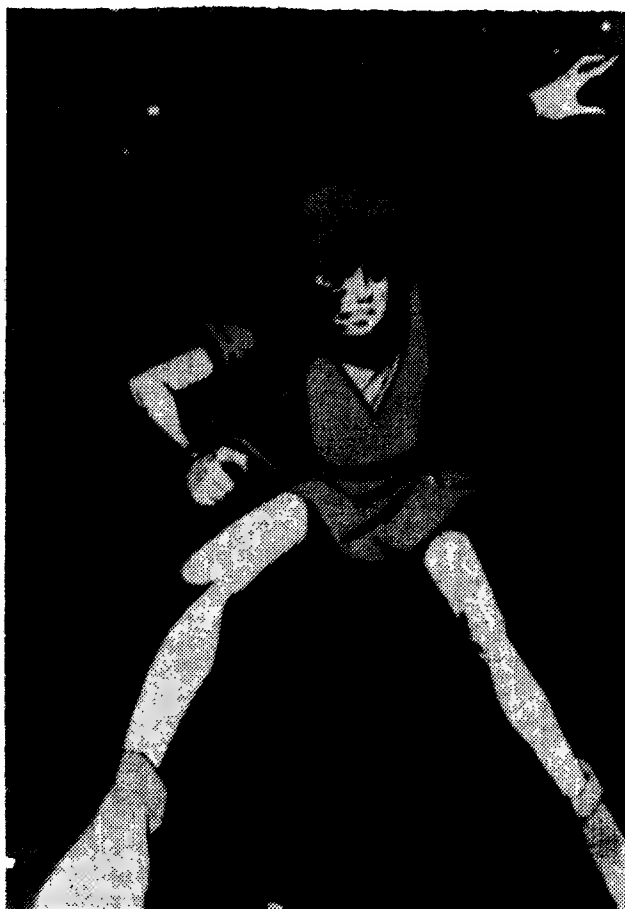
e a polémica questão do futuro controlo militar da Península Ibérica.

22.20 — «Sede de Vingança»

Primeiro episódio: oito anos atrás, Frank, Vic, Ralph, Bernie e Billy foram apanhados em flagrante quando se preparavam para assaltar um Banco. Tudo fora meticulosamente planeado, mas alguém os denunciara. Frank, agora posto em liberdade, dirige-se a casa. Mas em oito anos tudo mudou... Intérpretes: Tom Bell, Frank Mills, Oscar James, Peter Blake, John Junklin, Brian Croucher, Lynn Farleigh, Maurice O'Connell, Norman Rodway, Ann Michelle Margaret Heald.

Realização: Jim Goddard.

23.15 — «Último Jornal»



19.30 — «Desenhos Animados»

As novas aventuras do Super-Homem.

19.50 — «O Expresso dos Animais»

Este episódio leva-nos aos bastidores do infantiário do Zoo onde várias crias rejeitadas à nascença são criadas fora das mães. Mostra-nos ainda os cavalos miniatura — e o nascimento de um deles. Por último, teremos duas lontras malaías instaladas em Otter ville, o «habitat» criado propositadamente para elas.

20.20 — «Conheça Melhor»

«As Tradições Alemãs — As Tílias»: este programa ocupa-se das tílias — árvores que sempre tiveram e continuam a ter um papel preponderante para os alemães. Este passeio na RDA será acompanhado por canções diversas que se inspiram precisamente nestas árvores, quase sempre presentes nos contos e lendas alemãs.

20.50 — «História de Amor e Amizade»

Cesare continua a vender ferro-velho, enquanto Davide progride na sua carreira de pugilista. Finalmente casa-se com Sara. Têm um filho. Ele conquista o título de campeão de Itália na mesma altura em que Cesare é preso, porque, tal como seu pai, é socialista, numa altura em que tal não é permitido.

21.45 — «Da ... Música»

Programa preenchido com a interpretação de obras de Rameau.

22.35 — «Jornal da Noite»

AMANHÃ

RTP-1

12.00 — «Das 12 às 13»
13.00 — «Vila Faia»
13.35 — «Ciclo Preparatória TV»
18.00 — «Tempo dos Mais Novos»
18.45 — «Magazine Cultural»
20.30 — «A Sucessora»
21.15 — «Columbo»
20.40 — «Tempo(s) de Coimbra»

RTP-2

19.30 — «Desenhos Animados»
19.55 — «Uma História de Amor»
21.00 «Directo/2»

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
A MELHOR ASSISTÊNCIA
AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTACÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. Joao de Deus, 13 B • R. de Macau 8-1 • LISBOA

SE QUER BEBER, O PROBLEMA É SEU

Se quer parar de beber o problema é nosso.
Venha falar connosco, venha a uma reunião dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

2 4 6 das 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



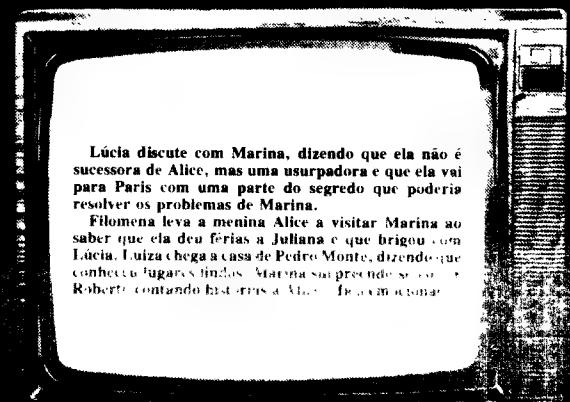
22.20 — «Sede
de Vingança»



19.50
— «O Expresso
dos Animais»

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



Lúcia discute com Marina, dizendo que ela não é sucessora de Alice, mas uma usurpadora e que ela vai para Paris com uma parte do segredo que poderia resolver os problemas de Marina.
Filomena leva a menina Alice a visitar Marina ao saber que ela deu férias a Juliana e que brigou com Lúcia. Luísa chega a casa de Pedro Monte, dizendo que conheceu lugares lindos. Marina surpreende-se ao ver Roberto contando histórias a Alice e fica emocionada.

PORTO PAGO
Fundador Joaquim Manoel

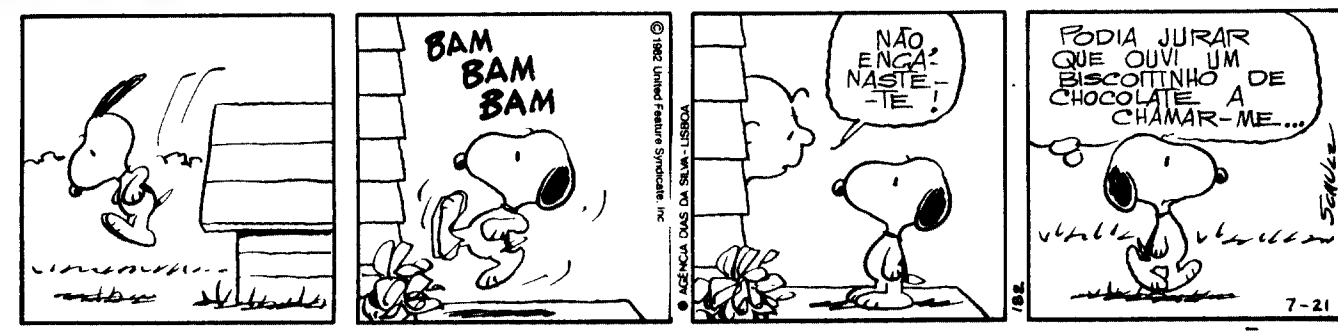
D L

Publicação: 11 de Maio de 1985
Telefone: 22 11 11 11 - 22 11 11 11
Endereço: Rua da Liberdade, 111 - 1111 Lisboa
Telefax: 22 11 11 11 - 22 11 11 11

Depósito Legal: 148888

Director: A. Duarte Ramos
Director-adjunto: Fernando Pereira Santos

MARÉS DE HOJE		TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:	
PREIA-MAR BAIXA-MAR		BRAGANÇA	40°
00.53 3,60 m 06.45 1,30 m		VIANA DO CASTELO	90°
13.17 3,60 m 18.59 1,30 m		VILA REAL	60°
Dia 17		PORTO	90°
01.33 3,70 m 07.15 1,20 m		COIMBRA	80°
15.53 3,70 m 19.32 1,20 m		CABO CARVOEIRO	140°
		PORTALEGRE	60°
		LISBOA	120°
		ÉVORA	90°
		BEJA	60°
		FARO	100°
		SAGRES	120°
		PONTA DELGADA	170°
		FUNCHAL	150°



Eanes fala de África

A utilização de quadros superiores portugueses na preparação e especialização de militares moçambicanos, foi defendida pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, em entrevista ontem concedida à secção portuguesa da Rádio Voz da América.

Salientando a coragem política de Samora Machel ao assinar um acordo com Pretória, na esperança de resolver o problema da segurança militar, Eanes considerou que o líder moçambicano «encontrará uma resposta adequada para esta situação».

«Bom seria — acrescentou — que Portugal e outros países amigos, nomeadamente os Estados Unidos, contribuíssem para que essa resposta fosse rápida e eficiente. Para bem de Moçambique e também para bem de toda essa parte da África, que é extremamente importante, não só numa perspectiva económica, mas também numa perspectiva estratégica».

O PR admitiu que nas recentes conversações mantidas com Ronald Reagan houve uma «troca profunda de impressões sobre questões africanas, nomeadamente da África Austral» e referiu a sua posição de apoio a iniciativas dos EUA para a Paz na África Austral que «mereçam a concordância desses Estados, para que o diálogo resulte e seja frutuoso».

Sobre as relações com Angola («não são óptimas mas também não são más», disse), Eanes falou de algumas dificuldades devido à «inexistência de um serviço de informações» e de «uma certa permissividade e existência de alguns saudosistas, designadamente quando em Portugal são produzidas determinadas declarações que são prejudiciais ao interesse angolano».

«Portugal — frisou o PR — está interessado em que também Angola resolva os seus problemas, que se crie uma situação de paz e que, através dela, consiga o seu desenvolvimento económico».

A presença de Reagan em Lisboa e a próxima visita do PR à China foram ainda temas da entrevista de Eanes à Voz da América.

Próxima semana: lotaria dos autores seja também o autor dos 54 000 contos e receba-os no próprio dia na CASA VIOLA

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO — 46 879 — 42 000 CONTOS
2.º PRÉMIO — 52 455 — 9 000 CONTOS
3.º PRÉMIO — 79 953 — 3 000 CONTOS

Os 2.º e o 3.º Prémios foram vendidos aos balcões da Casa da Sorte

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, nos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA — BRAGA — PORTO — AVEIRO — COIMBRA — SETUBAL — FARO

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO
46.878 - 274.200 €
46.880 - 274.200 €

PREMIOS DE 120 CONTOS
3.004; 6.512; 6.803; 7.739; 8.560; 8.922; 9.301; 11.852; 17.649; 18.631; 22.410; 22.700; 23.398; 23.531; 26.145; 26.367; 28.463; 29.348; 30.885; 30.991; 34.291; 35.245; 38.812; 42.703; 43.352; 43.999; 44.430; 46.819; 47.068; 49.694; 52.990; 54.673; 57.869; 58.671; 59.540; 59.982; 61.238; 61.242; 61.790; 63.814; 64.416; 65.207; 66.581; 67.262; 68.068; 68.676; 69.476; 69.541; 69.803 e 70.930.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS
30.000 € 00 - 455; 879 e 953.
15.000 € 00 - 135; 170; 262; 368; 452; 453; 499; 670; 768; 872 e 936.
6.000 € 00 - 12; 37; 41 e 63.
3.000 € 00 - 9 (terminação)

PREMIOS DE 6.000 € (CENTENAS)
46.801 a 46.900; 52.401 a 52.500 e 79.901 a 80.000.

NOTA: O direito aos prémios prescreve-se em 11 / 11 / 85.

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PREMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 16 / 5 / 85



NARA LEÃO chegou esta manhã a Lisboa, para realizar no nosso país o lançamento do seu mais recente «LP», numa iniciativa do programa «No Calor da Noite», produzido por Fernando Correia para a Rádio Comercial. A criadora da «bossa nova» (e primeira intérprete da «Banda», de Chico Buarque da Holanda) encontra-se amanhã com os órgãos de Comunicação Social, pelas 18 e 30, no «João Sebastião Bar». Mais tarde, é apresentada ao público da Grande Noite do Fado, no Coliseu, onde divulgará o seu plano de acções em Portugal.

BEANT SINGH era o guarda preferido de Indira Gandhi. Aos 33 anos, em conjunto com um cúmplice, assassinou a primeiro-ministro indiana quando esta se dirigia para o seu escritório em Nova Deli. Foi a 31 de Outubro de 1984: o guarda sikh vingava assim a invasão do Templo Dourado ordenada por Indira e que tivera lugar meses antes. Entretanto, o julgamento dos implicados no assassinio da «mãe» da Índia começou ontem em Nova Deli, mas Beat Singh não se encontra entre os réus, uma vez que foi abatido a tiro pelos guardas que permaneceram fiéis a Indira. A foto foi tirada quatro anos e meio antes do atentado, por ocasião da vinda do então presidente da República france-

sa, Valéry Giscard d'Estaing.

JOSEPH MENGELE, o «anjo da morte» nazi, está escondido no Paraguai onde foi visto em Julho de 1984, declarou ontem Simou Wiesenthal, o conhecido «caçador» de nazis austríacos. Segundo Wiesenthal, três pessoas diferentes, desconhecidas entre si, afirmaram ter visto o «anjo da morte» na localidade de Capitan Miranda, no Paraguai. Numa entrevista concedida ao «New York Times», Wiesenthal acrescentou que a zona onde Mengele foi visto é considerada de difícil acesso. O «caçador» de nazis disse estar convencido de que Mengele se encontra sob protecção do governo paraguaio, pelo que a próxima visita do presidente do Paraguai à Alemanha Federal pode ser a altura ideal para conseguir a extradição do médico nazi.

ANDREI SAKHAROV tem sido alimentado à força pelas autoridades soviéticas desde que há um mês iniciou uma greve da fome, revelou ontem um diplomata ocidental acreditado em Moscovo. O diplomata, que pediu para não ser identificado, citou uma carta escrita pelo cientista exilado em Gorki a um grupo de amigos e na qual afirmou que iniciou, a 16 de Abril, «uma greve de fome e no dia 21 do mesmo mês fui levado à força

para o hospital e obrigaram-me a ingerir alimentos». A carta em questão, cuja fotocópia foi entregue ao diplomata ocidental, não faz referência ao estado geral de saúde de Sakharov.

PETER BOGDANOVICH, que se deslocou a Cannes para apresentar aí o seu último filme «Mask», afirmou numa conferência de Imprensa, realizada naquela cidade francesa, que a Universal Studios cortou, sem o seu consentimento, oito minutos do filme e substituiu por música «country» a banda sonora que ele tinha escolhido, composta por canções de Bruce Springsteen. Bogdanovich acrescentou que, de futuro, apenas fará filmes na Europa. «Mask» conta a história de Rocky Benis, um rapaz que conseguiu viver até aos 16 anos com uma doença fatal e desfiguradora, a qual normalmente causa a morte aos cinco anos.

MANUEL PINTO DA COSTA, o presidente da República de S. Tomé e Príncipe, inicia hoje uma visita de trabalho de 24 horas ao Gabão a convite do seu homólogo Omar Bongo. Pinto da Costa será acompanhado pelo ministro do Comércio e das Pescas, Celestino Costa, e do secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Guilherme Posser. A «visita inscreve-se no quadro das boas relações existentes entre os dois países vizinhos», disseram fontes oficiais na capital são-tomense.

Portugal não será santuário anti-africano

— garante Soares

O Primeiro-Ministro assegurou ontem, num jantar em Lisboa, perante os participantes do «discreto seminário» Portugal, Estados Africanos de Língua Oficial Portuguesa, EUA, promovido pela organização norte-americana World Peace Foundation e pela Gulbenkian, que o Governo português «nunca consentiu, nem consentirá» que Portugal seja um santuário para os opositores aos regimes legítimos dos países africanos.

Considerou o chefe do Governo que se a África não é hoje o que era há 11 anos, Portugal também não é o mesmo, para criticar a propensão de muitos portugueses para opinarem sobre os problemas internos dos países africanos e de muitos africanos para opinarem sobre os problemas internos portugueses, embora admitindo que estas interferências são uma consequência natural de séculos de convivência.

Mário Soares sublinhou ainda que o Portugal actual não pode ser responsabilizado pelo que aconteceu nas colónias antes do 25 de Abril e afirmou que se sente orgulhoso por ter dado o primeiro passo no sentido da «descolonização que foi possível fazer».

PCP organiza conferência sobre Poder Local

Uma conferência sobre Poder Local, prevista para 26 de Maio próximo, em Lisboa, vai definir a estratégia do PCP para as próximas eleições autárquicas. Sob o lema «Reforçar o Poder Local Democrático/Melhorar a Vida das Populações», a conferência contará com a participação de 1200 delegados e cerca de 4000 convidados.

Para a Conferência foi já elaborado um documento-síntese — em debate nas várias estruturas do partido — em que explica a importância e o significado das eleições autárquicas no actual quadro político nacional.

O documento fala dos «planos frequentemente anunciados» de coligações entre PS, o PSD e o CDS para retirar à APU a maioria em algumas autarquias.

Luís Veiga Leitão

70 anos de vida, sonho e poesia

«A poesia de Veiga Leitão tem, sem dúvida, um carácter realista. Isto quer dizer que a linguagem dos seus poemas encarna ou concretiza uma soma de mediações, as quais permitem que, com início num momento de sensibilidade imediata, se faça, como disse Lefebvre, uma «reconquista» do imediato» *Fernando Guimarães*

1. No desvendar de muitos sonhos ou pela confirmação de ser impenitente viajante e viajante por terras das Beiras ou nas paragens distantes de Niterói e Rio de Janeiro, em aventura que o levou à (sua) descoberta do Brasil já depois dos cinquenta anos, a poesia de Luís Veiga Leitão, desde o longínquo ano da sua estreia com *Latitude* (1950), consolida-se numa espécie de «esvaziamento» ou «desgaste» expressivo que a mácula de sentido e intenção bem próxima de uma poética realista, sim, mas, como acentuou Jorge de Sena, sem esse «literatismo apaixonado em que muito neo-realismo se perdeu». E, na saudade do regresso, já depois de Abril-74, pelos mesmos caminhos de «andar e ver», soube dar-nos ainda os belos poemas de *Linha dos Trópicos* (1977) ou as crónicas poéticas das suas andanças pelos píncaros e veredas do Douro ou na recordação sentida das águas e paisagens de Cagliari, Nápoles, Rabat e Atenas, que incluiu no *Livro de Andar e Ver*. (1978).

2. Ainda hoje, na distância dos anos, o simbolismo amargo e desesperante de *Noite de Pedra* (1955) se revela como «bandeira» por ter sabido dar, na visão objectiva e magoada desse mundo de prisão e opressão em que mergulhou, a imagem mais despojada e próxima de se sentir e estar prisioneiro no Aljube da sua inapagável recordação e revolta:

o prisioneiro é como navio
preso ao cais. Amarras de desterro
com ferrugem de noites a fio
e redes de ferro.

E não permitir, sem apelo nem transigência, que lhe roubassem então o sonho possível de «desenhar uma bicicleta na cela» ou sufocassem a voz que ainda pôde gritar:

aqui é noite, ninguém mora,
deixe esse bom dia lá fora
porque lá fora é que é dia!

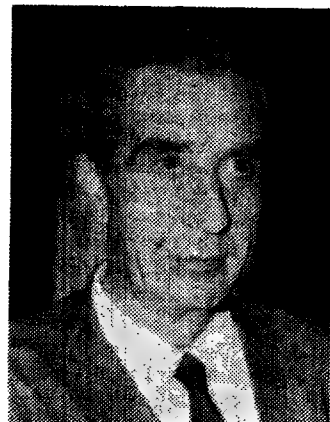
3. E nesse constante e coerente modo de cantar se reinventa em

poemas doridos ou sentidos o discurso poético que se disfarça como «mapa de engenheiro», «grito de planície», «uivo das fábricas», «rosto das crianças», «cume dos andaimes», «grito no medo», «sonho dos domingos» ou mesmo essa «voz de pescador», talvez o pescador à linha que se confessa e se pesca nas linhas de tópicos e trópicos pelas páginas deste mesmo suplemento literário. E a todo o instante por aí estala esse discurso, se torna forte e quase agressivo, se «reinventa» (sempre) no desejo de convidar à comunicabilidade, no entusiasmo de ser essa a «secreta» esperança por outros horizontes de sonhos:

E quando tudo se for
morrer pela madrugada
como a raiz de uma flor
na mão cerrada.

4. Modelando a palavra com a arte de quem, na força do escopro e do cinzel, trabalha a pedra, sabemos hoje como a poética de Luís

Continua na pág. 2

Helmut Newton:
um mundo sem fotografias (1)

Fernando Guerreiro

«As fotografias de moda só muito raramente têm alguma lógica: cada uma delas constitui um momento sem um princípio e sem um fim.»

H. Newton, *World without men*, p. 48(*)

UMA primeira constatação, de início: hoje, é sobretudo na fotografia de moda (ou no trabalho de alguns fotógrafos de moda) que melhor se encontra o efeito de exposição (revelação), esse trabalho de revelação da morte, do negativo, do nu, em fotografia. Quero eu dizer que na fotografia de moda (e também na polaróide e no vídeo — no nu da pornografia e não no do erotismo) (1), devido, talvez, às suas próprias determinações de encomenda (à necessidade dela funcionar num registo — conjunto de parâmetros — muito estreito e preciso), não houve ainda uma sua redução ontológica que a subalternizasse em relação a outros domínios (o real: o «realismo») ou economias (o «efeito de belo» — ou o «estético» propriamente dito). A relação, na fotografia de moda, é imediatamente com o objecto e essa relação não visa tanto imitar (figurar) esse objecto como, por um excesso de reificação/fixismo (um trabalho em volta do objecto que é ao mesmo tempo o da sua decomposição — como todo, figura — naturalista e o do seu estilhaçamento / fragmentação metonímica), provocar, despertar (é esse o efeito, o trabalho do negativo na fotografia) efeitos do objecto em que ele ao mesmo tempo se irregulariza e singulariza. Ou seja, nos seus melhores exemplos (fixar-nos-emos

aqui, no trabalho de H. Newton), esta fotografia não se coloca tanto no plano do verosímil (quer o do belo quer o «realista») como no do verídico. O seu trabalho é, precisamente, o da desconstrução da ordem natural com que se apresenta à figuração, à nomeação, um objecto, colocando-o, ou melhor, remetendo-o de novo para um estado (estatuto) prévio (anterior) ao da sua articulação como Signo.

Estratégia, portanto, de revelação do objecto. O que exige certos processos — o desvio do artifício (só pelo artifício se contraria a imposição do objecto como «coisa natural», como coisa «já nomeada», de que haveria apenas que restituir o sentido).

Na fotografia de H. Newton encontramos, pelo menos, dois princípios que o levam a construir esse desvio de um artifício que nos desequilibra (tanto aquele que vê como o modelo, o objecto) e nos precipita para uma (possível) não coincidência («síntese») dos sentidos. Um princípio de encenação (a fotografia constrói-se como cena, teatro: i.e., organiza o próprio princípio do seu formalismo) e uma determinação de instantaneidade (o que tem a haver não só com o movimento — o modo como ele se inscreve no estatismo do produto, da fotografia — mas também com a percepção: o lugar do Sujeito

Continua na pág. 3



Persa

L. Miranda

O seu halo informe colou-se às paredes foscas dos vidros que o separavam dos tufos de plantas entrecortados por lâminas de luz enquanto a tarde girava eterna sobre a fina porcelana da gema. A sua respiração era água e ao que penso um peixe mergulhava no seu seio e cruzava o infinito com um lento movimento de barbatanas. Disse-me com um vago sorriso no olhar: «Esta tarde eterna passa por cima das franjas da minha morte». Não teria mais de doze anos e ainda brincava com a fragilidade das estrelas no meio dos delírios que o assolavam como as grossas ondas das marés cheias, combinadas com o equilíbrio da lua, cobriam as linhas áticas dos marinheiros. Nunca pude compreender como o seu corpo se distendia e com-

primia em espaços enormes com uma facilidade imensa nem como o seu espírito vogava indiferentemente pelos vários milénios tecidos por vibrações orgânicas.

Uma explosão celular a espinha os nervos a forma de um ser que se multiplicava pelos rios, metais e todas as espécies vivas que cruzavam o pensamento residiam na sua memória presa por um fio ténue que se enrolava aos torsos finos de uma esfinge deitada à porta do deserto.

Cheguei-me mais próximo dos seus lábios para escutar os diluídos sons que a sua voz já não conseguia articular. Fiquei também eu suspenso e a minha inteligência começou a ser invadida por estreitas imagens que apertavam cada vez mais a nossa aproximação. Um fio quase transparente sustinha

todas as forças que concorriam desordenadas à nossa volta em milhares de formas e gestos que se precipitavam contra nós até à exaustão.

Vi então o peixe a brilhar no fundo do seu corpo com uma breve tatuagem inscrita no domínio do sono; vi também esferas brilhantes que reflectiam pontos imensos que gravitavam fora das margens do tempo; vi outras coisas e mais coisas que me dispensei de enunciar. O seu corpo que ora se reduzia a um ponto ora se cobria de dimensões monstruosas parecia-me naqueles últimos momentos singrar como um esquife nas linhas que separavam o mundo invisível das formas visíveis.

No instante em que os vidros deixaram de estar baços estendi precipitadamente o braço e

nesse gesto desesperado derrubei o espelho que se fragmentou no chão em pequenos triângulos irregulares que deixaram de reflectir as linhas translúcidas da minha face.

Então lentamente, como se fosse uma ostra ou uma estrela do fundo do mar, fechei-me entre a pele e sobre o sono deixei que os músculos nadassem pelo infinito.

(*) Este texto faz parte de PERSA, livro de L. MIRANDA recentemente publicado pelos BLACK SUN EDITORES. L. Miranda é também o autor do texto No ano em que Ezra Pound morreu, publicado no LER/ESCREVER de 9/5/85 e que, devido a um percalço técnico, não saiu identificado.



O Camaleão e o tatu

José

Manuel Jara



Certo camaleão andava a passear no chão, a caminho doutra árvore, quando foi interceptado por um tatu. É bicho grande em relação ao camaleão e tem uma forte carapaça óssea, que o protege. Diz o tatu:

- Ó camaleão-camaleão...
- És gago tatu?
- Não me deixaste falar... Porque é que toda a gente usa o teu nome sem tu seres ouvido ou chamado? É muito aborrecido!
- Sei disso, sei disso... A minha cor muda consoante os ambientes ecológicos, nada de mais natural! Olha que não me considero mais esperto do que tu por ter a pele com mais cambiantes!
- Obrigado... Eu tenho a única cor do osso que é duro e dói a quem me ofende. É de tatu!
- Preferias ser figura pública de nome?
- E tu o carapaça sem má fama?
- O arco-íris na pele, sem aproveitamento figurado era isso que eu queria!
- Eu, às vezes, sufoco nesta armadura permanente, em verdade te digo. Queria poder usá-la como uma armadura que se tira e põe.
- A vida assim dispôs pelas circunstâncias sociais adversas, para mim que gosto de ser, o que sou. Para ti só uma grande cirurgia...
- Ó camaleão, consola-me desta grande prisão, dá-me um outro nome que me faça deixar de ser prisioneiro.
- Tatu-camaleão, triste amigo, eu acompanho-te até àquela árvore.



“Amadeo”

«S election: uma obra para premiar não é fácil. A minha escolha recaiu em «Amadeo», de Mário Cláudio. Se é possível justi-

Mário Cláudio

70 anos de vida, sonho e poesia

Continuação da pág. 1

Veiga Leitão se impõe como uma das vozes mais autênticas da moderna poesia portuguesa. Na força e permanência dos seus 70 anos de vida e no sonho de ser poeta, pela clareza do verbo e rigoroso sentido formal, na constância de «reabilitar» o real a que nunca fecha os olhos, a poesia do autor de Ciclo de Pedras avança pelos caminhos do sonho, no canto e descante de uma melopeia feita de palavras e sons que, confundidas as raízes fundas da vida, nos faz entender que esta voz sempre desejou «mudar a vida» e o próprio destino dentro dela:

o inútil
é o útil que pacientemente se espera.

5. Na vitalidade dos seus 70 anos, agora completados, Luís Veiga Leitão está vivo e a sua poética se consoma nesse punhado de poemas que o tempo lhe consentiu: uma obra reduzida, com poucos títulos publicados, mas significativa no panorama da poesia portuguesa. E, sobretudo, sabemos ser uma poesia que permanece como essência e valor de um «discurso» que, pelos ventos da revolta e do protesto, se redime como a expressão maior de um poeta que em nós revive pela leitura dos seus poemas: E, se os anos de vida lhe não pesam, permita o tempo que dessa poética se faça a leitura que desde há muito se impõe e justifica. Sabemos como se não deve enaltecer (ou lamentar) os poetas só depois da sua morte: é em vida, na sua vida, que desejam ter alguma gente a seu lado e saber-se acompanhados pelas mesmas veredas do sonho. Ora, como «referência» na poesia portuguesa pós-anos 60, a poesia de Luís Veiga Leitão diz-nos, desde há anos, que o poeta está vivo e a próxima publicação da sua «obra poética», em edição da Imprensa Nacional, confirmará ser essa obra um dos marcos expressivos da literatura do nosso tempo. Nas razões próprias de ter sabido travar o seu combate com a vida e deixar testemunho de um tempo que «reabilitará» o poeta, sim, se acaso não continuarmos a ser injustos na apreciação global da sua poesia.

Helmut Newton um mundo sem fotografias (I)

Continuação da pág. 1

da percepção desta prática de fotografia).

A **encenação** pode fazer-se de diversos modos (não referiremos todos, procuraremos sobretudo realçar esse princípio de **denotação** da forma ou do formalismo que a estrutura) (2): a) pela relação / articulação entre diversos elementos numa mesma cena, **marcada** como palco ou pano de fundo (uma relação que se processa, desmultiplica, no mínimo, numa base **dupla**: relação entre elementos e relação destes com o palco, fundo, suporte da encenação das figuras) (3); b) pela relação directa de um modelo com um **cenário** (natural ou arquitectónico) que funciona ao mesmo tempo como um «quadro narrativo» e um pano de fundo (4); c) pela relação de um elemento (modelo) com **objectos** (o objecto concentra em si essa dupla função **narrativa** e de pano de fundo) (5).

O que resulta deste efeito de encenação (que, já vimos, pode colocar um elemento **em situação** mas visa, sobretudo, desencadear um **processo**, em aberto, de confrontos e de sentidos)?

Em primeiro lugar, a imagem é deslocada da sua **naturalidade** (ao mesmo tempo do seu **lugar** — de onde ela deveria surgir ou onde ela deveria sempre refluir — e do seu «rostro», «lugar-comum», **figura**); depois, e em consequência dessa **deslocação** (o objecto, o modelo, deixa de coincidir com, corresponder à sua imagem e entre ambos abre-se o declive de um abismo, um intervalo, um **hiato**), no lugar do «mesmo» (do signo, do «já reconhecido») o que vem (se revela?) é um **outro**: i. e., o Sujeito torna-se o lugar de uma **alteridade** que a fotografia não só «encena», produz, mas, o que é mais importante, como uma **prova** ou uma cicatriz / ferida, **fixa**.

O que se passa com o outro (o modelo) é o que se passa comigo — isto é, no processo de revelação da fotografia sou eu que também me fixo. Não é só o outro que se revela como **objecto** (que ele seja um objecto só acentua a sua resistência à minha vontade e a todas as ideologias que, a pretexto da categoria de «pessoa», dele exigem que se **conforme**, contente comigo: que só se pense, tenha sentido, em função de um sis-

tema de **circulação de signos** que, do ponto de vista da função e do sentido, o determina) como sou eu que me descubro como objecto (i.e., como corporalidade, resistência, matéria — apelo, antes ainda de ter sido convertido em signo) (6).

Ao contrário do que parece pretender J. Baudrillard (7), na moda não há tanto um **efeito de simulação** (que levaria à perda da dimensão do objecto ou do referendo), como uma prática (transgressiva) de **violência da própria categoria do Signo** que, e é esse o seu segundo momento (ou contra-partida), também coloca o Sujeito como **objecto** do seu desejo, ou seja, **descentra** a questão do Sujeito como centro das representações (do outro ou do mundo). É essa a experiência (dimensão) em mim do objecto (ou de mim enquanto objecto): só assim como materialidade (uma exterioridade irreductível) me atinjo — quando me coloco como um **outro** em mim próprio (quando em relação ao meu desejo não sou um **nome** mas uma **coisa**) ou quando estabeleço, finalmente, uma relação de **instrumentalidade** comigo (sim, quando me torno um utensílio) (8). Que o outro seja um objecto, eu sou o seu **utensílio** — e nesse plano referencial, aquém dos «Sujeitos» (das suas Representações — que são sempre dos outros, — «figuras»), ao me colocar na **disposição** (horizonte) do outro (ao me tornar o objecto do desejo do outro — uma vez que é o seu desejo que em mim, como objecto, me materializa) sou eu, por fim, que me indico (e atinjo).

Exclusão do campo (de um sujeito — suporte de representações — enquanto objecto) que é ao mesmo tempo a de um **princípio**: o do **normativo** — ou seja, o do olhar (da representação) e o do **masculino** («World without men» convém recordá-lo, é o título deste álbum de fotografias). Exclusão que, é claro, deve ser sempre interpretada **topologicamente** já que se trata, antes de mais, de uma questão de posições (o olhar que se coloca no lugar da Norma — e seja qual for a sua ideologia sexual do «representativo» — é sempre o do masculino) (9). Princípio de que me livro (**indetermino**) ao revestir o estatuto de **utensílio** (ou, em relação a mim mesmo, o do **deictico**): ao colocar-se na 3.^a

pessoa daquilo que em mim só existe à medida do que me «determina» (como funcionalismo ou figura, sentido) me vou **excluindo**.

NOTAS:

(-) Para evitar uma maior dispersão por fotografias incluídas noutras publicações, revistas, centrar-nos-emos, para este art.º, na colectânea: H. Newton, **World without men**, Quartet Books, 1984. Referiremos sempre as fotos pelo número da página em que surgem no livro.

(1) Cf. **Instantanés**, Musée d'Art Moderne, Centre Georges Pompidou, 1980.

(2) Pela acentuação desse formalismo produz-se, por assim dizer, a **suspensão** do plano de conotação; pelo contrário, o pagamento dos índices denotativos **conotaria** a fotografia como uma forma, um sistema de representação, conjunto. Esse efeito de conotação global é assim substituído por uma prática da constante **denotação** (e da redução, concretização formalizante) do «teórico» (do sistema como conjunto). Processo que tem analogias com o modo como procede, em relação ao carácter «imaterial» (abstracto, invisível) da perspectiva, o jogo de espelhos ou a declinação das finuras do maneirismo, em pintura.

(3) Em **interiores**: p. ex., n.ºs 18/9, 28 e 29 — ou **exteriores**: as piscinas (n.º 172/3). O princípio de relacionamento entre figuras não é tanto de **harmonização** como **contraste** (através do jogo entre os diferentes estilos dos vestidos: n.º 18/9), hierático (28) ou mesmo agressivo (29).

(4) Também aqui o princípio de relação é frequentemente o do **contraste**: **decepção** (n.ºs 32, 33 — com um efeito de dupla redução metonímica, a seda das meias nas pernas e as pedras nos edifícios) ou **agressivo** (n.º 25 — o nu como factor de profanação que revela o efeito de néon da auralidade da estátua de Cristo). **Montagem de atrações**, como queria Eisenstein — e que procura despertar um **sensacionismo** (não só uma ligação com os objectos pelas sensações mas uma crítica do real — enquanto interpretação — pelo critério instantâneo dos sentidos).

(5) Objectos que podem surgir em diferentes registos: umas vezes remetem para a **electrónica** (fotos sobretudo dos anos 60, **pop** por excelência: n.ºs 50 e 88), outras vezes têm a haver com uma componente **mecânica**, de mecanização dos sentidos (**carros: sport** — n.º 85 —, mas sobretudo **pesados** — camiões ou rodas: n.ºs 84 e 156-7). Neste conjunto podem-se ainda incluir as **paisagens** que funcionam como objectos: as **eléctricas** (80 e 82) ou as **murais** (em que a noção de arquitectura se reduz à sua forma mais simples, o **muro**: n.ºs 55, 83, 144, 145). Redução, portanto, dos signos (da sua aura, do seu sentido) ao mecânico e ao eléctrico (como estado de tensão, vibratório, dos mecanismos). Compreende-se, assim, que ao mesmo tempo que provoca essa **redução** (esse efeito

de **decepção** dos signos e dos sentidos) o próprio modelo se coloque como **objecto**: i.e., como uma mecânica, coisa, antes ainda de ter sido incluído na linguagem dos outros, no circuito (de troca, permuta) dos signos (e dos sentidos). **Situação limite** que encontramos em duas fotos para a revista **Queen** (de 1968): o cenário é o mesmo (parede de interior com janela aberta ao fundo) e articula os mesmos dois motivos (o modelo e a imagem de um **missil**, que se apercebe pela janela, ao fundo). Representação, por excelência, **limite**: em que o Sujeito nos é dado como o que **resta** (o que se coloca sempre na sua singularidade de coisa distinta) em relação ao próprio espectáculo da abolição dos signos...

(6) Relação que é, ao mesmo tempo, a da revelação do **nu** em fotografia: o **nu**, com efeito, é o que indiciam as roupas (o **nu** como **coisa**) enquanto as roupas, no seu jogo, constituem o mundo (o revestimento) dos signos. Efeito estranhante (e de incerteza) que se aproxima da relação do **nu** como experiência da **alteridade**, tal como é descrita por Emmanuel Levinas em «De l'existence à l'Existant» (Vrin). Para Levinas, a «forma (...) esconde a nudez», pelo que «a relação com a nudez é a verdadeira experiência (...) da alteridade de outrem» (**autrui**) (op. cit., p. 61); deste modo, «a verdadeira nudez (...) não é a ausência de roupas, mas, se se o pode dizer, a própria ausência das formas (a forma seria da ordem do **de-finido** e a nudez do **in-definido**), ou seja, na nudez não se realizaria a «transmutação da exterioridade em interioridade que as formas produzem» (idem, pp 84/5). Através do recurso a efeitos de **acentuação** e de **deformação**, o **particular** (como num **insert**, em cinema, ou um **grande plano**, em fotografia: «o grande plano — escreve Levinas — pára a acção e permite que o particular exista à parte» (por si), que ele «manifeste a sua natureza particular e absurda») manifesta-se como «coisa em si», «exterioridade» e na «nudez do seu ser»: como um **real fragmentário** (as «coisas surgem como se fossem bocados (coisas soltas) — blocos, cubos, planos, triângulos — que se impõem por si mesmos») que na sua precipitação (ao «cair sobre nós») acentua ainda mais a sua **materialidade**, resistência («A descoberta da materialidade do ser não reside na descoberta de uma sua nova qualidade, mas na do seu rumorejar interior», idem pp. 90 a 92).

(7) Para Jean Baudrillard a **nudez** surge como um «super-signo da própria roupa», como um «modelo de simulação do corpo» (em que se perderia, como referente, o sexo ou o próprio corpo) (J. Baudrillard, «La Mode ou la féerie du code», **Traverses** 3); na **moda**, para J.B., multiplicar-se-iam os «efeitos de real» (no sentido de Barthes: elementos que indiciam uma situação ou uma ficção de referencialidade) mas perder-se-ia a própria realidade (que seria sempre já um subsistema de signos, um plano do conotativo).

Nota por escrito

E STAVA eu em Aveiro, um destes dias, quando voz amiga me convidou para acompanhar seis queirosianos do peito numa, não digo romagem, que cheira muito a Alto de S. João, mas numa simples visita ao Fca de Queiros, ou seja, a sua gloriosa casa de Tormes.

Do que foi essa aventura por caminhos de grande beleza e de deficiente sinalização, nada lhes direi, por ora. Apenas lhes direi que chegamos a Tormes ao fim do dia, um dia feito de cristal, sem uma nuvem, enquanto sabíamos que em Lisboa chovia uma data de milímetros de chuva. Esta dita que a fortuna ajuda os audaciosos.

E ali estava a casa de Tormes. Os corações de nos todos deram o sinal, a ciência queirosiana do dr. Dinis Santos deu a certeza: era ela. Ela e as lembranças todas que vinham em tropel, os sabores, os cheiros, as pedras e até os rostos familiares. E pronto. Satisfeita a obrigação feudal, desbarreiradas que fomos diante da Grande Casa, agora era o regresso a penates, a visita propriamente dita ficaria para outra ocasião.

D. Maria da Graça Salema de Castro, actual proprietária da quinta e guardiã minuciosa e atenta da alma queirosiana que ali mora, não o permitiu. Embora exausta por um dia de trabalho intenso, fez questão de nos guiar numa visita inesquecível.

Ver com os nossos próprios olhos a mesa alta onde Fca, de pequena, ficava, com os nossos próprios dedos, a arca de ferro que guardou os preciosos manuscritos, ter, nas nossas próprias mãos, o monoculo através do qual se filtrava toda uma época; atravessar a vasta cozinha, sentir a canja fumegante, o arroz de fava, o vinho caído do alto da infusa; espreitar a paisagem pela mesma janela a que se debruçara Fca de Queiros, etc., etc., todo esse encantamento que os leitores facilmente compreenderão...

Depois da longa, maravilhosa viagem, D. Maria da Graça manifestou-nos a sua decisão de, em tempo oportuno, transformar a Casa de Tormes no centro de uma fundação destinada a aprofundar os aspectos da vida e obra de Fca de Queiros. Ali poderão descansar e trabalhar todos, nacionais e estrangeiros, que se dediquem a estudar o grande romancista.

Brevemente, neste suplemento, por especial deferência de D. Maria da Graça Salema Cabral, daremos notícia desenvolvida do assunto. Falou-se hoje e aqui do amor e da defesa do património cultural desta Patria tão dorida. Não era, pois, por acaso que «Nota por escrito» assumia um ar tão de festa...

MC

de o"

ficar (...) as causas dessa opção, eu apontaria como primeira delas a criativa ambiguidade do último livro de Mário Cláudio. Uma quase biografia que se faz romance, e um texto onde a centralização numa figura histórica real e concreta não impede (pelo contrário: propicia) a pluri-ficação de corpos e objectos, a complexificação do olhar, nosso e do autor, sobre um universo mais largo, tipicamente romanesco». (Excerto da declaração de voto de Maria Lúcia Lepecki, aquando da atribuição do Grande Prémio do Romance e Novela, da APE, a Mário Cláudio, galardão que foi entregue ao escritor no passado domingo, com «pompa e circunstância», em Tróia).

Sempre nos vamos

Nós passamos no que se vai pelo que síncronos somos sempre.

Os dias, pois, não lamentemos que tão céleres se vão...

Com eles vamos e com o mundo estamos a par.

Espanto seria correr o rio ante o nosso parar.

Pedro
Alvim



Helmut Newton um mundo sem fotografias (I)

Continuação da pag. 1

da percepção desta prática de fotografia).

A **encenação** pode fazer-se de diversos modos (não referiremos todos, procuraremos sobretudo realçar esse princípio de **denotação** da forma ou do formalismo que a estrutura) (2); a) pela relação / articulação entre diversos elementos numa mesma cena, **marcada** como palco ou pano de fundo (uma relação que se processa, desmultiplica, no mínimo, numa base **dupla**: relação entre elementos e relação destes com o palco, fundo, suporte da encenação das figuras) (3); b) pela relação directa de um modelo com um **cenário** (natural ou arquitectónico) que funciona ao mesmo tempo como um «quadro narrativo» e um pano de fundo (4); c) pela relação de um elemento (modelo) com **objectos** (o objecto concentra em si essa dupla função **narrativa** e de pano de fundo) (5).

O que resulta deste efeito de encenação (que, já vimos, pode colocar um elemento **em situação** mas visa, sobretudo, desencadear um **processo**, em aberto, de confrontos e de sentidos)?

Em primeiro lugar, a imagem é deslocada da sua **naturalidade** (ao mesmo tempo do seu **lugar** — de onde ela deveria surgir ou onde ela deveria sempre refluir — e do seu «rostro», «lugar-comum», **figura**); depois, e em consequência dessa **deslocação** (o objecto, o modelo, deixa de coincidir com, corresponder à sua imagem e entre ambos abre-se o declive de um abismo, um intervalo, um **hiato**), no lugar do «mesmo» (do signo, do «já reconhecido») o que vem (se revela?) é um **outro**: i. e., o Sujeito torna-se o lugar de uma **alteridade** que a fotografia não só «encena», produz, mas, o que é mais importante, como uma **prova** ou uma cicatriz / ferida, **fixa**.

O que se passa com o outro (o modelo) é o que se passa comigo — isto é, no processo de revelação da fotografia sou eu que também me fixo. Não é só o outro que se revela como **objecto** (que ele seja um objecto só acentua a sua resistência à minha vontade e a todas as ideologias que, a pretexto da categoria de «pessoa», dele exigem que se **conforme**, contente comigo: que só se pense, tenha sentido, em função de um sis-

tema de **circulação de signos** que, do ponto de vista da função e do sentido, o determina) como sou eu que me descubro como objecto (i. e., como corporalidade, resistência, matéria — apelo, antes ainda de ter sido convertido em signo) (6).

Ao contrário do que parece pretender J. Baudrillard (7), na moda não há tanto um **efeito de simulação** (que levaria à perda da dimensão do objecto ou do referendo), como uma prática (transgressiva) de **violência da própria categoria do Signo** que, e é esse o seu segundo momento (ou contra-partida), também coloca o Sujeito como **objecto** do seu desejo, ou seja, **descentra** a questão do Sujeito como centro das representações (do outro ou do mundo). É essa a experiência (dimensão) em mim do objecto (ou de mim enquanto objecto): só assim como materialidade (uma exterioridade irreductível) me atinjo — quando me coloco como um **outro** em mim próprio (quando em relação ao meu desejo não sou um **nome** mas uma **coisa**) ou quando estabeleço, finalmente, uma relação de **instrumentalidade** consigo (sim, quando me torno um utensílio) (8). Que o outro seja um objecto, eu sou o seu **utensílio** — e nesse plano referencial, aquém dos «Sujeitos» (das suas Representações — que são sempre dos outros, — «figuras»), ao me colocar na **disposição** (horizonte) do outro (ao me tornar o objecto do desejo do outro — uma vez que é o seu desejo que em mim, como objecto, me materializa) sou eu, por fim, que me indico (e atinjo).

Exclusão do campo (de um sujeito — suporte de representações — enquanto objecto) que é ao mesmo tempo a de um **princípio**: o do **normativo** — ou seja, o do olhar (da representação) e o do **masculino** («World without men» convém recordá-lo, é o título deste álbum de fotografias). Exclusão que, é claro, deve ser sempre interpretada **topologicamente** já que se trata, antes de mais, de uma questão de posições (o olhar que se coloca no lugar da Norma — e seja qual for a sua ideologia sexual do «representativo» — é sempre o do masculino) (9). Princípio de que me livro (**indetermino**) ao revestir o estatuto de **utensílio** (ou, em relação a mim mesmo, o do **deictico**): ao colocar-se na 3.^a

pessoa daquilo que em mim só existe à medida do que me «determina» (como funcionalismo ou figura, sentido) me vou **excluindo**.

NOTAS:

(1) Para evitar uma maior dispersão por fotografias incluídas noutras publicações, revistas, centar-nos-emos, para este art.º, na colectânea: H. Newton, **World without men**, Quartet Books, 1984. Referiremos sempre as fotos pelo número da página em que surgem no livro.

(2) Cf. **Instantanés**, Musée d'Art Moderne, Centre Georges Pompidou, 1980.

(3) Pela acentuação desse formalismo produz-se, por assim dizer, a **suspensão** do plano de conotação; pelo contrário, o pagamento dos índices denotativos **conotaria** a fotografia como uma forma, um sistema de representação, conjunto. Esse efeito de conotação global é assim substituído por uma prática da constante **denotação** (e da redução, concretização formalizante) do «teórico» (do sistema como conjunto). Processo que tem analogias com o modo como procede, em relação ao carácter «imaterial» (abstracto, invisível) da perspectiva, o jogo de espelhos ou a declinação das finuras do maneirismo, em pintura.

(4) Em **interiores**: p. ex., n.ºs 18/9, 28 e 29 — ou **exteriores**: as piscinas (n.º 172/3). O princípio de relacionamento entre figuras não é tanto de **harmonização** como **contrastivo** (através do jogo entre os diferentes estilos dos vestidos: n.º 18/9), hierático (28) ou mesmo agressivo (29).

(5) Também aqui o princípio de relação é frequentemente o do **contraste: decepçante** (n.ºs 32, 33 — com um efeito de dupla redução metonímica, a seda das meias nas pernas e as pedras nos edifícios) ou **agressivo** (n.º 25 — o nu como factor de profanação que revela o efeito de néon da aurore da estátua de Cristo). **Montagem de atracções**, como queria Eisenstein — e que procura despertar um **sensacionismo** (não só uma ligação com os objectos pelas sensações mas uma crítica do real — enquanto interpretação — pelo critério instantâneo dos sentidos).

(6) Objectos que podem surgir em diferentes registos: umas vezes remetem para a **electrónica** (fotos sobretudo dos anos 60, **pop** por excelência: n.ºs 50 e 88), outras vezes têm a haver com uma componente **mecânica**, de mecanização dos sentidos (carros: **sport** — n.º 85 —, mas sobretudo **pesados** — camiónes ou rodas: n.ºs 84 e 156/7). Neste conjunto podem-se ainda incluir as **paisagens** que funcionam como objectos: as **eléctricas** (80 e 82) ou as **murais** (em que a noção de arquitectura se reduz à sua forma mais simples, o **muro**: n.ºs 55, 83, 144, 145). Redução, portanto, dos signos (da sua aura, do seu sentido) ao mecânico e ao eléctrico (como estado de tensão, vibratório, dos mecanismos). Compreende-se, assim, que ao mesmo tempo que provoca essa **redução** (esse efeito

de **decepção** dos signos e dos sentidos) o próprio modelo se coloque como **objecto**: i. e., como uma mecânica, coisa, antes ainda de ter sido incluído na linguagem dos outros, no circuito (de troca, permuta) dos signos (e dos sentidos). **Situação limite** que encontramos em duas fotos para a revista **Queen** (de 1968): o cenário é o mesmo (parede de interior com janela aberta ao fundo) e articula os mesmos dois motivos (o modelo e a imagem de um **missil**, que se apearce pela janela, ao fundo). Representação, por excelência, **limite**: em que o Sujeito nos é dado como o que **resta** (o que se coloca sempre na sua singularidade de coisa distinta) em relação ao próprio espectáculo da abolição dos signos...

(6) Relação que é, ao mesmo tempo, a da revelação do **nu** em fotografia: o **nu**, com efeito, é o que indiciam as roupas (o nu como **coisa**) enquanto as roupas, no seu jogo, constituem o mundo (o revestimento) dos signos. Efeito estranhante (e de incerteza) que se aproxima da relação do **nu** como experiência da **alteridade**, tal como é descrita por Emmanuel Levinas em «De l'existence à l'existant» (Vrin). Para Levinas, a «forma (...) esconde a nudez», pelo que «a relação com a nudez é a verdadeira experiência (...) da alteridade de outrem» (**autrui**) (op. cit., p. 61); deste modo, «a verdadeira nudez (...) não é a ausência de roupas, mas, se se o pode dizer, a própria ausência das formas (a forma seria da ordem do **de-finido** e a nudez do **in-definido**), ou seja, na nudez não se realizaria a «transmutação da exterioridade em interioridade que as formas produzem» (idem, pp 84/5). Através do recurso a efeitos de **acentuação** e de **deformação**, o **particular** (como num **insert**, em cinema, ou um **grande plano**, em fotografia: «o grande plano — escreve Levinas — pára a acção e permite que o particular exista à parte» (por si), que ele «manifeste a sua natureza particular e absurda») manifesta-se como «coisa em si», «exterioridade» e na «nudez do seu ser»: como um real **fragmentário** (as «coisas surgem como se fossem bocados (coisas soltas) — blocos, cubos, planos, triângulos — que se impoem por si mesmos») que na sua precipitação (ao «cair sobre nós») acentua ainda mais a sua **materialidade**, resistência («A descoberta da materialidade do ser não reside na descoberta de uma sua nova qualidade, mas na do seu rumorejar interior», idem pp. 90 a 92).

(7) Para Jean Baudrillard a **nudez** surge como um «super-signo da própria roupa», como um «modelo de simulação do corpo» (em que se perderia, como referente, o sexo ou o próprio corpo) (J. Baudrillard, «La Mode ou la fêerie du code», **Traverses** 3); na **moda**, para J.B., «multiplicar-se-iam os «elementos de real» (no sentido de Barthes: elementos que indiciam uma situação ou uma ficção de referencialidade) mas perder-se-ia a própria realidade (que seria sempre já um subsistema de signos, um plano do conotativo).

Nota por escrito

ESTAVA eu em Aveiro, um destes dias, quando voz amiga me convidava para acompanhar seis queirosianos do peito numa, não digo romagem, que cheira muito a Alto de S. João, mas numa simples visita ao Eça de Queiros, ou seja, à sua gloriosa casa de Tormes.

Do que foi essa «aventura» por caminhos de grande beleza e de deficiente sinalização, nada lhes direi, por ora. Apenas lhes direi que chegamos a Tormes ao fim do dia, um dia feito de cristal, sem uma nuvem, enquanto sabíamos que em Lisboa caia uma data de milímetros de chuva. Está dito que a fortuna ajuda os audaciosos.

E ali estava a casa de Tormes. Os corações de nós todos deram o sinal, a ciência queirosiana do dr. Dinis Santos deu a certeza: era ela. Ela e as lembranças todas que vinham em tropel, os sabores, os cheiros, as pedras e até os rostos familiares. E pronto. Satisfeita a obrigação feudal, desbarretados que fomos diante da Grande Casa, agora era o regresso a penates, a visita propriamente dita ficaria para outra ocasião.

D. Maria da Graça Salema de Castro, actual proprietária da quinta e guardiã minuciosa e atenta da alma queirosiana que ali mora, não o permitiu. Embora exausta por um dia de trabalho intenso, fez questão de nos guiar numa visita inesquecível.

Ver com os nossos próprios olhos a mesa alta onde Eça, de pé, escrevia; tocar, com os nossos próprios dedos, a arca de ferro que guardou os preciosos manuscritos; ter, nas nossas próprias mãos, o monóculo através do qual se filtrava toda uma época; atravessar a vasta cozinha, sentia a canja fumegante, o arroz de favas, o vinho caído do alto da infusa; espreitar a paisagem pela mesma janela a que se debruçara Eça de Queiros, etc., etc., todo esse encantamento que os leitores facilmente compreenderão...

Depois da longa, maravilhosa viagem, D. Maria da Graça manifestou-nos a sua decisão de, em tempo oportuno, transformar a Casa de Tormes no centro de uma fundação destinada a aprofundar os aspectos da vida e obra de Eça de Queiros. Ali poderão descansar e trabalhar todos, nacionais e estrangeiros, que se dediquem a «estudar» o grande romancista.

Brevemente, neste suplemento, por especial deferência de D. Maria da Graça Salema Cabral, daremos notícia desenvolvida do assunto. Falou-se hoje e aqui do amor e da defesa do património cultural desta Pátria tão dorida. Não era, pois, por acaso que «Nota por escrito» assumia um ar tão de festa...

MC

ção

ficar (...) as causas dessa opção, eu apontaria como primeira delas a criativa ambiguidade do último livro de Mário Cláudio. Uma quase biografia que se faz romance, e um texto onde a centralização numa figura histórica real e concreta não impede (pelo contrário: propicia) a pluri-ficação de corpos e objectos, a complexificação do olhar, nosso e do autor, sobre um universo mais largo, tipicamente romanesco». (Excerto da declaração de voto de Maria Lúcia Lepecki, aquando da atribuição do Grande Prémio do Romance e Novela, da APE, a Mário Cláudio, galardão que foi entregue ao escritor no passado domingo, com «pompa e circunstância», em Tróia).

Sempre nos vamos

Nos passamos no que se vai pelo que síncronos somos sempre.

Os dias, pois, não lamentemos que tão céleres se vão...

Com eles vamos e com o mundo estamos a par.

Espanto seria correr o rio ante o nosso parar.

Pedro
Alvim



AS LETRAS EM DIA • AS LETRAS EM DIA



Outro lançamento das Publicações Europa América: «Dianética: a Ciência Moderna da Saúde Mental», de L. Ron Hubbard. Trata-se de uma obra que tem 35 anos e edições que somam milhões de exemplares em todo o Mundo. Hubbard desenvolveu a Dianética (do grego: «através da mente») para ajudar as pessoas a controlarem a sua mente reactiva e a gozarem o máximo das suas vidas. Há milhares de pessoas pelo Mundo fora a praticarem Dianética e a produzirem «claros», isto é, pessoas libertas de todas as dores físicas e emoções dolorosas através da tecnologia de Hubbard.

Um problema insolúvel John C. Blood

O matemático Salomon Cranach (segundo os genealogistas, descendente do famoso pintor) levou os seus erros metafísicos (a que os contemporâneos chamaram «extravagâncias») ao ponto de dizer que dois e dois eram cinco. Nada menos que cinco tratados, de cerca de quatrocentas páginas cada, justificam esta bizarra teoria — justificando, ao mesmo tempo, o esquecimento em que jazem nos depósitos de várias bibliotecas europeias. A tal ponto o desconsideraram que, praticamente, ninguém saía a terreno para o refutar — nem com um simples artigo de jornal.

E, no entanto, os argumentos de Cranach tinham, por detrás, a mais sólida das argumentações. Ouçamo-lo:

«A soma de 1 mais 1, mais 1, mais 1, que dá irrefutavelmente 4, deverá acrescentar-se a própria unidade, de onde resulta não menos irrefutavelmente 5.» («Geometria Filosófica», Heidelberg, 1867, pág. 356).

No artigo que a monumental «Encyclopedia Ghermanica» lhe dedica (ao todo, são três linhas em corpo miúdo), lê-se:

«Cranach, Salomon (1832-?), matemático, etc.» O por menor que chamou a atenção dos investigadores foi a ausência de data da morte. A única hipótese apontada com alguma verosimilhança refere as experiências a que, depois de publicado o quarto tomo da sua obra, se dedicou: construía um aparelho que, dizia ele, lhe permitiria atingir a quinta dimensão. Após o seu desaparecimento, a única coisa que encontraram no seu quarto foi esse aparelho — ou o seu esqueleto: quatro tábuas calcinadas no interior de uma esfera de cobre.

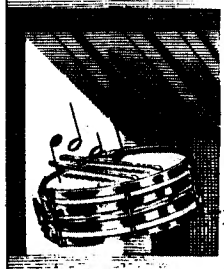
Removidos os restos (note-se que, no aparelho, mal caberia um gato), caiu uma figura, de uma substância parecida com gesso, que reproduzia, fielmente, o corpo do matemático. Essa figura, conservada no

Museu da Ciência de Berlim, desapareceu no devastador incêndio que consumiu uma das alas do edifício há cerca de vinte anos.

Oxford, 10 de Agosto de 1908.

(*) (Este texto, encontrado

num caderno escolar de Blood é, sem dúvida, um apontamento destinado a integrar uma «História Universal da Matemática» que o escritor projectava)



ESTANTE INFANTIL



TÍTULO — Histórias para brincar

AUTOR — Gianni Rodari

ILUSTRADOR — Gianni Peg

EDITOR — CÍRCULO DE LEITORES

Uma poderosa força no campo editorial português como é o Círculo de Leitores acaba de tomar a iniciativa de programar edições infantis e juvenis. Fá-lo com rigor e seriedade, seriando a leitura por níveis etários. Fá-lo igualmente com uma apresentação extremamente cuidada: os livros são encadernados, com a mancha de escrita adequada à idade dos leitores. Finalmente, mas não no fim, é de excepção qualidade a literatura oferecida.

A sua colecção ARLEQUIM, para leitores até aos oito anos abre com o livro HISTÓRIAS PARA BRINCAR. O seu autor, Gianni Rodari, nasceu na Itália em 1920 e é jornalista de profissão. Histórias para brincar constituíram um grande êxito junto das crianças. De tal modo que Rodari não mais deixou de escrever para crianças. Esperemos que o Círculo de Leitores nos venha a oferecer um dia as FÁBULAS AO TELEFONE, também de Gianni Rodari, outro dos seus grandes êxitos.

O que desde logo chama à vista é o próprio título da obra. Na verdade, estas histórias querem assumir-se como brinquedos, como objectos de entretenimento?

De facto, assim é. São brinquedos dirigidos à inteligência, essa imaginação vigilante, das crianças. Propõem-lhes o seguinte jogo:

Gianni Rodari esboça durante quatro páginas o corpo de uma história. Suspende depois a trajectória narrativa e escreve três finais diferentes. O jogo consiste em a) levar o leitor a escolher o seu final; b) a justificar essa escolha, que tem de estar de acordo com o carácter das personagens e das situações da história-base; c) a comparar o seu final com o final que o autor escolheria e que é apresentado no fim do volume. Além disso, os leitores podem escolher outro final, imaginar outros muitos finais. Nisto reside a brincadeira, este é o jogo.

Vejam os vinte histórias deste livro.

Paulo, um rapazinho corajoso, decide dar uma volta à cidade. Para isso, desenha um grande círculo na planta da cidade e segue-o escrupulosamente. Tem de saltar muros, ladear rios, escalar prédios...

Finalmente encontra-se diante de um enorme monumento. Que fará ele? Subirá o monumento? Vai ladeá-lo? **Primeiro Final** — A convite do herói, sobe para o cavalo e, olhando a beleza da cidade, esquece-se do seu projecto... **Segundo Final** — A grandeza do projecto fá-lo vacilar. Era uma utopia. Regressa pura e simplesmente para casa. **Terceiro Final** — Uma criança perdida pede-lhe que a leve a casa de seus pais, algures na cidade...

Vejam agora a discussão proposta por Gianni: «O primeiro final é para os sonhadores e o segundo para os pessimistas. Sou a favor do terceiro, pois agrada-me que o Paulo sacrifique o seu sonho pessoal, pelo mas abstracto, para ajudar de modo concreto quem tem necessidade dele.»

Claro que as decisões são motivo de controvérsia, e nisso está um dos seus maiores encantos.

Estas «Histórias para brincar» destinam-se a leitores até aos oito anos. Pelo interesse que me despertaram, quero lá ver que embarquei na máquina do tempo...

Mário Castrim

Antena Um

16.00: Musicomania; **17.50:** Informação regional; **18.05:** A gaita dos sete foles; **19.00:** Informação e música; **20.00:** Musical; **20.20:** No estúdio e no estúdio; **20.35:** Música portuguesa; **21.00:** A viver também se aprende; **21.30:** Noites de luar; **23.30:** Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: A música de piano na era romântica; **16.00:** Música do século XX; **16.30:** Solos de viola dedilhada; **16.45:** Música de ópera; **17.00:** Ciclo Beethoven; **17.40:** «Concerto Grosso», op. 6, n.º 9, em fá maior, de Haendel; **18.00:** Poesia; **18.05:** Música vocal; **18.40:** Música de tecla; **19.00:** Música; **19.30:** A voz da cidade; **20.00:** Música de câmara; **20.40:** «Sinfonia Filadéfica», op. 28, de Einem; **21.00:** Antologia dos músicos portugueses; **21.30:** Música; **23.45:** Solos instrumentais; **00.25:** Canções; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00:** Rápido das cinco; **19.00:** Caras e coraças; **20.00:** Conta corrente; **21.00:** Espaço Informação; **21.30:** Quando o telefone toca; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Programas religiosos; **22.30:** Tempo de desporto; **23.00:** 24.ª hora; **01.00:** Passa-tempo; **02.00:** No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00:** Som da frente; **17.00:** Pé de vento; **18.00:** Circulo em FM; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Nova geração; **21.00:** Jazzofone; **22.00:** Símbolos do tempo; **23.00:** Country music; **24.00:** Ondas luisianas; **02.00:** No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Meia-tarde; **16.00:** Rua Capelo; **18.00:** Jornal das regiões; **18.30:** Transmissão do terço; **19.30:** Memorando; **20.00:** Programa da LARR; **20.30:** Universidade na Rádio; **21.00:** Horizonte; **22.00:** Quando o telefone toca; **22.30:** Diário do desporto; **23.00:** Clube dos colecionadores; **24.00:** Sessão da meia-noite; **02.00:** Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00:** A cor do som; **18.00:** Entre-Campos; **19.30:** Transmissão do terço; **20.00:** Serra de estrelas; **21.00:** Porto belo; **22.00:** Oceano Pacífico; **24.00:** Último metro; **02.00:** Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.



18.00 — «Tempo dos Mais Novos»

Hoje, as Aventuras de Marco Polo (em reprise) e mais um episódio de Yakari.

18.35 — «Notícias»

Primeira síntese informativa do dia.

18.55 — «Desporto»

Em debate mais um tema de actualidade desportiva.

19.20 — «Gente Singular»

Vamos descobrir, com a ajuda do cantante Júlio Pereira, como se constrói um cavaquinho. A realização é de Alfredo Tropa.

20.00 — «Telejornal»

A informação do País e do estrangeiro nas últimas vinte e quatro horas.

20.25 — «Boletim Meteorológico»

Previsão real, ou apenas um pouco do que nós gostaríamos de ouvir acerca do tempo que passa?...

20.35 — «A Sucessora»

Lúcia discute com Marina, dizendo que ela não é sucessora de Alice, mas uma usurpadora e que ela vai para Paris com uma parte do segredo que poderia resolver os problemas de Marina.

Filomena leva a menina Alice a visitar Marina ao saber que ela deu férias a Juliana e que brigou com Lúcia. Luísa chega a casa de Pedro Monte, dizendo que conheceu lugares lindos. Marina surpreende-se ao ver Roberto contando histórias a Alice e fica emocionada.

António combina com Isabel ir no domingo de Páscoa à fazenda para conversar com seu pai. Miguel convida Guilhermina e Luísa para lancharem numa confeitaria na cidade. Germana recusa-se a ir ao Cassino com Vasco, mas ele resolve ir sozinho e ela fica furiosa. Pedro Monte encontra Miguel, Guilhermina e Luísa na confeitaria e senta-se com eles.

21.15 — «Triangular»

O contrabando e o mundo dos seus interesses, a vigilância da zona económica exclusiva portuguesa



«A Sucessora», a tal novela...

Os «putos» perdoarão à RTP a repetição de «Marco Polo»?



Esta noite, mais uma estreia: «Sede de Vingança (RTP-1)

e a polémica questão do futuro controlo militar da Península Ibérica.

22.20 — «Sede de Vingança»

Primeiro episódio: oito anos atrás, Frank, Vic, Ralph, Bernie e Billy foram apanhados em flagrante quando se preparavam para assaltar um Banco. Tudo fora meticulosamente planeado, mas alguém os denunciara. Frank, agora posto em liberdade, dirige-se a casa. Mas em oito anos tudo mudara... Intérpretes: Tom Bell, Frank Mills, Oscar James, Peter Blake, John Junklin, Brian Croucher, Lynn Farleigh, Maurice O'Connell, Norman Rodway, Ann Michelle Margaret Heald.

Realização: Jim Goddard.

23.15 — «Último Jornal»



19.30 — «Desenhos Animados»

As novas aventuras do Super-Homem.

19.50 — «O Expresso dos Animais»

Este episódio leva-nos aos bastidores do infanário do Zoo onde várias crias rejeitadas à nascença são criadas fora das mães. Mostra-nos ainda os cavalos miniatura — e o nascimento de um deles. Por último, teremos duas lontras malaias instaladas em Otter ville, o «habitat» criado propositadamente para elas.

20.20 — «Conheça Melhor»

«As Tradições Alemãs — As Tílias»: este programa ocupa-se das tílias — árvores que sempre tiveram e continuam a ter um papel preponderante para os alemães. Este passeio na RDA será acompanhado por canções diversas que se inspiram precisamente nestas árvores, quase sempre presentes nos contos e lendas alemãs.

20.50 — «História de Amor e Amizade»

Cesare continua a vender ferro-velho, enquanto Davide progride na sua carreira de pugilista. Finalmente casa-se com Sara. Têm um filho. Ele conquista o título de campeão de Itália na mesma altura em que Cesare é preso, porque, tal como seu pai, é socialista, numa altura em que tal não é permitido.

21.45 — «Da ... Música»

Programa preenchido com a interpretação de obras de Rameau.

22.35 — «Jornal da Noite»

AMANHÃ

RTP-1

12.00 — «Das 12 às 13»
13.00 — «Vila Faia»
13.35 — «Ciclo Preparatória TV»
18.00 — «Tempo dos Mais Novos»
18.45 — «Magazine Cultural»
20.30 — «A Sucessora»
21.15 — «Columbo»
20.40 — «Tempo(s) de Coimbra»

RTP-2

19.30 — «Desenhos Animados»
19.55 — «Uma História de Amor»
21.00 «Directo/2»

CLÍNICA DE TENSÃO A CORES
SOS
CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTÁÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13B • R. de Macau, 8-1 • LISBOA

SE QUER BEBER, O PROBLEMA É SEU

Se quer parar de beber o problema é nosso. Venha falar connosco, venha a uma reunião dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

2.ª, 4.ª, 6.ª às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



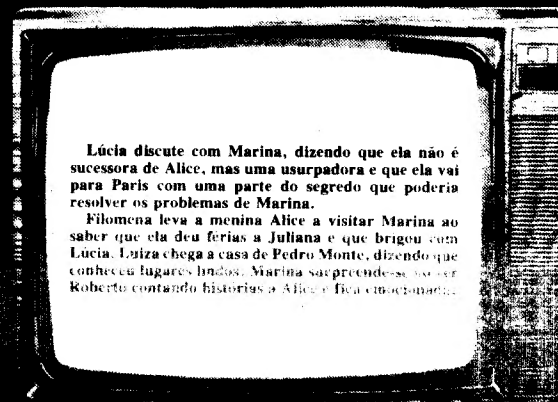
22.20 — «Sede de Vingança»



19.50 — «O Expresso dos Animais»

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



Lúcia discute com Marina, dizendo que ela não é sucessora de Alice, mas uma usurpadora e que ela vai para Paris com uma parte do segredo que poderia resolver os problemas de Marina.
Filomena leva a menina Alice a visitar Marina ao saber que ela deu férias a Juliana e que brigou com Lúcia. Luísa chega a casa de Pedro Monte, dizendo que conheceu lugares lindos. Marina surpreende-se ao ver Roberto contando histórias a Alice e fica emocionada.